

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

O ESTADO DA ARTE DA AGROECOLOGIA NA UFRRJ
COM ENFOQUE NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS EM
AGROECOLOGIA NA PÓS GRADUAÇÃO

BEATRIZ RIBEIRO GUIMARÃES

2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA**

**O ESTADO DA ARTE DA AGROECOLOGIA NA UFRRJ COM
ENFOQUE NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS EM
AGROECOLOGIA NA PÓS GRADUAÇÃO**

BEATRIZ RIBEIRO GUIMARÃES

Sob a orientação da professora
Dra. Lia Maria Teixeira de Oliveira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ.
Janeiro de 2017**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R963e RIBEIRO GUIMARÃES, BEATRIZ, 1982-
O ESTADO DA ARTE DA AGROECOLOGIA NA UFRRJ COM
ENFOQUE NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS EM AGROECOLOGIA NA PÓS
GRADUAÇÃO / BEATRIZ RIBEIRO GUIMARÃES. - 2017.
124 f.

Orientadora: Lia Maria Teixeira de Oliveira.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA, 2017.

1. Agroecologia. 2. Pós-Graduação. 3. Estado da Arte
ou do Conhecimento. I. Maria Teixeira de Oliveira,
Lia, 1960-, orient. II Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

BEATRIZ RIBEIRO GUIMARÃES

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 21/02/2017.

Lia Maria Teixeira de Oliveira, Profa. Dra. UFRRJ

Ramofly Bicalho dos Santos, Prof. Dr. UFRRJ

Viviane Cristina Silva Lima, Profa. Dra. FAETEC-RJ

DEDICATÓRIA

Dedico todos os meus esforços ao hoje mentor da minha vida na Terra, ao meu filho Vicente Ribeiro Guimarães.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu mestre e aos meus guias espirituais que permitem que tudo aconteça dentro dos planos traçados. Especialmente ao meu filho por diariamente me ensinar uma nova lição e me encorajar para não desistir de nenhuma das ações a que me propus.

Aos meus pais por terem proporcionado tudo até aqui, sem medir esforços para que eu alcance meus objetivos.

Aos amigos, deixo meu carinhoso gesto de agradecimento por cada situação vivida até aqui. Em especial, agradeço aos amigos do “Bando Social” que ao longo de dois anos se manteve unido, em apoio e solidariedade uns aos outros, nessa jornada que é um mestrado acadêmico.

Aos que estiveram presentes na caminhada, profissional e pessoalmente, Edilene Lagedo Teixeira e Tarci Gomes Parajara, deixo meu carinho e minha admiração. Não diferente, minha eterna gratidão à Rosane Celeste Dias Reis.

Agradeço imensamente ao tempo, ao cuidado, ao carinho, à paciência e à sabedoria da minha orientadora Lia Maria Teixeira de Oliveira, que me apoiou do início ao fim desta caminhada.

RESUMO

Guimarães, Beatriz R. **O estado da arte da agroecologia na UFRRJ com enfoque nas produções acadêmicas em agroecologia na pós graduação.** 2017. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2017.

Esta pesquisa foi realizada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O principal objetivo foi pesquisar o Estado do Conhecimento da Agroecologia em nível de pós-graduação, através de um levantamento bibliográfico das produções acadêmicas que tenham enfoque em agroecologia. Visando atingir os objetivos, fez-se uma busca acerca da atual situação da Agroecologia na Educação, onde foram identificadas instituições que oferecem os cursos em nível técnico, superior e pós-graduação. Além disso, a pesquisa inclinou-se nas buscas históricas da Agroecologia na UFRRJ a fim de caracterizar a Universidade como uma das pioneiras neste campo da ciência. Para tanto, foram localizados atores de fundamental importância do decorrer de aproximadamente três décadas de dedicação, estudo e prática da Agroecologia, incluindo pesquisadores, extensionistas, ex-alunos e professores. Por fim, através de busca de dados e pesquisa in loco, foram feitos levantamentos das dissertações e teses defendidas e publicadas nesta Universidade que contemplem a Agroecologia como seu enfoque principal. Durante a pesquisa foram realizadas entrevistas com professores atuantes, aposentados ou não, componentes do corpo docente da universidade, ou que fizeram parte de um grupo de construção do saber da agroecologia e que atualmente atuam em áreas afins, em diferentes locais. Para o levantamento de dados foram usados os sites relacionados com o Ministério da Educação, como SISTEC (Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica), Portal CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e Plataforma Sucupira, além das pesquisas nos sites da Universidade e na Biblioteca Central da UFRRJ. Os resultados da pesquisa apontam que há uma continuidade do trabalho iniciado através do movimento estudantil, na década de 60, que discutia os caminhos reversos ao do crescimento econômico através da expansão do agronegócio e seus impactos. Constata-se que embora muito se tenha conquistado, em nível de reconhecimento acadêmico, se comparado ao início da pesquisa acerca do tema, a Agroecologia ainda não se consolidou nos vieses da universidade. Porém, os ideais se perpetuam, e as conquistas vão sendo percebidas em longo prazo. Determina-se, ainda, que muito embora se produza academicamente sobre Agroecologia na Universidade, perde-se no reconhecimento e na contribuição deste tema em relação às referências nacionais, posto que, de acordo com as pesquisas realizadas, a Universidade deixa de se fazer presente nas principais listagens de instituições que oferecem ensino em Agroecologia, por esta constar como área de conhecimento ou por fazer referência a diferentes nomenclaturas.

Palavras-Chave: Agroecologia, Pós-Graduação, Estado da Arte ou do Conhecimento

ABSTRACT

Guimarães, Beatriz R. **The state of the art of agroecology at the UFRRJ with focus on the academic productions in agroecology at postgraduate level.** 2017. 124p. Dissertation (Master in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2017.

This research was carried out at the Federal Rural University of Rio de Janeiro. The main objective was to research the State of Agroecology Knowledge at the postgraduate level, through a bibliographical survey of the academic productions that focus on agroecology. Aiming at reaching the objectives, a search was made about the current situation of Agroecology in Education, where institutions were identified that offer the courses at a technical, higher and postgraduate level. In addition, the research was inclined in the historical searches of Agroecology at UFRRJ in order to characterize the University as one of the pioneers in this field of science. To this end, actors of fundamental importance were located in the course of approximately three decades of dedication, study and practice of Agroecology, including researchers, extensionists, alumni and teachers. Finally, through data search and in loco research, surveys of the dissertations and theses defended and published in this University have been made that contemplate Agroecology as its main focus. During the research, interviews were conducted with working teachers, retired or not, faculty members of the university, or who were part of a group of knowledge construction of agroecology and currently work in related areas in different places. In order to collect data, we used the sites related to the Ministry of Education, such as SISTEC (National Information System for Professional and Technological Education), Portal CAPES (Coordination for Improvement of Higher Level Personnel) and Sucupira Platform, as well as researches in University sites and the UFRRJ Central Library. The results of the research indicate that there is a continuity of work initiated through the student movement in the 60s, which discussed the reverse paths to economic growth through the expansion of agribusiness and its impacts. It is observed that although much has been achieved, in terms of academic recognition, compared to the beginning of research on the subject, Agroecology has not yet consolidated in the biases of the university. But ideals perpetuate themselves, and achievements are perceived in the long run. It is also determined that although it is produced academically on Agroecology in the University, it is lost in the recognition and contribution of this theme in relation to the national references, since, according to the research carried out, the University is no longer present in the main listings of institutions that offer teaching in Agroecology, because it is listed as an area of knowledge or because it refers to different nomenclatures.

Key Words: Agroecology, Postgraduate, State of the art or Knowledge

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 CAPÍTULO I AGROECOLOGIA COMO CIÊNCIA E PRÁTICA SOCIAL.....	5
1.1 Agroecologia: uma ciência em construção.....	6
1.2 Agroecologia e o Saber Ambiental: Uma Abordagem Conceitual.....	11
1.3 Transição Agroecológica: do Conhecimento à Prática	21
1.3.1 Das revoluções da agricultura dos tempos modernos à agroecologia	21
1.3.2 A dialética agroecológica	23
2 CAPÍTULO II A AGROECOLOGIA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA NO BRASIL	30
3 CAPÍTULO III O ESTADO DA ARTE DA AGROECOLOGIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ).....	39
3.1 Um Breve Histórico da Agroecologia na UFRRJ: O GAE e a Fazendinha Agroecológica, Baseado Na Leitura De Carmen Oliveira Frade	42
3.1.1 GAE – Grupo de Agricultura Ecológica.....	42
3.1.2 SIPA – Sistema Integrado De Produção Agroecológica	44
3.2 A Produção Acadêmica Em Agroecologia na UFRRJ	45
3.2.1 Agroecologia e o ensino médio	45
3.2.2 Agroecologia e a graduação	47
3.2.3 Agroecologia e a pós-graduação.....	48
4 CAPITULO IV CONSOLIDAÇÃO DA AGROECOLOGIA NA UFRRJ: um olhar sobre a construção dessa história	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:	58
6 REFERÊNCIAS	60
7 ANEXOS	66
Anexo A. Entrevistas.....	67
Anexo B. Produções acadêmicas relacionadas à Agroecologia da UFFRJ.....	87

INTRODUÇÃO

As relações do homem com o ambiente e a natureza tem sido objeto de estudo há algumas décadas, conforme estudos dos autores tais como Altieri (1989), Jesus (1985), Diegues (2000), Mello & Trajber (2007), Souza e colaboradores (2011), dentre outros. Essas relações são questionadas no que se refere às suas consequências nos seus aspectos negativos, na busca de soluções para tais. A partir destas inquietações e contestações mobilizaram-se sujeitos e instituições com propósitos de estudos e pesquisas voltando-se para ações de mitigação, proteção e conservação ambiental.

Nessa perspectiva, a Educação Ambiental (EA) ocupa um espaço central nos processos educativos das mais variadas fontes de pesquisa, tornando-se um tema de alta relevância, tendo em vista as crescentes preocupações no que se refere ao bem estar físico e social das gerações atuais e futuras. É o que nos fala Trevisol:

A EA não é um tema qualquer que pode ser adiado ou relegado a segundo plano. Trata-se de uma necessidade histórica latente e inadiável, cuja emergência decorre da profunda crise socioambiental que envolve nossa época. Educar para a sustentabilidade tornou-se um imperativo, sobretudo porque as relações entre sociedade e natureza agravaram-se, produzindo tensões ameaçadoras tanto para o homem quanto para a biosfera. (TREVISOL, 2003, p 93).

A EA vem sendo incorporada em diferentes âmbitos como uma prática inovadora embora no Brasil ainda esteja fragilizada pelas políticas educacionais. De acordo com Ritter:

A educação ambiental embasada em uma abordagem teórica socioambiental ou crítica tem por objetivo a formação política de cidadãos, visando sua participação ativa e efetiva nos processos de formulação e implementação de políticas públicas, voltadas para a reversão do quadro de degradação socioambiental. Em síntese, o desafio consiste em mudar a relação sociedade e recursos naturais, o que exige simultaneamente o desenvolvimento sustentável e a incorporação da agroecologia nos modelos agrícolas atuais. Por outro lado, é inconcebível defender mudanças ecológicas no setor agrícola sem defender mudanças similares em outras áreas da sociedade que estão inter-relacionadas. Em geral, podemos dizer que a condição essencial para essa agricultura sustentável e, por extensão, de uma sociedade sustentável, é a existência de um ser humano evoluído, cuja atitude em relação à natureza seja de coexistência com a mesma e não de exploração da mesma. (RITTER, 2013, p.14-15)

Acredita-se que a EA compreende as ações preocupadas com a formação do indivíduo, na construção de valores e suas práticas cotidianas em função da relação consigo e com o mundo. Exigindo mudanças comportamentais, culturais e sociais que agreguem real valor à prática dos modelos de agricultura que propendam a sustentabilidade e a preservação.

Estes apanhados se inserem no contexto que norteia a prática agroecológica e seus princípios. Prática esta que se baseia em uma agricultura que busca a capacidade de se sustentar ao longo do tempo e garantir a qualidade de vida e a preservação ambiental, naquilo que se refere à sobrevivência e permanência das espécies na natureza, a segurança alimentar dos seres humanos e a saúde dos seres que a constituem. A Agroecologia desempenha um papel fundamental junto à produção do conhecimento acerca da agropecuária, explicitando as questões da natureza e suas relações antrópicas que tencionam o meio socioambiental e natural. A Educação Ambiental permite a

construção de novas posturas e ressignificando ideais e práticas que foram construídos no período da tecnificação da agricultura que visava a modernização do campo.

Sob este aspecto, de acordo com a publicação da Cartilha Agroecológica do Instituto Giramundo Mutuando (2005) a agroecologia, como nova ciência, vem incorporar elementos de diversas ciências, como a ecologia, a sociologia, a antropologia, a geografia, a pedagogia e, porque não dizer, da Educação Ambiental como tema recorrente na atualidade, embora não seja ciência, mas sim política educacional.

No que se refere ao ensino agroecológico, é possível perceber que as mudanças nos conceitos de construção da agricultura, voltando-se para o enfoque da preservação ambiental pode proporcionar uma melhor qualidade de vida para agricultores e consumidores finais. Unir segurança alimentar, meio ambiente e cidadania à discussão do desenvolvimento sustentável da agricultura, no que se refere às práticas que garantam o subsídio e a soberania alimentar sem prejudicar o meio ambiente e as gerações subsequentes, é o alicerce na garantia da qualidade de vida das populações humanas e da natureza.

Para Caporal (2004), o termo Agroecologia tem ocupado um espaço muitas vezes errôneo dentro da compreensão social a que ele se refere. O autor busca diferenciar o termo agroecologia tratado sob diferentes aspectos do seu real significado, que se apresenta como uma ciência na qual se estruturarão as agriculturas sustentáveis.

Desta forma, o autor salienta ainda que há de se considerar que a agroecologia não é um modelo de agricultura ou uma política pública, tampouco uma linha de oferta de produtos “limpos”, é sim um conjunto de idéias e estratégias que visam a utilização de estilos de agricultura sustentáveis que corroborem com o desenvolvimento rural visando a sustentabilidade. E destaca ainda que uso de interpretações errôneas acerca do termo reduzem consideravelmente a amplitude e a potencialidade da Agroecologia frente aos processos de desenvolvimento rural sustentável.

A agroecologia propõe, de acordo com seus fundamentos filosóficos e suas vertentes e princípios, que a produção agrícola seja realizada como fins de subsistência e buscando qualidade de vida, o que não implica em obrigatoriedade de produção em pequena escala e não restringe a produção agrícola ao modelo orgânico. A filosofia apresentada nos modelos agroecológicos de produção, embora os conceitos de agroecologia ainda não estejam consolidados, se fundamenta especialmente no resgate cultural e ecológico da produção agrícola. Além disso, o surgimento da Agroecologia propõe discussões que abordem as questões atuais sobre a permanência camponesa no seu espaço social diante da hegemonia imposta pelo agronegócio. (GUHUR & TONÁ, p. 60, 2012)

Miguel Altieri, em 2006, esclarece que:

A Agroecologia oferece conhecimentos e as metodologias necessárias para desenvolver uma agricultura que seja, por um lado, ambientalmente adequada e, por outro, altamente produtiva, socialmente equitativa e economicamente viável. Através da aplicação dos princípios agroecológicos, poderão ser superados os desafios básicos na construção de agriculturas sustentáveis, ou seja: fazer um melhor uso dos recursos internos; minimizar o uso de insumos externos; reciclar e gerar recursos e insumos no interior dos agroecossistemas; usar com mais eficiências as estratégias de diversificação que aumentem o sinergismo entre os componentes-chave de cada agroecossistema. (ALTIERI, 2006, p.7)

O autor defende a prática agroecológica como uma maneira de sobrepor os atuais problemas enfrentados pela humanidade, tanto no que diz respeito ao cunho

ambiental, quanto ao social. A agricultura convencional acarretou sérios prejuízos ao homem e à natureza, tais como: o uso indiscriminado dos insumos químicos artificiais na produção agrícola, que provocou sérios desgastes ao Meio Ambiente e à saúde humana, além do prejuízo ao solo. Sendo assim, a agricultura convencional e extensiva não tem garantido segurança alimentar e tão pouco melhorias significativas na qualidade de vida, seja de produtores seja de consumidores.

Dessa forma, discutir Agroecologia como ciência construtora de saberes acadêmicos a partir da abordagem cultural, social e científica, torna-se ação imprescindível para a ressignificação histórico-social da agricultura brasileira e das ações que estejam ligadas à Educação Ambiental como um todo, respeitando o indivíduo e a natureza.

Para tanto, a fim de salientar o panorama de estudo atual da Agroecologia na UFRRJ, este trabalho se destinou a realizar um levantamento bibliográfico das produções acadêmicas publicadas que relacionem a universidade à Agroecologia nos âmbitos do ensino e da extensão.

Esta é uma pesquisa bibliográfica, documental, de caráter quantitativo, que estabeleceu sua metodologia seguindo as orientações da abordagem do Estado do Conhecimento ou Estado da Arte. Dividida em 3 (tres) capítulos, a pesquisa se desenvolveu acerca da construção conceitual e histórica – *Capítulo 1: AGROECOLOGIA COMO CIÊNCIA E PRÁTICA SOCIAL*, seguida pela abordagem do tema na formação acadêmica no Brasil – *Capítulo 2: A AGROECOLOGIA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA NO BRASIL*, e por fim, culmina no estado de conhecimento da Agroecologia na UFRRJ, com ênfase na produção acadêmica – *Capítulo 3. O ESTADO DA ARTE DA AGROECOLOGIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)*. Além destes 3 capítulos, apresenta-se dentro da discussão e resultados, a história contada por atores da agroecologia na UFRRJ, e que representam essa história dentro e fora da universidade, por fim segue a conclusão do trabalho.

METODOLOGIA

Esta pesquisa bibliográfica e documental se originou da perspectiva de reconstituir o Estado da Arte da Agroecologia no âmbito da Universidade Federal Rural Do Rio de Janeiro, baseada na releitura da dissertação da Professora Mestre Carmem Frade, que realizou esta pesquisa no final da década de 1990, tendo sido publicada no ano 2000.

O procedimento parte no princípio de uma inquietação sobre o crescimento de estudos de pós-graduação na UFRRJ que investigam sobre a agroecologia associada ao ensino nas ciências agrárias, assim como estudos que associam agroecologia aos saberes socioambientais e ainda outros que demonstram associar agroecologia à educação do campo. Não somente na UFRRJ constata-se a ampliação desta temática, mas em demais instituições federais de ensino que outrora eram ligadas nas ciências agrárias e entidades que foram e são protagonistas neste campo de estudos: como a AS-PTA Agricultura e Agroecologia, o MST e a Via Campesina, dentre outras entidades civis de pesquisa.

Segundo João Carlos Canuto¹ (2008):

¹ In: IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE AGROECOLOGIA e X SEMINÁRIO ESTADUAL SOBRE AGROECOLOGIA em Porto Alegre-RS em novembro de 2008.

É fundamental destacar, desde logo, a Importância da liberdade para pesquisar para o avanço da fronteira do conhecimento. Na mesma ordem de importância está também o compromisso social da pesquisa. A liberdade para pesquisar é, no entanto, a postura que geralmente predomina: liberdade para definir os temas, os métodos e os “beneficiários” da pesquisa. Os critérios de validade das pesquisas são internos à academia e dizem respeito mais ao cumprimento de aspectos formais do que de avaliação do impacto das pesquisas na Sociedade. Neste contexto, as dimensões social, cultural, econômica e política são consideradas como “dadas”, não são objeto de maior atenção. Em consequência, os resultados do trabalho de pesquisa atendem: primeiro, à produção de publicações científicas especializadas, com aplicabilidade muito restrita; segundo, à produção de tecnologias “densas de capital” com potencial de adoção restrita a grandes proprietários; terceiro, e de forma minoritária, à produção de conhecimentos aplicáveis para as maiorias populacionais (agricultura familiar).

A dissertação da professora Carmen Oliveira Frade, mostrou no ano 2000, a trajetória da agroecologia no Brasil e na Universidade, reforçando as afirmações de que a UFRRJ é uma das precursoras da constituição científica e prática da Agroecologia no país, orientando, inclusive, outras instituições nas inserções ao tema.

A metodologia da pesquisa para a busca de dados e suas devidas confirmações foi estabelecida através de consultas aos sites oficiais do MEC e aos sites da UFRRJ, e a busca destes dados associou-se à realização de entrevistas e análise das informações coletadas que configuraram a base da pesquisa.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, de acordo com os cumprimentos dos códigos de ética, devidamente pré-estabelecidos pelo Conselho de Ética desta universidade, para o alcance das informações que darão corpo à investigação, as entrevistas foram realizadas com 6 professores da UFRRJ, em nível de graduação, pós graduação e extensão (sendo 3 professores regentes, 1 Professor regente/Membro da Comissão Gestora da “Fazendinha Agroecológica”, 1 professora em cargo de direção na Escola “CAIC Paulo Dacorso Filho” e 1 professora aposentada); 1 Coordenador do Curso de Graduação em Agroecologia do Instituto Federal de Minas Gerais- Campus Rio Pomba; 1 coordenador do curso de Agroecologia do Colégio Técnico da UFRRJ; 1 Diretor do Colégio Técnico da UFRRJ; 1 Professora do Colégio Técnico da UFRRJ; Desta forma, foram realizadas 10 entrevistas para fins de resgate histórico e contextualização do panorama atual da Agroecologia como ciência na universidade.

O processo de entrevistas se constituiu de duas etapas, a primeira em que foi utilizado questionário aberto contendo 5 perguntas que trouxessem o histórico de ligação pessoal do entrevistado à prática agroecológica na UFRRJ e a segunda em que foi utilizada uma entrevista que constituiu em um relato histórico de resgate desde a introdução do movimento histórico agroecológico na universidade até o panorama atual da Agroecologia como ciência e prática universitária.

Através dos dados coletados durante a pesquisa, ficou claro que o caminho a ser percorrido na crítica à cultura do agronegócio, embora consistente e gradual, ainda é lento no que se refere à disseminação da Agroecologia enquanto ciência nos processos de ensino e pesquisa.

Os resultados apontam ainda para um embate histórico contra as resistências dentro da Educação para as novas abordagens metodológicas na agricultura, embora a expansão dos cursos de Agroecologia se mostre constante nas diversas modalidades que vão do nível médio à pós-graduação.

Conforme exposto cabe ainda esclarecer que os procedimentos metodológicos do tipo de pesquisa Estado da Arte ou Estado do conhecimento decorre de um tratamento mais conceitual, analítico, bibliográfico que mapeia e discute determinado campo de estudo apontando dimensões e aspectos que se integram constituindo temas e estratégias de pesquisa. Mas é importante frisar a importância deste inventário de materiais sobre agroecologia que corroborou para consolidar a ciência e uma comunidade científica.

1 CAPÍTULO I

AGROECOLOGIA COMO CIÊNCIA E PRÁTICA SOCIAL

1.1 Agroecologia: uma ciência em construção

Há algumas décadas a discussão acerca do tema Educação Ambiental dá espaço aos pesquisadores das mais diversas áreas, que vão desde as ciências agrárias até o rol da Educação como um todo, perpassando por todo o contexto educacional, especialmente através da interdisciplinaridade.

Embora haja este engajamento social entre Meio Ambiente e cidadania, a prática ainda é pouco percebida.

Sociedade, meio ambiente, cidadania e educação, palavras e conceitos empregados atualmente à exaustão. (...) O meio ambiente no Brasil, apresenta-se extremamente vulnerável. A educação em seu sentido mais amplo enfrenta acentuados problemas de qualidade e não alcançou patamares desejáveis de democratização. Se a cidadania, em sua expressão clássica, ainda engatinha, a ecocidadania, por sua vez continua revestida de um caráter utópico e distante (SOFFIATI, 2002, p.23)

Segundo o autor, uma pessoa que vive em ambiente cujo ar apresenta composição normal ou pouco alterada logo sente na pele, nos olhos e na garganta a irritação causada pelo ar contaminado. Para ele, a crise ambiental da atualidade já abarcou uma parcela significativa da sociedade. E já se tornou conhecimento globalizado os efeitos e malefícios causados por ações nocivas ao ecossistema.

Na perspectiva da valorização, proteção e preservação do Meio Ambiente, algumas ações globais visaram destacar a importância deste tema, permitindo encontros, discussões, formulações de Leis Ambientais e demais documentos, que norteiam a prática agroecológica nas propriedades agrícolas que buscam por uma agricultura sustentável. Prática esta que não se restringe às ações voltadas para o Meio Ambiente mas que mantém estreitos os laços entre as práticas agrícolas e ambientais ao aspecto amplo social e contra hegemônico que constitui a Agroecologia.

O Plano Nacional de Agroecologia e Agricultura Orgânica (PLANAPO 2013-2015) propõe que ações sejam desenvolvidas a fim de garantir que as premissas da agricultura, como base de sustentabilidade e do saber ambiental estejam associadas à promoção dos sistemas de produção visando qualidade de vida e conservação ambiental, além de ressaltar as questões culturais e sociais que cercam a agricultura.

As atividades desenvolvidas no Planapo buscarão atender às seguintes diretrizes: Promover a soberania e segurança alimentar e nutricional e do direito humano à alimentação adequada e saudável; Promover o uso sustentável dos recursos naturais; Apoiar na conservação e recomposição dos ecossistemas modificados por meio de sistemas de produção que reduzam os resíduos poluentes e a dependência de insumos externos para a produção; Promover sistemas justos e sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos; promover a valorização da agrobiodiversidade e dos produtos da sociobiodiversidade e estímulo às experiências locais de uso, conservação e manejo dos recursos genéticos vegetais e animais; Ampliar a participação da juventude rural na produção orgânica e de base agroecológica; Contribuir na promoção da redução das desigualdades de gênero, por meio de ações e

programas que promovam a autonomia econômica das mulheres. (PLANAPO 2013-2015, p.3)

Nesta mesma vertente, a fim de configurar o agroecossistema como uma base da Agroecologia, que se apresenta como uma ciência refletora das demais ciências como ecologia, sociologia e pedagogia, entre outras, Caporal (2004, p.11) afirma que a agroecologia “tem como propósito, em última instância, proporcionar as bases científicas(...) para apoiar o processo de transição do atual modelo de agricultura convencional para estilos de agriculturas sustentáveis.”

Por sustentabilidade entende-se diferentes dimensões que se interrelacionam, como a ecológica (estoque e uso de recursos naturais utilizados na produção e no consumo); ambiental (capacidade da natureza de absorver e recuperar-se das agressões); demográfica (à luz das duas anteriores, analisar o impacto da dinâmica demográfica); cultural (criação/preservação de valores e práticas que induzam novos padrões de integração nacional, regional e local); social (melhoria da qualidade de vida e justiça distributiva); política (possibilidades de construção participativa da cidadania e de um novo projeto de desenvolvimento) e institucional (como todos esses aspectos se refletem na construção de novas institucionalidades sociais, políticas e econômicas. (MORAIS & COSTA, 2010, p.16)

De acordo com Moraes & Costa (2010, p.16), “percebemos que questões cruciais concernentes aos aspectos de inclusão social e sustentabilidade ambiental não foram enfrentadas e que se torna cada vez mais evidente que outras crises se seguirão.”. Para os autores, o momento atual é oportuno para se pensar em um novo projeto de desenvolvimento, que associe questões econômicas, sociais e ambientais.

Nesta lógica reflexiva, os autores remetem o pensar à questão da produção em larga escala, a visão de aumento de produção e à decadência dos processos de produção para as necessidades básicas e na relação com o meio ambiente.

Loureiro (2007), afirma que há necessidade de ir além da visão tendenciosa de que educação ambiental se refere ao cunho biológico, condutas ecologicamente corretas e a sensibilização para com a beleza da natureza, que levariam a mudanças de comportamento. Para o autor há a necessidade de mudar habilidades, atitudes e valores além de comportamento. Para tanto, usa da Educação Ambiental Crítica para romper barreiras e transformar tendências.

Com a perspectiva crítica, entendemos que não há leis atemporais, verdades absolutas, conceitos sem história, educação fora da sociedade, mas relações em movimento no tempo-espaço e características peculiares a cada formação social, que devem ser permanentemente questionadas e superadas para que se construa uma nova sociedade vista como sustentável. (LOUREIRO, 2007, p.66)

Desta maneira, considerando a Agroecologia uma vertente vinculada à Educação Ambiental, uma vez que convergem seus princípios baseados na sustentabilidade, com o olhar voltado para a cidadania e qualidade de vida, ela também agrega valores às questões de desenvolvimento da agricultura, buscando implementar as propostas pertinentes à preservação do Meio Ambiente e promover de maneira consciente condições adequadas de subsistência às gerações futuras.

O manual de educação do consumo sustentável (MMA/MEC/MED, 2005), prevê que a relação consumo-sustentabilidade parte de um todo onde a responsabilidade é coletiva. E afirma que são as escolhas da sociedade que fazem a diferença na questão “sustentabilidade”, uma vez que o consumo consciente x uma cultura do consumo excessivo, podem garantir a melhoria na qualidade de vida da população. Sugere ainda que o processo de desenvolvimento sustentável no meio rural, só pode ocorrer quando forem descartadas as práticas agropecuárias que desconsiderem as relações existentes entre os fatores ecológicos, sociais e econômicos.

Ao pensar as condições do planeta e as necessidades de mudanças para que se atinja ao grau de maturidade para se promover o desenvolvimento sustentável, é preciso que sejam analisadas as diversas contrariedades da sociedade moderna no que se refere às atitudes humanas e a inserção das mais variadas classes sociais e econômicas, ora excluídos dos processos de crescimento tecnológico que acercam os dias atuais e o envolvimento de cada um com o planeta. Segundo Sorrentino (2002, p.16), “o compromisso de cada um dos bilhões de habitantes deste planeta é essencial e insubstituível para a implementação das mudanças radicais que o momento exige”. Para o autor, existem duas tendências no campo do desenvolvimento sustentável, aquela que diz respeito à tecnologia e outra que se refere ao processo de inclusão social. E para se atingir as metas propostas em que haja benefício a todos os habitantes e elementos do planeta, é preciso transcender às limitações expostas em ambas. Para tanto, políticas públicas eficazes e ativas são necessárias na consolidação dos propósitos, que vão desde investimentos até as preocupações globais como, por exemplo, a preservação e conservação de florestas e a substituição de elementos nocivos utilizados nos meios de produção, entre outras ações.

Uma pesquisa desenvolvida por Ritter, e colaboradores (2013) na Escola Estadual Técnica Agrícola Desidério Finamor, no Rio Grande do Sul, demonstrou que é viável trabalhar a agroecologia nas propriedades agrícolas através das práticas desenvolvidas na própria escola, que foram consideradas ações de sucesso.

é possível perceber a preocupação da escola quanto ao seu papel de agentes no processo da educação ambiental. Ao desenvolver projetos agroecológicos voltados para a sustentabilidade da própria escola, estão dando exemplos de que é possível promover o desenvolvimento rural sustentável em pequenas propriedades. Nesse sentido, a escola desenvolve algumas ações, as quais, segundo os professores, estão sendo bem sucedidas. (Ritter e colaboradores, 2013, p.8)

Desta forma, acredita-se que a associação de conceito à prática e o estímulo ao desenvolvimento dessas ações conjuntas vão ao encontro do que afirma Khun (1998, p.14) no que se refere às bases epistemológicas da pesquisa científica e dos paradigmas apresentados na ciência. O autor afirma que uma reforma revolucionária no campo da ciência pode ser provocada por fatores externos e alheios às ciências. Onde as condições exteriores “podem ajudar a transformar uma simples anomalia numa fonte de crise aguda”.

O autor sugere o pensamento filosófico acerca da ciência de maneira que não haja uma forma única de se construir o conhecimento científico. Para ele, basear-se no conteúdo expresso em páginas de livro não torna a ciência completa e definitiva. Sem subjugar os registros históricos, a proposta de ciência transpassa os valores adotados nas leis e teorias apresentadas exclusivamente por estes escritos. Bem como a metodologia

científica não pode afixar-se em coleta de dados, unicamente. Segundo estes fundamentos, “o resultado apresentado tem sido um conceito de ciência com implicações profundas no que diz respeito à natureza e seu desenvolvimento” (idem, p.19)

Considerando que as revoluções científicas se apresentam como questões que inevitavelmente contrariaram a ciência normal, quebrando tendências tradicionais e demonstrando a construção de conceitos a partir da contrariedade/rejeição de ideias anteriormente aceitas. Nesta perspectiva, afirma Khun (p.25, 26):

a nova teoria repercute inevitavelmente sobre muitos trabalhos científicos já concluídos com sucesso. E por isso que uma nova teoria, por mais particular que seja seu âmbito de aplicação, nunca ou quase nunca é um mero incremento ao que já é conhecido. Sua assimilação requer a reconstrução da teoria precedente e a reavaliação dos fatos anteriores.(...) uma descoberta inesperada não possui uma importância simplesmente fatal. O mundo do cientista é tanto qualitativamente transformado como quantitativamente enriquecido pelas novidades fundamentais de fatos ou teorias.

Dessa maneira, muito embora as associações entre a “ciência normal” e os paradigmas estejam referenciadas nos estudos de Kuhn (1998) como relevantes e necessários à construção do conhecimento, a evolução na ciência vem trazendo resultados satisfatórios no que se refere à produção científica a partir das relações que atendam a determinados interesses, caracterizando os grupos científicos. E nesta mesma vertente, a ciência e suas revoluções defrontam com a inflexibilidade dos paradigmas e denotam o sentido de correspondência intrínseca entre as relações políticas e científicas com a natureza.

Tomando como base os princípios apontados pelo autor acima citado para compreender as transformações decorrentes das inquietações na ciência e das anomalias que surgem diante dos paradigmas apresentados, a agroecologia aporta suas bases epistemológicas na construção e formulação de instrumentos que permitam o diálogo entre a ciência convencional e as novas abordagens metodológicas que classificam a ciência e a relação com natureza de maneira a considerar os conhecimentos científicos e aqueles do cotidiano dos sujeitos do campo. O papel dos cientistas como atores sociais deve ser relevante para o processo de construção de um novo paradigma da ciência e a socialização deste.

Segundo Norgaard (1995, apud Gomes, 2005, p.90), a epistemologia evolucionista compreende a coevolução associada à cultura, reflexão de valores e sociedade, na busca de estabilidade no que é oferecido pelo sistema natural, em um determinado local. Nesta perspectiva, aparecem as premissas epistemológicas para a Agroecologia.

Este conceito foi formulado por Richard Norgaard (1995), que também propôs, talvez pela primeira vez, as premissas epistemológicas para a Agroecologia. Para ele são seis essas premissas: 1. Os sistemas sociais e ecológicos tem potencial agrícola. 2. Este potencial foi captado pelos agricultores tradicionais através de um processo de prova e erro, seleção natural e aprendizagem cultural. 3. Os sistemas sociais e ecológicos coevolucionaram cada um mantendo dependência e “feedback” com relação ao outro, o que gera uma dependência estrutural. O conhecimento incorporado nas culturas tradicionais estimula e regula o “feedback” do sistema social para o ecossistema. 4. A natureza do potencial dos sistemas sociais e biológicos podem ser melhor compreendidas usando o atual estoque de conhecimentos científicos, o que permite compreender como as culturas

agrícolas tradicionais captaram e utilizaram este potencial. 5. O conhecimento científico objetivo, o conhecimento desenvolvido nos sistemas tradicionais, o conhecimento e alguns “inputs” desenvolvidos pela ciência agrícola moderna e as experiências e tecnologias geradas por instituições agrícolas convencionais podem ser combinados para melhorar significativamente ambos ecossistemas, o tradicional e o moderno. 6. O desenvolvimento agrícola através da Agroecologia manterá mais opções ecológicas e culturais para o futuro e trará menores efeitos perniciosos para a cultura e o meio ambiente do que a tecnologia agrícola moderna por si só. (GOMES, 2005, p.91)

Essas premissas fazem parte de um conjunto conhecido como “pluralismo epistemológico na agroecologia”, no qual a abordagem metodológica transfere a uma perspectiva interdisciplinar o caráter de construção de um novo paradigma, onde estejam inseridas as questões sociais, culturais e políticas associadas aos métodos e técnicas conceituais do conhecimento científico.

O contexto sócio-cultural que envolve o desenvolvimento da agroecologia, que, por sua vez, não pode ser definida como mais um modelo técnicas agrícolas alternativas para confrontar as técnicas convencionais agrícolas, toma espaço e ganha força na prática e do trato dos agroecossistemas. Sua diferença está intimamente ligada ao desenvolvimento das ações que tratam de forma relevante as considerações que envolvam acima de tudo a valorização da cultura local, colocando em questão a visão sistêmica da agroecologia, no que se refere a uma prática social como um todo, e não uma prática agrícola.

Segundo Petersen & Romano (1999, p.11), “o enfoque local implica não só na descentralização das políticas públicas, como também cria as condições para a ativa participação da população nas tomadas de decisões e na gestão dos programas voltados para o desenvolvimento”. Reforça-se, então, a questão da valorização da cultura local, que pode ser considerada fator limitante, quando dissociado do conhecimento científico, para a realização das práticas promulgadoras da emancipação do desenvolvimento local sustentável, que deve ser também um desenvolvimento participativo.

Os autores buscam conceituar processo participativo através da qualificação de processos e programas que visem o desenvolvimento humano e delineiem os papéis dos atores de processo, e compreendam essa lógica como vertente para a produção e desenvolvimento local, demonstrando que: “a importância da participação das comunidades na identificação de seus problemas e na busca e implementação de propostas para solucioná-los, de forma a se apropriarem efetivamente do seu próprio desenvolvimento”. (idem, p.60).

Entende-se por desenvolvimento local sustentável, um movimento que considera os aspectos locais numa dimensão ampla e abrangente que inclua econômico, social, cultural, territorial, político, ético, pedagógico, ecológico, metodológico, de gênero e de ritmo de desenvolvimento, com a finalidade de constituir um ambiente equilibrado e justo. Colocando, ainda, em foco os fluxos naturais, econômicos e culturais que abranjam o território em questão. (Mance, 2008, p.1 e 2)

Ao tratar os problemas da agricultura, Frade (2000) se reporta a Clades (1997) no que tange ao fracasso dos movimentos alternativos, quando o foco é exclusivamente a agricultura moderna. E acrescenta que os modelos e técnicas agrícolas alternativas devem apresentar propostas que sejam viáveis ao alcance do fim da crise estrutural, organizacional e de modo de produção na agricultura.

os pilares sobre os quais se deve construir um paradigma que realmente ofereça uma saída para a crise: tecnologias agroecológicas, preços justos para os agricultores, redistribuição de terra e maior ênfase na produção local. (FRADE, 2000, p.34)

Nesse sentido, o estudo da autora ressalta a ideia de que a promoção de desenvolvimento sustentável, sendo abordada apenas sob os aspectos econômicos, é uma promoção fadada ao fracasso, visto que “o fator final necessário a uma agricultura ecológica é um ser humano desenvolvido e consciente, com atitudes de coexistência e não de exploração para com a natureza”. (Altieri, 1989, apud Frade, 2000, p.35)

1.2 Agroecologia e o Saber Ambiental²: Uma Abordagem Conceitual

A agricultura no Brasil e no mundo, desde o período da colonização, ocupou um espaço importante no desenvolvimento humano e do ambiente, onde, apesar de alguns distúrbios promovidos pela sua prática, as interações naturais permitiam, ainda que sem aparato/apoio científico, que o equilíbrio natural se mantivesse ativo e que as relações de exploração da natureza fossem feitas de forma não tão agressiva até o momento de intensificação dos processos de produção agrícola, que causou uma agressão desenfreada ao meio ambiente.

O processo de origem da agroecologia ocorreu com o surgimento da preocupação com a produção de alimentos, tanto em qualidade como em quantidade, no final da Primeira Guerra Mundial e foi evoluindo até o final da Segunda Guerra Mundial. Durante esse período, a busca pela reconstrução de ambientes, com apoio da Química aliada aos estudos farmacêuticos e ao desenvolvimento industrial, instituiu o uso dos insumos sintéticos, como fertilizantes e pesticidas.

Devido ao aumento da produção, durante a Revolução Verde (ver sub-capítulo 1.3.1), surgiram preocupações em relação às consequências dessa agricultura, tanto para o Homem como para a natureza. E a partir dos eventos relacionados ao meio ambiente, deu-se origem aos conceitos iniciais de Agroecologia, visando especialmente à saúde humana e a conservação/preservação dos recursos naturais.

Ao tratar dos aspectos da Agroecologia, de acordo com sua etimologia e aplicação, é necessário perceber que há um amplo discurso envolvendo o tema, no qual a pluralidade das bases ecológicas está envolvida nos sistemas de produção e que não deve deixar de ser considerada, mensurando a grandeza da Agroecologia, como um princípio básico para o sucesso do empreendimento agrícola no que se refere à configuração do meio social, político, econômico, ético e cultural entrelaçado ao meio ambiente.

² Em resumo, a expressão “agroecologia como um saber ambiental” faz alusão à complexa relação homem- natureza. Sob o ponto de vista social se refere à inclusão das potencialidades empíricas do conhecimento do agricultor associado aos conhecimentos de base científica, e quanto ao aspecto cultural tratando do histórico local no que diz respeito à territorialidade e suas particularidades. Segundo Enrique Leff (2002), “a ciência e as técnicas da Agroecologia devem articular-se a uma nova teoria da produção e a novas práticas produtivas; à construção de um mundo no qual predomine o Ser das coisas sobre sua utilidade mercantil, onde se revalorize a terra e o trabalho e onde o ser humano possa reconhecer-se em seus saberes e no sentido de suas ações”

Canuto (2015) discorre sobre a importância da abrangência dos termos utilizados na pesquisa acadêmica, como por exemplo, tratar as agriculturas ecológicas com um termo mais amplo. Para ele, “esta sutileza traduz a preocupação em considerar a diversidade existente dentro do conceito de Agroecologia”. Sendo fundamental para os aspectos socioambientais e ecológicos que envolvem a agricultura.

O termo Agroecologia como se apresenta etimologicamente e que significaria “ecologia dos sistemas agrícolas” se contrapõe às vertentes de que ela se constrói social e culturalmente, diante das necessidades de uma sociedade.

Embora o termo Agroecologia seja utilizado há algum tempo, o conceito ganhou visibilidade, consistência e sentido dentro da cultura contemporânea, inspirados no próprio funcionamento dos ecossistemas naturais, no manejo tradicional e indígena dos agroecossistemas e no conhecimento científico, a partir das contribuições de Miguel Altieri e Stephen Gliessman, entre outros.

Desta forma, a prática agroecológica tem como pontos de consideração e ponderação: a realidade socioeconômica e ecológica local, que se intensificam por dar caráter concreto aos seus princípios; e a definição da melhor forma de aplicação da teoria, com ajustes a cada situação de acordo com sua importância, enriquecendo os próprios fundamentos da Agroecologia (CANUTO, 2015,p.2).

A construção de conhecimentos de referência nesta visão da Agroecologia, pode servir como inspiração para outras experiências, em que não há necessidade de seguir um conceito determinado ou isolado. Canuto ainda afirma que:

(...) A Agroecologia, enquanto sistema de código aberto, pode ser aplicada a partir da observação de sistemas sustentáveis existentes, pela incorporação do conhecimento clássico e por influência das distintas correntes de Agricultura de Base Ecológica. Mais importante que a opção por uma ou outra referência, é o resguardo dos princípios agroecológicos, relacionados diretamente com a sustentabilidade socioambiental. Isto implica em uma opção ética por um meio ambiente equilibrado e por uma sociedade sem pobreza. (CANUTO, 2015,p.2).

Propõe-se, então, de acordo com a agroecologia, que a exploração dos recursos seja consciente, inclusiva e dedicada, apontando para as diversas maneiras de produção agrícola que tratem a preservação da natureza como base da agricultura sem desvincular-se dos princípios sociais que a envolvem.

Para Caporal & Costabeber (2004, p.6) a agroecologia é “uma ciência que estabelece as bases para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis e de estratégias de desenvolvimento rural sustentável”. Alertam ainda que não deva ser confundida com um tipo/modelo de agricultura de uma prática agrícola que abarca técnicas específicas em disputa com o mercado convencional e o uso de produtos químicos nocivos à saúde da planta, do solo e conseqüentemente para os animais, onde estão incluídos os seres humanos.

Deste modo, a aplicação de técnicas agrícolas livres de defensivos químicos não caracteriza a abordagem agroecológica que tome como base os preceitos do desenvolvimento rural sustentável, considerando que estas técnicas podem ser desenvolvidas promovendo a exploração dos recursos naturais de maneira improdutivo para a terra, a longo e médio prazo (Caporal & Costabeber, 2004, p.7).

Altieri (2009, p.25) aponta algumas abordagens utilizadas no manejo e restauração do solo como princípios do sistema agroecológico e ecossistêmico. Trata-se

de um conjunto de técnicas, ideais e conceitos que precisam ser considerados durante o manejo de um agroecossistema. (ver Figura 1).

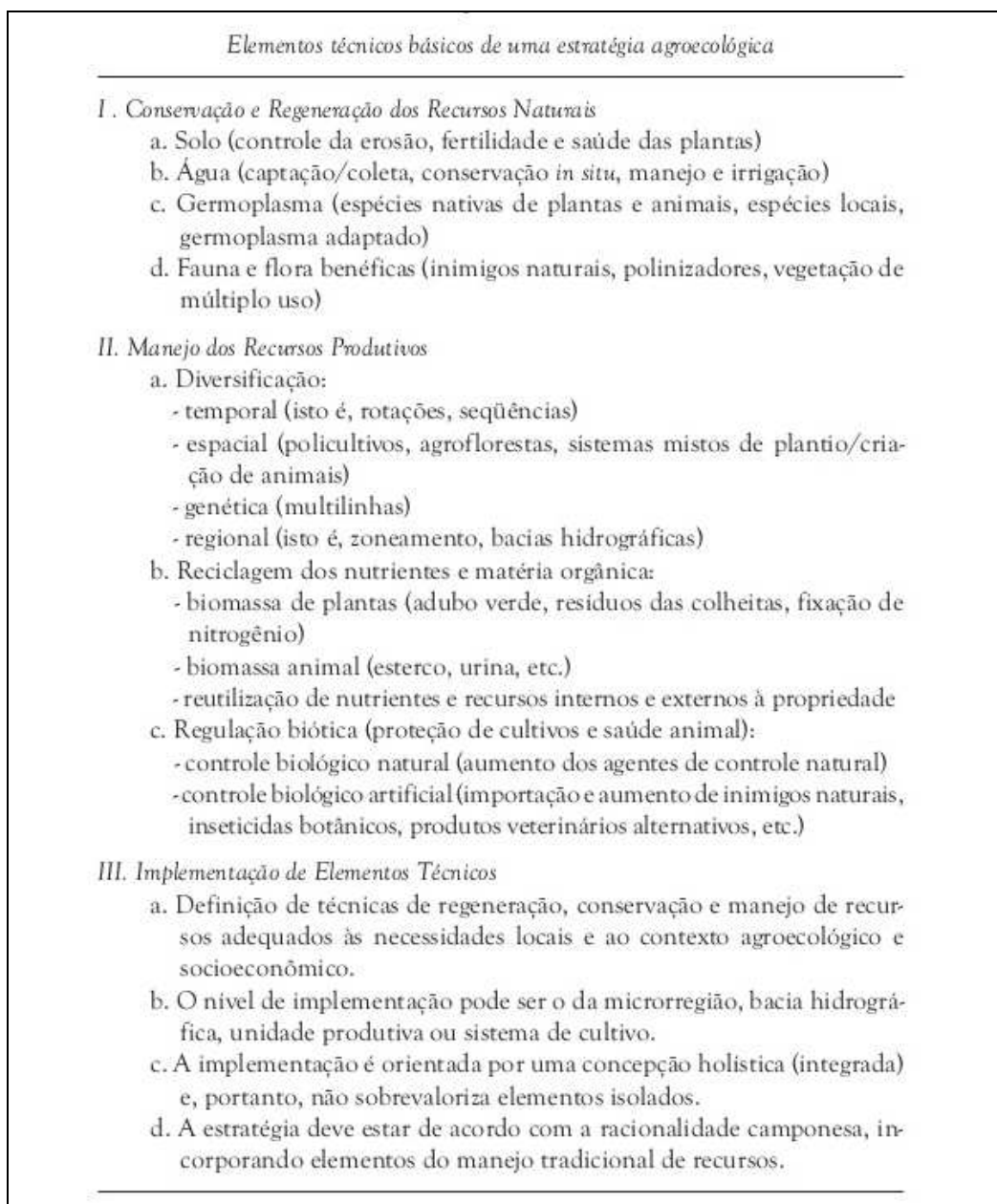


Figura 1. Elementos técnicos básicos de uma estratégia agroecológica. Fonte: Altieri (2009,p.25).

Na agricultura, com base nos princípios agroecológicos, em paralelo às técnicas de cultivo e manejo, não se pode negar as realidades locais, os aspectos culturais e suas correlações com a contextualização do conhecimento científico que abrangem os aspectos em transformação. Essa integração configura a ampliação do conhecimento acerca dos temas que envolvem sociedade e ambiente, na qual é possível estabelecer os vieses entre conhecimento prático-empírico e as aplicações da tecnologia e do conhecimento científico.

Nas vertentes agroecológicas se edificam, então, a partir da necessidade de desconstrução dos paradigmas que estão formados acerca da agricultura nas ciências agrícolas e agrárias, onde os resultados promovem degradação, devastação e desnutrição. É imprescindível valorizar os processos de reorganização da agricultura, com enfoque ecológico, econômico e social.

O conjunto traçado por conceitos filosóficos e éticos, regido por princípios agroecológicos aplicáveis à agricultura deve ser submetido à execução de modo que venha a servir como orientação geral para as experiências na agricultura, promovendo as mudanças necessárias à relação exploratória do homem para com a natureza, em prol das situações vigentes nas quais os princípios da agricultura sustentável de promover e garantir o sustento de uma geração sem diminuir/impedir que as gerações futuras possam fazer o mesmo não sejam afetados.

Assim, segundo Canuto (2015, p. 3 e 4), podemos entender a Agroecologia como:

a) *“locus de construção de conhecimento novo, gerado por movimentos de desconstrução e reconstrução”*: baseados em experiências que vêm promovendo a degradação ambiental e que demonstram a necessidade de mudanças significativas no contexto social e ecológico, onde se apresentam novos valores e movimentos inovadores nas práticas agrícolas em prol da reconstrução de uma sociedade ecologicamente “correta” e produtiva.

b) *“Ciência emergente, orientada por uma nova base epistemológica e metodológica”*: ciências humanas e sociais que vêm a contribuir com a formação e a construção de conceitos e práticas. A agroecologia busca entremear os conceitos de forma transdisciplinar, de maneira que as questões relacionadas ao tema não sejam ditas como pertencentes a disciplinas isoladas/específicas, sem desconsiderar os conhecimentos científicos.

c) fundamento que *“tem base na relação sinérgica entre conhecimento científico e saber popular”*: nesta definição, o comprometimento da agroecologia é o de não desconsiderar os achados científicos, sem deixar de valorizar o conhecimento empírico, ressaltando a localidade em que se insere a prática agroecológica, promovendo a fusão dos conhecimentos como ganhos positivos aos processos de produção da agricultura.

d) *“um conjunto de princípios, os quais são aplicados de maneira diferenciada por cada uma das Agriculturas de Base Ecológica/ A Agroecologia não se identifica com qualquer uma das Agriculturas de Base Ecológica em particular, podendo desenvolver-se de modo independente delas”*: muito embora a idéia de contrapor a agricultura convencional esteja presente de maneira unificada, os diversos estilos de Agricultura de Base Ecológica materializam seus conceitos de formas bastante diferentes. Por isso, não se pode conceituar Agroecologia como uma Agricultura de Base Ecológica. A primeira serve de base e fonte de orientação para as aplicações e formulações práticas da segunda, apesar da atuação controversa de algumas escolas ecológicas, que mais atendem ao mercado do que cumprem os princípios da agroecologia.

Aprimorando ainda as abordagens acerca da conceituação de Agroecologia, é plausível que se faça referência ao conceito de Transição Agroecológica (ver subcapítulo 1.3), no qual as mudanças sociais que devem ocorrer dentro e fora dos sistemas de produção se caracterizam pelas denominações de mudança interna e externa. A transição consiste em reorganizar os sistemas de produção a fim de alcançar a diminuição ou erradicação do uso de insumos químicos sintéticos, por exemplo, dentro do sistema produtivo e tomar as transições como tema de mudanças abrangentes na sociedade como um todo, expandindo o conhecimento dentro da vertente ecológica de forma que em uma visão externa ao meio de produção haja uma organização efetiva

de políticas públicas, de infraestrutura e de mercado que abarquem a agroecologia de maneira sólida e significativa.

(...) a necessidade de buscar uma maior precisão no uso dos conceitos é de fundamental importância para que as estratégias de desenvolvimento sustentável e de construção de estilos de agriculturas sustentáveis possam lançar mão de todo o potencial técnico-científico que tem a Agroecologia para impulsionar uma mudança substancial no meio rural e na agricultura e para reorientar ações de Assistência Técnica e Extensão Rural, numa perspectiva que assegure a sustentabilidade socioambiental e econômica dos territórios rurais (CAPORAL & COSTABEBER, 2004, p.5).

Neste mesmo contexto, a necessidade de incorporar uma dimensão ecológica à produção e preconizar uma negação aos métodos de produção decorrentes da Revolução Verde, hoje aplicados à agricultura convencional, trouxeram a implementação das Agriculturas de Base Ecológica, que representam aplicações de maneiras diversas dos princípios agroecológicos, e que aparecem de forma a representar as variadas agriculturas antes configuradas/classificadas como agriculturas alternativas.

Caporal & Costabeber (2004) e Canuto (2015) concordam que aquelas técnicas de agricultura devem ser sustentadas nos princípios agroecológicos que estejam fundamentados nas bases sociais e que abarquem a situação do desenvolvimento sustentável como uma premissa básica para a melhoria da qualidade de vida, no que se refere à alimentação e práticas agrícolas.

Na abordagem conceitual da agroecologia enquanto ciência (CANUTO, 2015; CAPORAL & COSTABEBER, 2004; GLIESSMAN, 2000; ALTIERI, 1989) se faz necessária a transparência das ações de transição agroecológica enquanto conceito em formação no que se refere à produção de saberes socioambientais. As questões que apontam as preocupações sinalizadas nos planos de agriculturas sustentáveis devem ser apoiadas pelos princípios da agroecologia, envolvendo desde a abordagem técnica na agricultura até as questões sociais e ambientais que estão intrínsecas nos processos de produção agrícola.

Segundo Caporal & Costabeber (2004, p.12,13):

(...) na Agroecologia, é central o conceito de transição agroecológica, entendida como um processo gradual e multilinear de mudança, que ocorre através do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas, que, na agricultura, tem como meta a passagem de um modelo agroquímico de produção (que pode ser mais ou menos intensivo no uso de inputs industriais) a estilos de agriculturas que incorporem princípios e tecnologias de base ecológica. (...) Por isto mesmo, quando se fala de Agroecologia, está se tratando de uma orientação cujas contribuições vão muito além de aspectos meramente tecnológicos ou agronômicos da produção, incorporando dimensões mais amplas e complexas, que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade.

Para os autores, não há como desvincular o processo de transição agroecológica das mudanças sociais, que envolvam mudanças de valores e atitudes dentro do processo. No que se refere à situação cultural, em que os atores envolvidos neste processo, devam ser considerados de extrema relevância, bem como suas concepções e bases políticas e sociais.

Sevilla Guzmán e González de Molina (1996, p.13) definem Agroecologia como:

um campo de estudos que pretende o manejo ecológico dos recursos naturais, para – através de uma ação social coletiva de caráter participativo, de um enfoque holístico e de uma estratégia sistêmica – reconduzir o curso alterado da coevolução social e ecológica, mediante um controle das forças produtivas que estanque, seletivamente, as formas degradantes e espoliadoras da natureza e da sociedade. Em tal estratégia, dizem os autores, joga um papel central a dimensão local, por ser portadora de um potencial endógeno, rico em recursos, conhecimentos e saberes que facilita a implementação de estilos de agricultura potencializadores da biodiversidade ecológica e da diversidade sociocultural.

De acordo com essas perspectivas, podemos entender que os problemas gerados pela agricultura convencional não podem ser sanados senão com uma revolução, que inclua desde os métodos e práticas agrícolas até a fundamentação teórica e sociológica que rege o funcionamento do mundo globalizado.

Errôneas concepções acerca dos conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável acabam por desvirtuar as premissas básicas da agroecologia, dando ênfase às culturas e técnicas agrícolas que valorizam o capital e nível de produção, sem dar merecimento aos quesitos fundamentais que envolvem a relação solo-água-planta-animal. Como resultados apresentam-se, a longo e médio prazo, a improdutividade do solo, a degradação ambiental e a debilidade na saúde vegetal e animal.

Em busca de atitudes agroecológicas, Altieri (2009, p.20) aponta que:

Há um interesse geral em reintegrar uma racionalidade ecológica à produção agrícola, e em fazer ajustes mais abrangentes na agricultura convencional, para torná-la ambiental, social e economicamente viável e compatível.

Para o autor, a transformação não se restringe aos enfoques que gerem o barateamento no custeio da produção agrícola, mas também ao que se refere às mudanças no processo de produção no cunho ambiental. A fim de garantir que os problemas da agricultura moderna sejam mitigados.

Desta forma, ganha reforço a ideia de que não há como desvincular o processo de transformação agrícola, com enfoque no desenvolvimento rural sustentável das políticas públicas e sociais que regem um sistema de produção capitalista não sustentável. É preciso reconhecer de que o termo sustentabilidade transpassa uma significação adotada para a produção de alimentos e exploração do solo a fim de garantir alimentação a todos e diminuir a miséria. Neste caso, é necessário compreender a importância da sustentabilidade relacionada às gerações futura, atendendo à demanda de todas as classes econômicas, através de um modelo de produção sustentável que corresponda às necessidades vigentes de uma localidade, considerando seus aspectos econômicos, sociais, culturais, políticos e éticos.

Uma base agrícola ecológica sustentável faz menção desde os cuidados no preparo do solo e o ambiente até a saúde de quem consome. É o que afirma Altieri (2009) quando nos diz que “Só uma compreensão mais profunda da ecologia humana dos sistemas agrícolas pode levar a medidas coerentes com uma agricultura realmente sustentável.”

É necessário compreender que um agroecossistema engloba fatores determinantes para seu bom funcionamento, o nicho que constitui um ecossistema

saudável é capaz de manter as estruturas de maneira a garantir as relações entre seus componentes.

Um desequilíbrio pode ser provocado por falta ou excesso de agentes naturais que agem no controle ambiental, seja nutricional, nas relações com doenças ou nas quantidades de água, por exemplo. Neste caso, o objetivo da agroecologia é restabelecer a saúde do sistema sem afetar o desenvolvimento do agroecossistema.

Com já mencionado, quando se trata de agroecologia, os termos e conceitos ainda encontram divergências nas definições. Porém, é fundamental saber que as várias vertentes da agricultura sustentável convergem para o uso da agroecologia como base para os princípios de aplicação. O que não significa dizer que abdicar do uso de pesticidas, por exemplo, caracteriza a agroecologia.

O pensar agroecológico transpõe as demandas de produção agrícola. Ele envolve as demandas sociais e culturais, naquilo que sugere a melhoria na qualidade de vida de maneira geral. Neste caso, não se restringe um sistema agroecológico aos métodos de produção e ao tipo de alimentação a que estão os indivíduos submetidos. Ou seja, não se pode caracterizar uma produção agroecológica observando apenas as formas de cultivo utilizadas na agricultura, ou a opção por alimentos livres de agrotóxicos.

A formação de um agroecossistema vai ao encontro do fomento educacional, político, cultural e social de um povo. E para estabelecê-lo e caracterizá-lo é necessário erradicar conceitos errôneos acerca da produção agrícola e das necessidades do solo. Além de promover as mudanças conceituais que precisam estar intrínsecas nos indivíduos relacionados ao sistema. Nos processos de mudança devem ser levados em consideração a realidade local, a valorização camponesa e os conhecimentos empíricos dos povos que vivem nos territórios.

Esta é uma relação relevante nos processos de produção agroecológica. Com base em Chambers (1983, *apud* Altieri, 2009), podemos afirmar que a participação da comunidade é essencial para que se desenvolvam os objetivos e atividades dos projetos de produção.

Nesta discussão que envolve também os fatores econômicos de produção, com enfoque agroecológico, deve-se ressaltar a importância das interferências provocadas pela cultura local e modo de vida que rege uma comunidade. Fazendo-se perceber que a sustentabilidade vai ao encontro dos princípios básicos que se pressupõem a segurança alimentar – qualidade dos alimentos, disponibilidade e exploração de recursos renováveis e suas viabilidades. (SOUZA, 2007)

Para a autora, o debate caracterizando Economia Solidária³ e Agroecologia como paradigmas a serem praticados tem como base os pressupostos de Altieri (1998, *apud* SOUZA, 2007) que sugerem que a agricultura sustentável tenha por objetivo a integração social, econômica e ambiental, como já reforçado ao longo desta produção acadêmica.

Neste mesmo contexto paradigmático encontram-se as questões referentes aos processos de mudança na extensão rural. Nota-se uma aproximação entre os objetivos a serem alcançados nas mais diversas discussões acerca dos temas Meio Ambiente e Modelos de Agricultura: a necessidade vigente de reorganização dos setores agrícolas com o enfoque nas mudanças que transcendem os campos tecnológicos e práticos. Para

³ Neste contexto, a economia solidária refere-se às questões de igualdade, equidade e distribuição de produção e de renda, em níveis sociais, políticos e econômicos.

que isto aconteça, é necessário que posturas e valores se modifiquem no que tange à exploração dos recursos naturais e à conservação e preservação do Ambiente.

Há, então, uma dicotomia naquilo que se refere aos processos de modernização agrícola. Os avanços tecnológicos promoveram o acesso à alta produção, em contrapartida apontam a necessidade de reavaliação nos meios de produção. Essa reformulação é fundamental para que não sejam perdidas as essências que permitem que a agricultura seja um setor viável a subsistência, permanência e sobrevivência dos seres vivos.

Segundo Caporal e Costabeber (2004, p.7):

O intenso processo modernizador da agricultura brasileira acarretou impactos ambientais e transformações sociais em magnitudes tão amplas que, por si só, justificam a revisão de todo o modelo de desenvolvimento imposto ao setor agrícola.

Especialmente dirigindo-se à agricultura como setor de geração de renda e fonte de ampliação de recursos para os agricultores, destaca-se, ainda, a preocupação em relação à distribuição e exploração dos recursos naturais. É necessário dar atenção para os pequenos setores agrícolas e seus mecanismos de produção, ora desconsiderados pelos benefícios imediatistas da agricultura, hoje, convencional, mecanizada e exploradora de insumos agroquímicos.

Porém, como de conhecimento amplo, houve como conseqüências desta agricultura convencional, em longo prazo, o desgaste de solo, degradação e poluição do meio ambiente, além do empobrecimento nutricional das plantas e a promoção de doenças acarretadas pelo acesso direto ou indireto aos agrotóxicos em geral.

Atualmente, as ações prestadas na atividade agrícola de “pequenos produtores”⁴ ganham espaço por serem economicamente viáveis e usarem políticas de exploração mais adequadas quanto à relação de produção e gasto energético. É neste sentido que “a extensão rural possui um compromisso singular com a sustentabilidade ecológica da pequena produção.” (CAPORAL E COSTABEBER, 2004 p.9).

De acordo com esses autores, é necessária a remodelagem da extensão rural, apropriando-se dos conceitos e aplicação de técnicas alternativas apresentadas por estes grupos de pequenos agricultores e seus modelos de produção.

As referências buscadas nestas técnicas alternativas que tenham como proposta as políticas da sustentabilidade e do desenvolvimento consciente das práticas agrícolas que formem, usufruam e reponham as energias dos ecossistemas de forma que não seja prejudicial ao Meio Ambiente, estão elencadas às propriedades que produzem em pequena escala, que valorizam a mão de obra rural e que, especialmente, façam uso de materiais de produção livres de agrotóxico.

As discussões acerca dos conceitos de sustentabilidade e agroecologia estão longe de serem esgotadas. Existem disputas políticas, ideológicas e sociais que divergem na abordagem dos termos, mas que nos permitem, apesar da amplitude deles, relacioná-los ao equilíbrio dinâmico entre as partes componentes desta relação biológica

⁴A expressão “pequenos produtores” se refere às propriedades que produzem em menores áreas e que em sua maioria das vezes abdicam da monocultura. O uso da expressão não tem menção de apoio à segregação social alavancada com o desenvolvimento agrícola e que não representa proporções reais.

que envolve o nicho ecológico de cada ambiente. Cabe aos envolvidos nos processos de desenvolvimento sustentável não se ater às definições, mas compreender, evoluir e minimizar os efeitos colaterais da exploração da natureza, como um princípio de conservação da geração atual e das gerações futuras.

A complexidade e a amplitude dos conceitos de sustentabilidade convergem para os apontamentos feitos por Myers (1993, *apud* Caporal e Costabeber, 2004) que diz:

(...) as principais associações de problemas que a sustentabilidade tenta resolver se dariam: a) entre diferentes problemas ambientais; b) entre diferentes esferas da atividade humana, como a proteção ambiental e o desenvolvimento; c) entre o mundo desenvolvido e o mundo em desenvolvimento; d) entre a geração presente e as gerações futuras; e) entre a proteção dos recursos naturais e as necessidades humanas básicas; f) entre a ecologia e a economia; e g) entre a eficiência econômica e a equidade social.

Atualmente muitos autores discorrem acerca dos temas que envolvem as preocupações ambientais e, as divergências ocorrem principalmente, em relação aos aspectos conceituais. Porém, as considerações são confluentes quanto aos atores e a vivência apresentada na relação homem - natureza - sociedade, e ainda quanto ao posicionamento de que as influências sociais e culturais estão fortemente presentes na construção do conceito agroecológico. Estas constatações se configuram nas publicações acadêmicas de diversos autores tais como Caporal & Costabeber (2004); Trevisol (2006); Sorrentino (2002); Altieri (2009), entre outros.

Para Ritter (2013 *et al*, p. 2), a agroecologia abre espaço para as discussões e para um novo alinhamento na agricultura, por meio de “um sistema que está muito além das teorias funcionalistas onde o conflito ocupa um lugar dinamizador na evolução das sociedades e de seu meio ambiente”.

Dessa forma, é importante ressaltar que a valorização do conhecimento empírico, do agricultor local e suas técnicas de cultivo são de suma importância para o processo agroecológico.

Os valores advindos deste empirismo correspondem ao resgate de um modelo de agricultura que propõe a relação saudável de transição de energia. Além disso, mensurando a prática agrícola, os conhecimentos locais são de grande importância para o controle de agentes causadores de danos econômicos e ambientais. Neste caso, as técnicas de manejo utilizadas numa localidade, são fatores determinantes para a produção agrícola.

Como exemplo disso podem ser citadas a policultura e a rotação de culturas, que vão diretamente ao embate da agricultura convencional em larga escala, que promove e apoia a monocultura.

Dentre as consequências da monocultura, em longo prazo, aponta-se o desgaste do solo – empobrecimento de nutrientes e erosão, promovendo o desequilíbrio ecológico, e o aumento de agentes causadores de danos econômicos. Conseqüentemente, a baixa diversidade biológica visto que os agentes promotores dessas devastações tornam-se resistentes ao longo do tempo aos insumos utilizados.

Vale ressaltar que os ciclos biológicos afetados pela monocultura refletem no “funcionamento” da natureza, acelerando os desgastes, aumentando os índices de poluição e retardando os processos dos ciclos naturais.

Os programas elaborados para a discussão e ações em prol do desenvolvimento sustentável e da agroecologia têm como base os princípios que confrontam as

tecnologias aplicadas aos processos da agricultura convencional, anteriormente citados, princípios estes que regem a exploração dos recursos naturais a fim de

(...) “suprir as necessidades da geração atual sem comprometer as necessidades das futuras gerações em prover suas próprias demandas”, segundo definição de sustentabilidade pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente. O que implica no “o uso sustentável dos recursos renováveis, ou seja, de forma qualitativamente adequada e em quantidades compatíveis com sua capacidade de renovação” (RITTER *et al*, 2013, p. 3).

Sobre as definições acerca do desenvolvimento sustentável, ainda nos ensina Ritter *et al* (2013), que

(...) pode ser entendido como desenvolver em harmonia com as limitações ecológicas do planeta, ou seja, sem destruir o ambiente, para que as gerações futuras tenham a chance de existir e viver bem, de acordo com as suas necessidades (melhoria da qualidade de vida e das condições de sobrevivência).

Acredita-se que isso seja possível, e é exatamente o que propõem os estudiosos do desenvolvimento sustentável, que pode ser definido também como o equilíbrio entre tecnologia e ambiente, revelando os diversos grupos sociais de uma nação e também dos diferentes países na busca da equidade e justiça social (RITTER *et al*, 2013, p. 4).

Tendo em vista as discussões sobre Agroecologia, que elencam mais de 3 (três) décadas, a concepção de que as mudanças em prol da melhoria de qualidade de vida, nos aspectos atuais e futuros, precisa englobar um número maior de atores. Para que, desta forma, a complexidade da discussão a níveis sociais e políticos possa se refletir nas vivências e nas relações naturais.

Ressalta-se, ainda, que o papel do Homem na natureza não é central, porém é determinante. Para tanto, há necessidade de se reorganizar as políticas ambientais, de se fazer cumprir as leis e protocolos, e especialmente, trabalhar pela conscientização política e social dos atores das mudanças preponderantes e de necessidade vigente.

De acordo com Ritter *et al* (2013, p. 15) “cabe reconhecer os enormes desafios que estão pela frente se o objetivo é fazer avançar o enfoque da sustentabilidade. Tais desafios são muito grandes e complexos, mas não são intransponíveis”.

Em suma, os conceitos e abordagens envolvendo a Agroecologia apresentam disputas que apontam para um amplo caminho convergente naquilo que se refere às necessidades sociais e ecológicas, e que sejam proporcionalmente viáveis. Em que a tecnologia seja utilizada em prol de uma movimentação para com o todo, expandindo o conhecimento em sua amplitude, abarcando o desenvolvimento sustentável, a viabilidade econômica, e o cumprimento moral e ético na relação Homem-Natureza.

Enfim, Caporal & Costabeber (2004 b,p.12) apresentam sugestões para que a agroecologia seja implantada e exercida em sua essência tal como:

(...) o caminho em direção a uma transição agroecológica não é fácil e está cheio de desafios e de mudanças necessárias, tais como: incrementar o investimento na pesquisa e na extensão rural agroecológica; implementar políticas que reduzam os subsídios à agricultura convencional e que, especialmente, privilegiem a transição agroecológica; melhorar a infraestrutura e serviços nas zonas rurais mais marginais; dotar de oportunidades de mercados solidários aos pequenos agricultores; assegurar o

acesso à terra e a outros recursos produtivos; estimular parcerias que favoreçam um processo participativo de extensão rural e que situe claramente aos agricultores familiares no centro da estratégia de desenvolvimento sustentável.

Para tanto os princípios da sustentabilidade estão intrínsecos aos modelos Agroecológicos, para que se compreenda que modelos isolados de produção agrícola não se inserem nas propostas da agroecologia e não apresentam resultados efetivamente eficazes. Visto que estes não transcendem os aspectos científicos e visam especialmente as abordagens econômicas, desconsiderando parte fundamental dos princípios agroecológicos, que é baseado nas questões territoriais e suas características peculiares.

1.3 Transição Agroecológica: do Conhecimento à Prática

Tratar a agricultura como um sistema de produção em construção constante, ressaltando os processos agrícolas de mudança a partir das Revoluções Agrícolas dos tempos modernos⁵ até a construção epistemológica da agroecologia é uma tarefa que demanda mais do que conhecimento teórico, mas também um envolvimento sócio-cultural que abrange todo o processo de transição agroecológica.

A transição agroecológica inclui a dialética do saber no que se refere às diferentes perspectivas e olhares, nos quais estão inseridos os atores e sujeitos no processo de transição.

Compreende-se que esta transição acontece de forma gradual à medida em que não há um conceito fechado e formulado para transcrever as definições da prática agroecológica.

1.3.1 Das revoluções da agricultura dos tempos modernos à agroecologia

A agricultura, considerada uma atividade de primordial importância para a sobrevivência e manutenção da vida na relação homem-natureza, sofreu mudanças significativas na forma de produção, durante o século XVI, quando ocorreu a Primeira Revolução Agrícola dos tempos modernos.

Nesta Primeira Revolução, o marco histórico se dá pela consolidação da integração entre agricultura e pecuária na produção. A partir desta revolução foram geradas vertentes agrícolas que deram origem às diversas correntes da Agricultura Alternativa.

Afirmam Bianchini e Medaets (2013, p.1) que:

A Primeira Revolução Agrícola levou ao crescimento da produção e da produtividade do trabalho agrícola, com um aumento significativo na disponibilidade alimentar e no excedente agrícola comercializável, em todos os países onde foi implantada. Esta "Primeira Revolução Agrícola" forneceu as bases técnicas e científicas para a agricultura que, no século XX, deu origem a Agricultura Biodinâmica (Steiner - Alemanha - 1924), a Agricultura

⁵ A expressão faz referência à primeira e à segunda revoluções agrícolas que ocorreram entre os séculos XVI e início do século XX e que deram origem as diversas linhas de produção/correntes da Agricultura.

Orgânica (Howard - Inglaterra - 1925/30), a Agricultura Biológica (Müller - Suíça - 1930), a Agricultura Natural (Okada - Japão - 1935) todas elas agriculturas ecológicas, com base nos princípios da Agroecologia.

O termo agroecologia surgiu nos anos de 1930, quando estabelecia uma relação entre a ecologia aplicada à agricultura. Porém o termo foi esquecido na medida em que a ecologia se estruturava como uma ciência experimental de sistemas naturais. E a partir de então o distanciamento entre agronomia e ecologia se alargou consideravelmente. (GLIESSMAN, 2000, p. 55)

O termo agroecologia foi conceitualmente desenvolvido por Howard (1934). Em 1950, foi cunhado por Lysenko e passou a ser usado em cursos de agronomia até a pulverização destes cursos pelo Acordo MEC- USAID, 1964-1968, em plena ditadura militar. A partir de 1980, as lutas por uma agricultura limpa, que vinham desde o início da década de 1960, encontraram eco na palavra agroecologia, significando uma agricultura que incorpora as dimensões sociais, culturais, éticas e ambientais, como fazia a agronomia pré-Acordo MEC- USAID. (MACHADO e FILHO, 2014, P.35)

No final do século XIX, e início do século XX ocorre a expansão da cultura agrícola com exploração de grandes áreas de monocultura, utilização de mecanização agrícola intensificada e insumos químicos artificiais que promoviam a produção em larga escala. Neste momento, marca-se a Segunda Revolução Agrícola dos tempos modernos, caracterizada como Revolução Verde e promulgada por todo mundo como o processo de modernização da agricultura. Assim afirmam Bianchini e Medaets (2013, p.2).

(...) definimos o processo de modernização da agricultura como a utilização no país de um processo que se denominou internacionalmente "Revolução Verde" com a utilização de uma tecnologia baseada no uso de sementes de alta produtividade, agroquímicos e motomecanização.

O período subsequente ao final da Segunda Guerra Mundial, 1945, é consolidado pelas amplas discussões das conseqüências da modernização agrícola no âmbito sócio-ambiental. No final dos anos de 1950 ganha espaço a “ecologia agrícola” em que o conceito de ecossistema desencadeou os estudos pertinentes a uma agricultura sob a perspectiva da ecologia.

Nas décadas de 1960 e 1970, embora as práticas e princípios consolidados pela Revolução Verde ainda se caracterizassem intensificados e marcantes, as relações do desenvolvimento sustentável no meio de produção começaram a ganhar espaço nas discussões em torno dos temas das políticas ambientais, onde se fizeram destacar a inclusão social dos pequenos agricultores, o controle do uso de agrotóxicos, e as técnicas e práticas utilizadas no manejo do solo e dos recursos naturais em geral.

“Um sinal importante desse interesse em nível internacional ocorreu em 1974, no primeiro Congresso Internacional de Ecologia, quando um grupo de trabalho desenvolveu um relatório intitulado ‘Análise de Agroecossistemas’.” (GLIESSMAN, 2000, p. 56)

Jesus (2005, p.23), citando Paschoal (1995), afirma que a denominação Agricultura Alternativa foi adotada em 1977, num documento produzido pelo

Ministério da Agricultura e Pesca. E acrescenta que nesta mesma década, o movimento em torno das agriculturas não convencionais se intensificou no Brasil.

Durante este período firmam-se as chamadas Agriculturas Alternativas (AA) e os movimentos de crítica ao modelo convencional de agricultura e suas conseqüências. No período que sucede a designação da AA, constitui-se o conceito de desenvolvimento sustentável e desta abordagem então, surgem as relações de base científica que dão origem à consolidação da Agroecologia, na década de 1980.

Quando adotou-se a designação de agricultura alternativa (AA), era devido à falta de uma melhor definição para o tipo de enfoque, abordagem e atuação que se praticava. Atualmente, agricultura sustentável (AS) pode ser considerada como um sinônimo de AA, que quer dizer muitas coisas e ao pretender servir a diferentes interesses, acaba por não dizer nada. Essa designação não serve àqueles que constroem novos e verdadeiros caminhos de desenvolvimento. Por isso, adota-se a agroecologia como o marco conceitual do novo. (JESUS, 2005, p.38)

No Brasil, embora as discussões proeminentes acerca do tema já se fizessem, as pesquisas e ensino de Agroecologia se consolidaram no início da década de 1990 e a partir dos anos 2000 quando aconteceram os Encontros e Congressos de Agroecologia, dando origem a criação da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA).

A tradução e publicação no Brasil, em 1989, do livro Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa de Miguel Altieri, foi, sem dúvida, um marco importante na passagem de uma concepção centrada na difusão de práticas tecnológicas específicas (adubação verde, compostagem, utilização de caldas no manejo de pragas e doenças, entre outras) para uma abordagem que tomava o agroecossistema como unidade de análise e intervenção. (SCHMITT, 2013, p. 175,176)

Neste contexto, então, se inserem as questões de desenvolvimento sustentável, de caráter holístico e macro que não se restringem aos processos de produção de uma determinada vertente de produção, mas de uma visão integrada dos saberes e da ciência que buscam alcançar os objetivos que contrapõem a agricultura convencional, a fim de retomar as relações sociais, culturais e ambientais que interligam homem e natureza.

A partir disso, são criados os órgãos e programas relativos às questões de base agroecológica, como o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO) e o Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO) onde se institucionalizam os princípios e as estratégias baseadas no sistema agroecológico e buscam suprir as demandas dos agricultores envolvidos neste sistema de produção e pensamento.

1.3.2 A dialética agroecológica

A agroecologia aborda teoria e prática com interação sociocultural e ambiental em todo seu processo de construção, e conseqüentemente abarca diferentes vertentes que a caracterizam, conceituam ou definem. Neste contexto, o processo de transição agroecológica perpassa por diferentes perspectivas e promove, então, um processo

complexo de construção de saberes, nos quais os agentes envolvidos caracterizam uma heterogeneidade nos aspectos que defendem suas visões e definições.

Afirma Schmitt (2013, p.182):

a transição agroecológica deixa de ser vista como um percurso técnico de conversão agroecológica dos sistemas produtivos, “influenciado” por fatores econômicos, sociais, políticos e culturais, constituindo-se como um processo conflitivo e multinível de mudança socioambiental, em que a agência humana ocupa um lugar central.

A autora discorre em sua literatura sobre o processo de transição não restrito às mudanças específicas de técnicas de produção, manejo e cultivo convencionais para técnicas de bases ecológicas. Ela sugere que diante das conceituações apresentadas acerca da expressão *Transição Agroecológica*, muito há que se dialogar para que se alcance um ponto de convergência no processo de construção do conhecimento agroecológico, “buscando compreendê-la como uma construção social (ou eco-social) que emerge através das interações que se estabelecem entre atores, recursos, atividades e lugares nos processos de desenvolvimento rural” (Schmitt, 2013, p. 174)

Ainda se faz necessário destacar as influências da cultura popular/conhecimento empírico, a caracterização local/regional e o envolvimento dos atores no processo de transição entre práticas convencionais e sustentáveis, como valorização da construção do saber agroecológico. Nesse sentido, a disseminação e integração dos saberes compõem a diversidade de informações e práticas que envolvem os atores dessa construção, no que se refere à dialogação entre os conhecimentos empírico e científico.

Caporal (2013, p.262) afirma que “com o atual modelo de desenvolvimento rural e agrícola, será impossível parar os processos de destruição de nossos biomas”. Portanto é preciso estabelecer estratégias e políticas públicas que procurem minimizar a crise socioambiental proveniente deste modelo.

Em 2008, surge a partir de reflexões acerca do tema “O Estado da Arte de Agroecologia” a organização e a proposta de criação de um Plano Nacional de Transição Agroecológica. No qual deveria conter metas de curto, médio e longo prazo, o entendimento de que o crescimento ilimitado é incompatível com o equilíbrio ambiental, considerando as demandas e necessidades das futuras gerações e a preservação da base de recursos naturais. (Caporal, 2013, p.301)

Para tanto, o autor discorre sobre as diversas falácias já conhecidas da Revolução Verde, ressaltando as discrepâncias entre distribuição de renda e concentração de terras, no que diz respeito à miséria, à fome e a desterritorialização dos territórios camponeses.

Neste contexto é imprescindível diferenciar as filosofias agrícolas de modelos convencionais e agroecológicos, à medida que o pensamento científico convencional desprende-se do conhecimento empírico, das relações sociais e das vivências, e incute a supremacia do saber científico cartesiano.

O pensamento holístico e sistêmico que envolve a agroecologia permite que sejam levados em consideração todo o conhecimento prático e científico de maneira integrada e transdisciplinar, onde a partir destes princípios uma nova abordagem pode ser estabelecida para que se façam as transições necessárias dos modelos convencionais de produção para modelos mais sustentáveis.⁶

⁶ Aqui cabe ressaltar que modelos sustentáveis não se restringem a práticas menos agressivas na agricultura. Devem ser considerados todos os aspectos interligados da relação homem-natureza, em toda sua complexidade. No que

(...) a Agroecologia corresponde a um campo de estudos que pretende o manejo ecológico dos recursos naturais, para - através de uma ação social coletiva de caráter participativo, de um enfoque holístico e de uma estratégia sistêmica - reconduzir o curso alterado da coevolução social e ecológica, mediante um controle das forças produtivas que estanque seletivamente as formas degradantes e espoliadoras da natureza e da sociedade. Em tal estratégia, dizem esses autores, joga um papel central a dimensão local, por ser portadora de um potencial endógeno, rico em recursos, conhecimentos e saberes que facilitam a implementação de estilos de agriculturas potencializadores da biodiversidade ecológica e da diversidade sociocultural. (Sevilla Guzmán e González de Molina, 1996, apud Caporal, 2013, p. 287)

Nesta perspectiva, como mostra a Figura 2, vale um comparativo entre os modelos utilizados a partir da modernização da agricultura caracterizada na Revolução Verde e o modelo Agroecológico apontados por Altieri (2009, p. 43 e 44).

abordam Sevilla Guzmán e Ottmann (2004), os elementos centrais da Agroecologia podem ser agrupados em três dimensões: a) ecológica e técnico-agronômica; b) socioeconômica e cultural; e c) sócio-política.

Quadro 3

Comparação entre as tecnologias da Revolução Verde e da agroecologia

Características	Revolução Verde	Agroecologia
<i>Técnicas:</i>		
Cultivos afetados	Trigo, milho, arroz, etc.	Todos os cultivos.
Áreas afetadas	Na sua maioria, áreas planas e irrigáveis.	Todas as áreas, especialmente as marginais (dependentes da chuva, encostas declivosas).
Sistema de cultivo dominante	Monocultivos geneticamente uniformes.	Policultivos geneticamente heterogêneos.
Insumos predominantes	Agroquímicos, maquinário; alta dependência de insumos externos e combustível fóssil.	Fixação de nitrogênio, controle biológico de pragas, corretivos orgânicos, grande dependência nos recursos locais renováveis.
<i>Ambientais:</i>		
Impactos e riscos à saúde	Médios a altos (poluição química, erosão, salinização, resistência a agrotóxicos, etc.). Riscos à saúde na aplicação dos agrotóxicos e nos seus resíduos no alimento.	Nenhum.
Cultivos deslocados	Na maioria, variedades tradicionais e raças locais.	Nenhum.
<i>Econômicas:</i>		
Custos das pesquisas	Relativamente altos.	Relativamente baixos.
Necessidades financeiras	Altas. Todos os insumos devem ser adquiridos no mercado.	Baixas. A maioria dos insumos está disponível no local.
Retorno financeiro	Alto. Resultados rápidos. Alta produtividade da mão-de-obra.	Médio. Precisa de um determinado período para obter resultados mais significativos. Baixa a média produtividade da mão-de-obra.
<i>Institucionais:</i>		
Desenvolvimento tecnológico	Setor semipúblico, empresas privadas.	Na maioria, públicas; grande envolvimento de ONGs.
<i>Socioculturais:</i>		
Capacitações necessárias à pesquisa	Cultivo convencional e outras disciplinas de ciências agrícolas.	Ecologia e especializações multidisciplinares.

continua...

...continuação

Características	Revolução Verde	Agroecologia
Participação	Baixa (na maioria, métodos de cima para baixo). Utilizados para determinar os obstáculos à adoção das tecnologias.	Alta. Socialmente ativadora, induz ao envolvimento da comunidade.
Integração cultural	Muito baixa.	Alta. Uso extensivo de conhecimento tradicional e formas locais de organização.

Figura 2. Comparação entre as tecnologias da Revolução Verde e da agroecologia. Fonte: Altieri (2004, p.43)

O processo de transição agroecológica conduz as mudanças dentro da complexidade da construção e da reformulação das práticas agrícolas, como já referenciado, dando espaço à compreensão holística dos agroecossistemas.⁷ Ou seja, não é possível seguir os padrões de pesquisa científica e aplicação de conhecimentos e resultados, sob aspectos agronômicos, como ainda é utilizado na agricultura convencional. É necessário reconstruir a relação agricultor e agricultura.

(..)quando se faz referência à Agroecologia está se tratando de uma orientação cujas contribuições vão mais além de aspectos meramente tecnológicos ou agronômicos da produção, incorporando dimensões mais amplas e complexas que aquelas das ciências agrárias “puras”, pois incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade. (CAPORAL, 2013. P.286)

A transição agroecológica, mais do que alterar práticas agrícolas, exige, para o alcance do sucesso, que a agricultura seja uma prática de construção do agricultor, com o agricultor e para o agricultor, numa formação de premissas básicas para a construção complexa do conhecimento a partir do conjunto de abordagens práticas e científicas, que atendam, de fato, as necessidades do agricultor. Considerando a agroecologia na perspectiva da produção agrícola, embora existam outras vertentes que a englobam, como as questões dos movimentos sociais, como por exemplo, a abordagem da territorialidade e das questões de gênero.

Lopes e Oliveira (2011) resumem a abordagem da agroecologia de forma clara, sucinta e objetiva:

O paradigma da agroecologia é cultural e científico, pois vem sendo consolidado como conhecimento e prática de base ecológica, cuja cientificidade é explicada pelo enfoque sistêmico de compreender a natureza e a sociedade pelo pensamento complexo e interdependente. (...) A mentalidade agroecológica prima à sustentabilidade ambiental, mas também a economia familiar, estabelecida no princípio da solidariedade humana e planetária, resgata o valor moral e ético estruturante e determinante para uma economia e um mercado justo, que vai implicar, além das trocas, formas de sociabilidade e de produção baseadas na cooperação, associação e união de todos para ações coletivas. (p.25 e 26) (...) a agroecologia é um conhecimento e uma prática social que se constrói na relação dos sujeitos agindo criticamente nas suas realidades, não sendo significada como conhecimento científico pelos agricultores, visto que vem da integração da família ao ambiente; há de se considerar que a agroecologia é resultado das identidades e da territorialidade dos sujeitos em seus processos de ocupação da terra e a cultura. (p. 33)

⁷ Neste sentido a expressão se refere ao eixo da agricultura sustentável que seja capaz de: a) baixa dependência de insumos comerciais; b) uso de recursos renováveis localmente acessíveis; c) utilização dos impactos benéficos ou benignos do meio ambiente local; d) aceitação e/ou tolerância das condições locais, antes que a dependência da intensa alteração ou tentativa de controle sobre o meio ambiente; e) manutenção em longo prazo da capacidade produtiva; f) preservação da diversidade biológica e cultural; g) utilização do conhecimento e da cultura da população local; e h) produção de mercadorias para o consumo interno e para a exportação. (Gliessman, 2000, apud Caporal, 2013, p. 290)

Os autores discorrem sobre a vinculação das técnicas científicas às práticas agroecológicas através de experiências vivenciadas entre os agricultores e a academia, por intermédio da articulação de grupos que tem por objetivo manter a qualidade de vida dos agricultores, e impedir a descaracterização de suas formas produção e comercialização. Essas descaracterizações muitas vezes ocorrem quando há interferência externa, no meio de produção e de vida do agricultor familiar, sem que se haja um conhecimento prévio do contexto histórico e cultural da comunidade.

Para o exercício da agroecologia há de se considerar, também, os vieses científicos que permeiam os ensinamentos agroecológicos. Os pilares da agroecologia⁸: ciclo etileno, trofobiose e transmutação dos elementos à baixa energia, são “a sustentação científica e a base para a sua implementação prática no processo produtivo.” (Machado e Filho, 2014, p.179)

Os autores associam a estes pilares e à condução correta do manejo do solo, o avanço expressivo na melhoria da qualidade de vida do solo e do meio ambiente. E destaca ainda o aumento da produtividade como consequência do aumento da fertilidade do solo. Nesta mesma lógica, consideram também o avanço na produção a partir do processo de desintoxicação do solo e afirmam que “os limites desse incremento⁹ ainda não são conhecidos. É possível que haja um progressivo avanço da situação clímax, de tal maneira que, dinâmica e dialeticamente, ela progrida sem poder ser alcançada.” (p.186)

Além das disputas conceituais e as problemáticas envolvendo a resistência na produção científica e na pesquisa, surgem como dos desafios da agroecologia os entraves da legislação.

Se comparado às pesquisas relacionadas à agricultura convencional, os estudos referentes a agriculturas voltadas para o desenvolvimento sustentável ainda se mostra pouco expressiva. Embora muito se tenha avançado, nas produções acadêmicas sobre agroecologia. No Brasil, especialmente, após o ano 2000.

Além deste aspecto, outros desafios se mostram presentes. Machado e Filho (2014, p.208) apontam a legislação como um dos entraves que são encontrados na produção limpa¹⁰.

A produção agroecológica, limpa, precisa atender a demanda em escala mundial, em escala humanidade, para ser capaz de confrontar o agronegócio. Não sendo assim, trata-se de tecnologia restrita a pequenos produtores, sem dúvida importante, mas insuficiente. (MACHADO e FILHO, 2014, p. 207)

Para os autores, é necessários revisar a legislação vigente para subsidiar a produção agroecológica em qualquer escala uma vez que este é o caminho para que seja possível combater o sistema de produção agrícola industrial (agronegócio) e então,

⁸ Ver: Os pilares da agroecologia em “Dialética da Agroecologia”. Expressão popular, 2014, p. 163- 187.

⁹ O incremento a que o texto se refere está baseado na lei da fertilidade crescente. Em que citando Pinheiro Machado, 2004, Machado e Filho enunciam: a fertilidade do solo, quando manejado sem agressão – aração e procedimentos similares – e com técnicas que estimulem a biocenose, é crescente, indo a limites ainda não identificados.

¹⁰ Expressão utilizada por Machado e Filho para tratar a produção agroecológica no livro Dialética da Agroecologia, 2014.

substituí-lo; é preciso explorar a ciência em nível de pesquisa e ensino; e é, ainda, imprescindível dissociar e desconstruir a relação agroecologia e tecnologias de produção do passado e em referência ao pequeno agricultor, mas referenciar o agricultor como sujeito do processo que pode se dimensionar em qualquer escala, para contrapor o paradigma da agricultura convencional e do agronegócio.

A idéia de inclusão social do pequeno agricultor como indivíduo autônomo e essencial para a produção de base agroecológica se integra às idéias de que sua tecnologia se restringe ao micro, à pequena escala. E, desta forma, associar tecnologia, pesquisa e legislação é um desafio da agroecologia.

Faz-se necessário, aqui, estabelecer uma clareza de idéias no que se refere à importância do pequeno agricultor, da valorização da cultura local e de suas demandas para a construção de uma sociedade justa e igualitária. Onde haja, de fato, agricultura e agricultor, e se considerem as características proeminentes do grupo no qual a agroecologia esteja inserida, seja na produção agropecuária, seja na relação político, social, econômica, étnica e cultural da região.

Apesar de demonstrar múltiplas facetas e da existência de uma conexão entre elas, a denominação “Agroecologia” vem sendo interpretada de diferentes maneiras (...) Esta questão tem fomentado muitos debates acerca destas denominações, pois, não se pode precisar até que ponto uma interpretação sobrepõe as outras, e apesar destas nuances, o movimento agroecológico tem ampliado suas reflexões em função desses questionamentos. (SILVA, 2004, p.6)

As premissas que envolvem a Agroecologia e suas abordagens conceituais, ainda estão em constante construção e estão longe de serem concluídas constituindo, assim, a dialética da Agroecologia.

A exemplo, segundo Abreu, et.al., 2012, as inter-relações da Agricultura Orgânica e da Agroecologia, estabelecem alguns apontamentos controversos entre as elas. E tratam as disputas por conceitos que abordam a temática, relacionando-as as características políticas de certificação.

Embora exista uma convergência nos objetivos gerais das práticas da agricultura orgânica e da agroecologia, a diferenciação conceitual e de produção fazem com que essas duas áreas não sejam a mesma coisa. Considerando que a Agricultura Orgânica é uma prática e um estilo de promover agricultura, e a Agroecologia é uma ciência em construção, que dentre outros aspectos, aborda a prática agrícola, podemos concluir que há divergências entre essas práticas. E as abordagens acerca delas são, certamente, características dos desafios da agroecologia e levam a discussões mais profundas e específicas sobre o tema.

2 CAPÍTULO II

A AGROECOLOGIA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA NO BRASIL

A agricultura, há muito, passa por um processo de ressignificação. E a agroecologia se insere neste contexto contra-paradigmático do modelo convencional de produção. As premissas agroecológicas quebram a ascendência dominante da ciência convencional e demais ciências, à medida que considera integrar os conhecimentos científicos aos saberes tradicionais.

No Brasil, a resistência dos pesquisadores e da academia contra a mudança de paradigma apontada pela Agroecologia pôde ser percebida desde seu surgimento, e arrisca-se dizer que ela permanece nas ciências agrárias, visto que a imersão em pesquisas sobre a agroecologia é, ainda, restrita nos cursos de pós-graduação. Basta fazer um levantamento para perceber que há poucos programas sobre a temática. Porém, o avanço no meio acadêmico vem sendo firmado de maneira consistente, e a agroecologia tem conquistado espaço nas produções acadêmicas, na pesquisa, no ensino e na extensão, no decorrer das décadas, considerando as variações no quantitativo de produções desde 1970.

Segundo Caporal (2009, p. 21), os dados da pesquisadora Maria Virgínia Aguiar apontavam a existência de mais de 70 cursos em Agroecologia em nível médio, superior e pós-graduação.

Até o ano 2012, segundo levantamento realizado por Pinto (2014, p.62), compunha a matriz curricular de cursos em Agroecologia oferecidos no Brasil: 85 cursos em nível médio e 26 cursos em nível superior. O autor discriminou os números de acordo com região, modalidade, tipo de oferta e grau de titulação. Ressalta-se que não há em seus registros os números de cursos em nível de pós-graduação, embora o autor faça menção a estes cursos como forma de institucionalização da Agroecologia.

Estão registrados no MEC 111 cursos de Agroecologia em todo Brasil, entre técnicos, tecnológicos e bacharelados. Sendo na Região Nordeste 39 cursos (28 técnicos e 11 superiores); Região Sul 28 (23 técnicos e 5 superiores); Região Sudeste 24 (21 técnicos e 3 superiores); Região Norte 13 (8 técnicos e 5 superiores) e Região Centro Oeste 7 (5 técnicos e 2 superiores). (PINTO, 2014, p.54)

Balla, Massukado e Pimentel (2014), apontaram que até o final do ano 2013, havia 136 cursos de Agroecologia em funcionamento (108 cursos de nível técnico, 24 cursos de graduação e 4 cursos de pós-graduação *stricto sensu*).

As especificidades de cada pesquisa não permitem que se faça uma análise comparativa dos dados numéricos em cada um dos graus apontados, mas sinaliza, numa abordagem geral, a expansão dos cursos em Agroecologia no país.

A pesquisa de Balla, Massukado e Pimentel, não fez menção aos cursos com “enfoque em Agroecologia” e não mensuraram os cursos de pós-graduação em especialização *lato sensu*. Em sua pesquisa, os autores se fundamentaram em dados de registro vinculados exclusivamente ao MEC, e justificaram a escolha por não mensurar os cursos supracitados baseados nas questões da certificação e fiscalização exigidas para

curso de educação formal. Desta forma, por não haver obrigatoriedade de autorização do MEC, os cursos de especialização podem ser oferecidos por qualquer instituição superior credenciada ao MEC, sem necessidade da fiscalização a que os autores se referem e consideram essenciais para a mensuração de dados para a pesquisa acadêmica.

Contrariando esta lógica, nesta pesquisa, foram levantados dados de referência aos cursos de Agroecologia num âmbito geral, independente do credenciamento ou fiscalização do MEC, tendo em vista que o objetivo desta pesquisa perpassa por quantificar os cursos em Agroecologia oferecidos no Brasil. Ainda nos aportes deste objetivo, buscou-se demonstrar a expansão da Agroecologia no meio acadêmico de formação.

A metodologia utilizada foi a pesquisa telemática a partir dos sites vinculados ao Ministério da Educação através do Portal MEC, E-mec, Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional (SISTEC), Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) e Plataforma Sucupira e pesquisa bibliográfica.

De acordo com as buscas e o levantamento nas fontes bibliográficas feitos até o mês de agosto de 2016, existiam no Brasil, 113 instituições que ofereciam cursos de Agroecologia em nível técnico, tramitando entre concomitante, integrado, subsequente ou PROEJA (integrado ou subsequente); 21 instituições oferecendo ensino superior em Agroecologia, nas modalidades: presencial ou à distância, com formação Tecnológica ou Bacharelado; 19 instituições com cursos em nível de pós-graduação *lato sensu* e 8 instituições com cursos em nível de pós-graduação *stricto sensu*.

De acordo com os dados coletados constatou-se que embora os cursos estejam cadastrados nas fontes de pesquisa, 29 cursos¹¹, em nível médio não são oferecidos nas referentes instituições de ensino. Por amostragem, selecionando algumas destas instituições e por email e/ou ligações telefônicas, foram apontados: (1) os cursos nunca existiram de fato nas instituições; (2) foram ofertados e devido à baixa demanda foram encerrados; ou (3) foram oferecidos através de programas governamentais e encerrados após o cumprimento e a conclusão do curso por número de turmas ofertadas.

Em nível de graduação e pós-graduação, dos cursos registrados apenas um curso se encontra em situação de extinção. Na graduação, foram contabilizados 27 cursos de graduação em Agroecologia, dos quais apenas 1 é na modalidade à distância. E em nível de pós-graduação, são oferecidos 34 cursos de especialização *Lato Sensu*, 8 cursos de mestrado e um curso de doutorado em Agroecologia.

Em relação aos cursos de graduação em Agroecologia, estão registrados sob as modalidades presencial ou à distância, com titulação de referência para Tecnólogo ou Bacharel. Sendo eles encontrados nas seguintes instituições:

Região Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Universidade da Região da Campanha; Universidade do Contestado; Universidade Federal do Paraná e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Região Centro-Oeste: Instituto Federal de Brasília

Região Sudeste: Universidade Federal de São Carlos; Universidade de Taubaté (modalidade à distância); Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais (curso tecnológico

¹¹ Uma das instituições que deixou de oferecer o curso reiniciou a atividade em um momento diferenciado, contabilizando 28 instituições em que o curso foi encerrado ou nunca foi oferecido.

presencial registrado em processo de extinção, com oferta do curso bacharelado presencial em atividade).

Região Norte: Universidade Federal de Roraima; Instituto Federal do Amazonas; Universidade do Estado do Amazonas (cursos oferecidos em 6 municípios/unidades distintas); Instituto Federal do Pará; Instituto Federal do Acre.

Região Nordeste: Universidade Estadual da Paraíba; Universidade Federal da Paraíba; Instituto Federal da Paraíba; Instituto Federal do Rio Grande do Norte; Instituto Federal de Pernambuco; Instituto Federal de Sergipe; Universidade Federal do Recôncavo Baiano.

Em nível de especialização, os cursos também foram registrados na modalidade presencial ou à distância, lato ou stricto sensu, presentes nas seguintes instituições de ensino:

Modalidade Lato Sensu

Região Sul: Instituto Federal de Santa Catarina; Universidade Estadual do Rio Grande do Sul; Instituto Federal Farroupilha; Castelli Escola superior de Hotelaria; Universidade Federal do Paraná e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Região Centro-Oeste: Universidade Federal de Goiás; Faculdade de Ávila; Universidade Federal de Grandes Dourados.

Região Sudeste: Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade de São Paulo; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; Instituto Federal do Espírito Santo.

Região Norte: Instituto Federal do Amazonas; Universidade Federal do Pará; Instituto Federal do Pará; Faculdade Integrada de Araguatins (distribuída em diferentes unidades no país)

Região Nordeste: Faculdade Kuriós; Faculdade Internacional do Delta; Universidade Federal do Ceará

Em nível de especialização Stricto Sensu, são registrados os cursos de mestrado, acadêmico ou profissional, e doutorado nas instituições abaixo:

Região Sul: Universidade Federal da Fronteira do Sul e Universidade Estadual de Maringá.

Região Sudeste: Universidade Federal de Viçosa; Universidade Federal do Espírito Santo; Universidade Federal de São Carlos.

Região Norte: Universidade Estadual de Roraima

Região Nordeste: Universidade Federal da Paraíba; Universidade Estadual do Maranhão.

Além destes cursos aqui registrados foi encontrado o curso de Agricultura Orgânica, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; Agricultura Sustentável, na Universidade José Do Rosário Vellano; e Agronomia- Sustentabilidade na Agricultura, na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

Vale ressaltar que, nesta pesquisa, deu-se ênfase aos dados coletados nos portais oficiais, para fins de registros numéricos. Desta forma, este levantamento foi feito através do Portal Capes/Plataforma Sucupira, onde são registrados 5.515 cursos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado. Sabe-se, porém, que a Agroecologia em sua multi e interdisciplinaridade compreende muito mais do que uma ciência agrária ou social. Embora os cursos específicos sejam apresentados em um número expressivo, a abordagem agroecológica perpassa esses números e se faz presente em diversos programas de pós graduação, como mostrará o resultado do quantitativo de produções

acadêmicas com enfoque em agroecologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, por exemplo.

Os gráficos (1-10) fazem alusão aos números relacionados à pesquisa, apontando maiores detalhes referentes aos cursos, suas modalidades, tipos de ofertas e titulação atribuída, além de permitir uma abordagem mais ampla em função da distribuição destes cursos no país, por região e por Estado.

No decorrer da pesquisa, foi constatada a dificuldade de se constituir a mudança nas instituições de ensino, ao tratar a Transição Agroecológica e seus desafios, especialmente no que diz respeito à consolidação da Agroecologia na sua inserção no meio acadêmico.

No gráfico 1 são demonstradas as instituições que oferecem ensino em Agroecologia no Brasil, em todas as modalidades de ensino e segundo os níveis médio e superior.

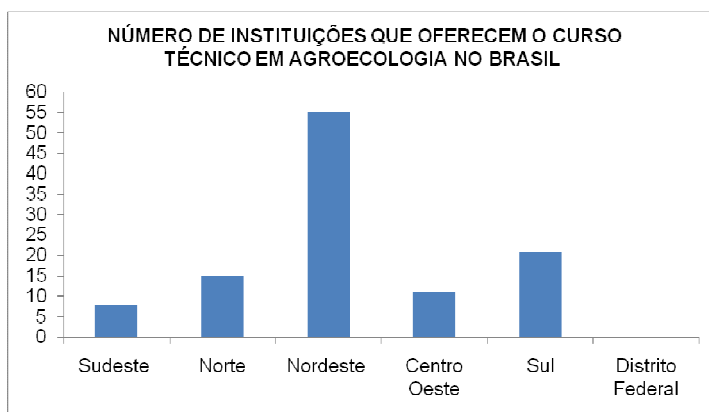


Gráfico 1. Análise de ofertas em Nível Médio Técnico por Região

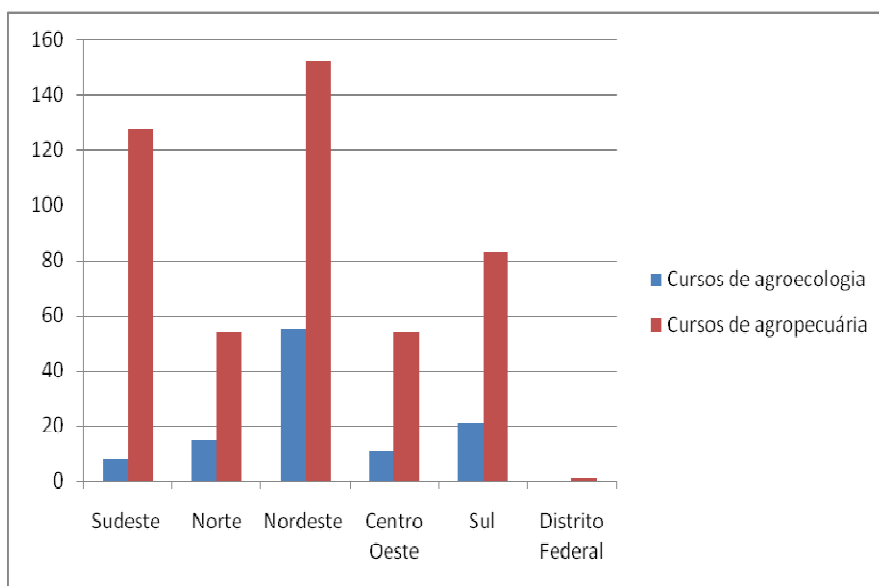


Gráfico 1A. Comparativo entre o número de cursos de Agropecuária e número de cursos em Agroecologia oferecidos no Brasil.

Os gráficos 1 e 1A mostram a ascensão dos cursos de Agroecologia no Brasil, estando predominantemente presentes na região Nordeste, seguido das regiões Sul e Sudeste.

Pode-se perceber que também nessas mesmas regiões há presença do maior número de instituições que oferecem o curso de Agropecuária. E ainda, que analogicamente, o quantitativo de instituições que oferecem cursos em Agropecuária oferecidos é consideravelmente maior do que o de instituições que oferecem formação em Agroecologia.

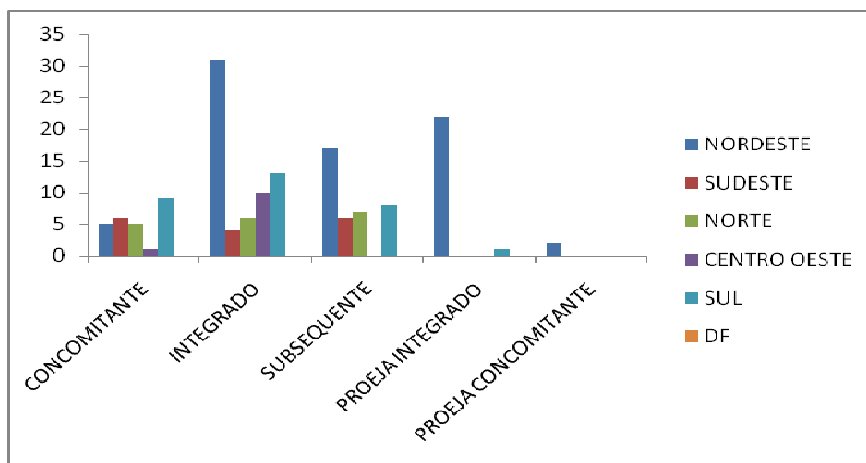
Logo, embora muito se fale dos cursos em Agroecologia no Brasil e das produções acadêmicas, que outrora fora citado por Caporal (2013, p. 284) como o país que, provavelmente, tem o maior número de cursos em Agroecologia ou com enfoque agroecológico em funcionamento, uma analogia feita no gráfico 1A, permite constatar que ainda há muito que se percorrer neste caminho de transformação acadêmica entre os cursos de Agropecuária e Agroecologia.



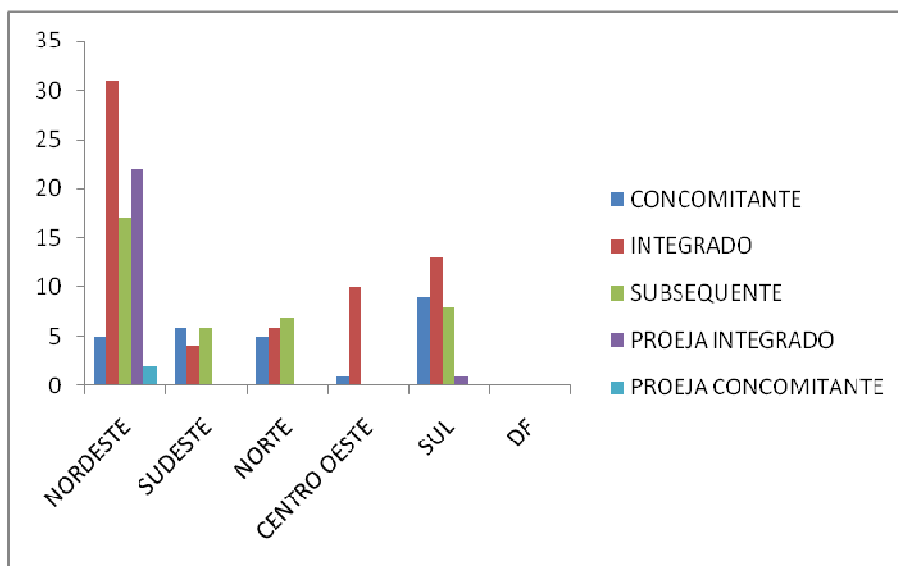
Gráfico 2. Análise de ofertas em Nível Médio Técnico por Estados

O gráfico 2 apresenta a distribuição dos cursos de Agroecologia em nível Médio Técnico, com predominância nas regiões Nordeste e Sul.

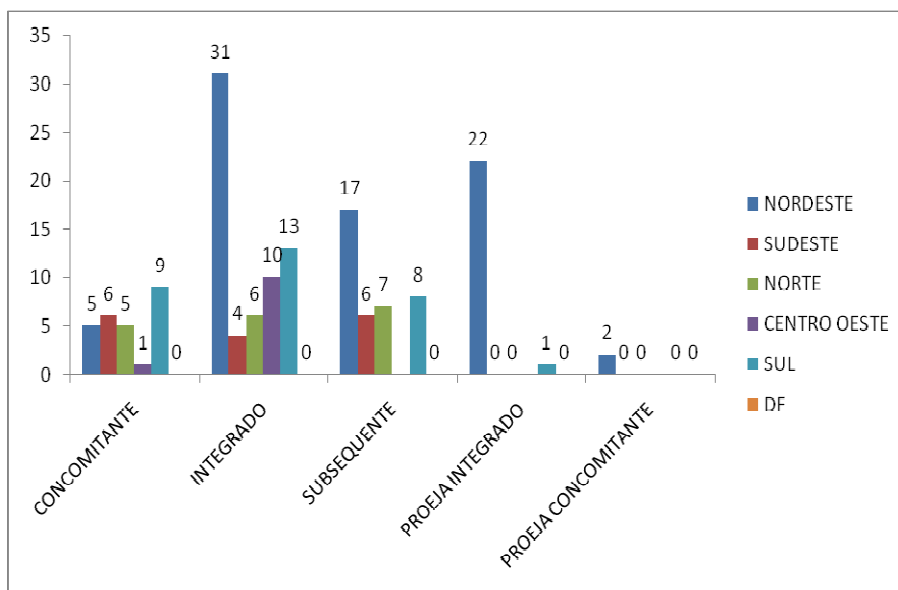
Os gráficos de 3 a 6 demonstram as análises dos cursos técnicos em Agroecologia por Região e seus respectivos tipos de oferta, que podem ser concomitante (certificação de Ensino Médio Regular e Ensino Médio Técnico separadamente); Integrado (certificação de Ensino Médio Técnico, com cumprimento do ensino regular integrado ao ensino técnico, integrando as matrizes curriculares); Subsequente (certificação de Ensino Médio Técnico após a conclusão do Ensino Médio Regular) e PROEJA integrado ou concomitante (certificação de Ensino Médio Técnico para Jovens e Adultos, conforme descrição das modalidades referentes).



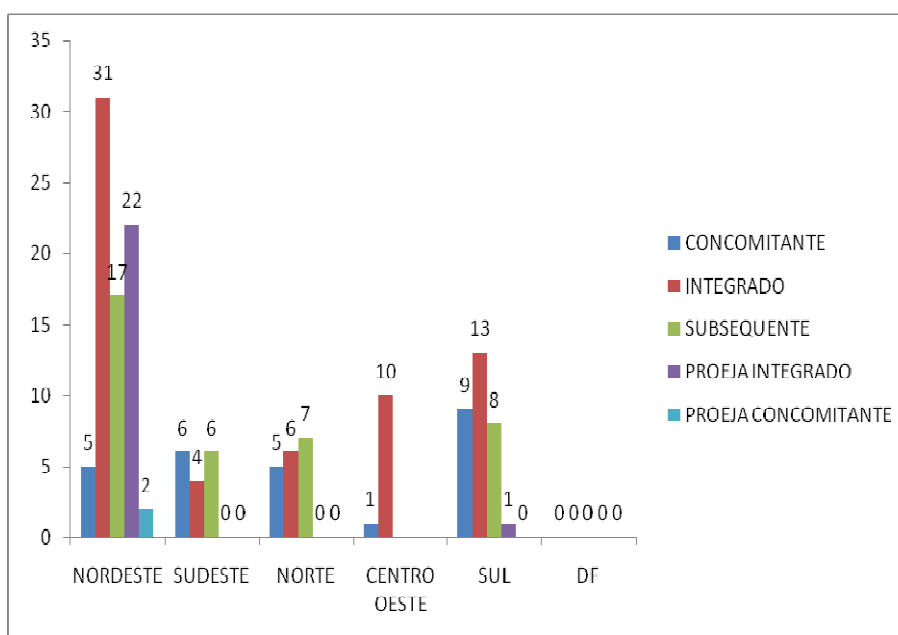
Gráficos 3. Análise dos tipos de oferta dos cursos técnicos em Agroecologia por Região



Gráficos 4. Análise dos tipos de oferta dos cursos técnicos em Agroecologia por Região



Gráficos 5. Análise dos tipos de oferta dos cursos técnicos em Agroecologia por Região



Gráficos 6. Análise dos tipos de oferta dos cursos técnicos em Agroecologia por Região

Os gráficos acima (3-6) tem a mesma representatividade, sob diferentes perspectivas. E neles podemos perceber que as modalidades mais oferecidas são as de Ensino Médio Técnico Integrado e Concomitante.

No gráfico (7) abaixo estão representados os números de instituições que não oferecem o curso em Agroecologia, mas que possuem registro no Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional. Ou seja, a fim de levantamento numérico, essas 29 instituições são consideradas como instituições que oferecem os cursos, mas

efetivamente esses cursos não funcionam, nestas unidades. Em determinadas situações, os funcionários da instituição, inclusive, desconhecem o registro do curso no SISTEC.

De acordo com o MEC, algumas destas instituições que fizeram o registro encontraram entraves burocráticos ou de quórum para dar continuidade ao processo de abertura dos cursos, justificando este número de inatividade.

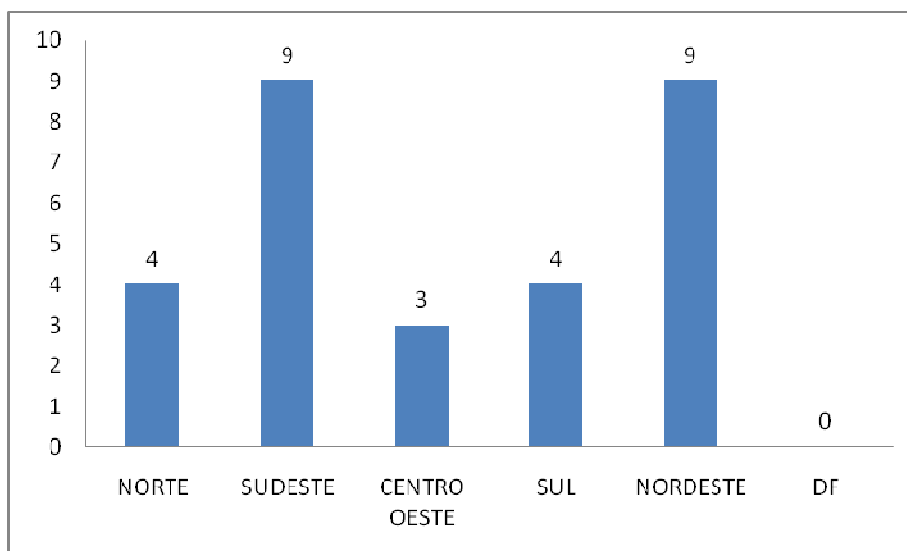


Gráfico 7. Número de cursos registrados no sistema SISTEC não oferecidos efetivamente pelas instituições ao público

A partir do gráfico 8 podem ser analisadas as ofertas de formação em Agroecologia em Ensino Superior. Sendo nos gráficos 8 e 9, as instituições que oferecem o curso em nível de graduação, com predominância nas Regiões Norte e Nordeste, nas modalidades presencial e com formação Tecnológico.

Enquanto o gráfico 10 apresenta dados de instituições registradas que oferecem Ensino Superior em nível de pós-graduação, com predominância na modalidade *lato sensu*. E maior ascendência na Região Nordeste.

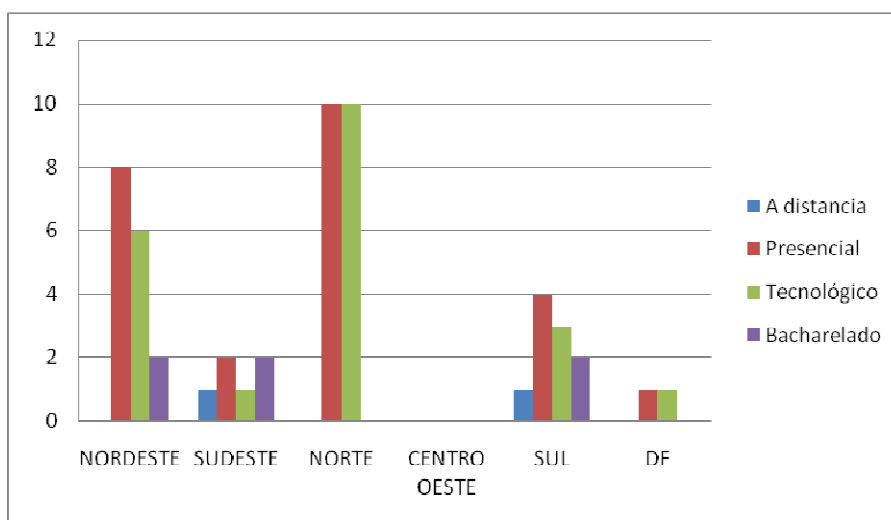


Gráfico 8. Análise dos números de instituições que oferecem cursos de ensino superior no Brasil em nível de graduação, por região.

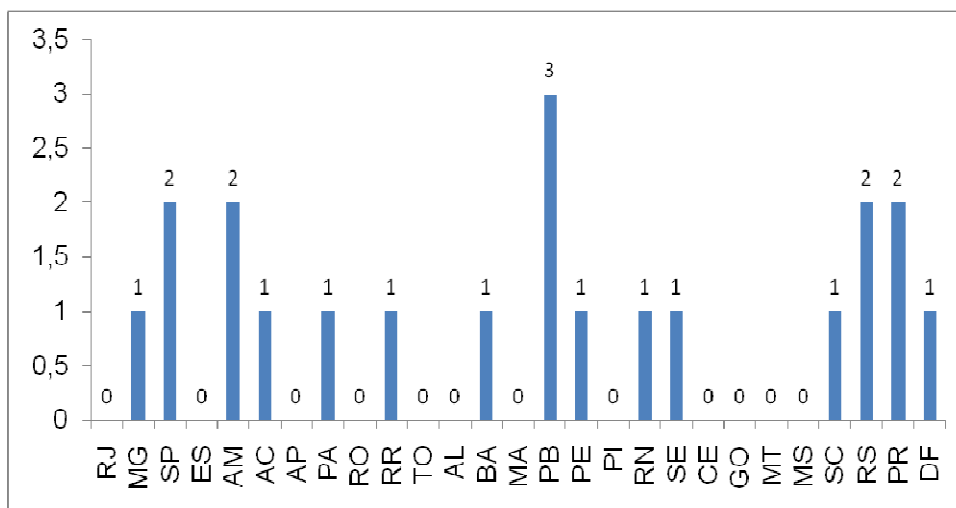


Gráfico 9. Análise dos números de instituições que oferecem cursos de ensino superior em Agroecologia em nível de graduação, por Estado brasileiro.

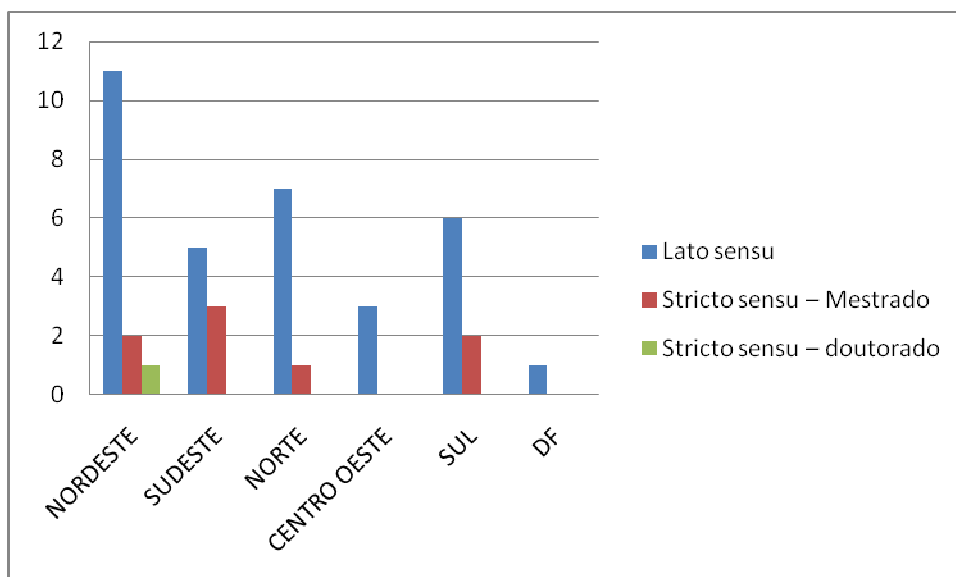


Gráfico 10. Análise dos números de instituições que oferecem cursos de pós-graduação em Agroecologia no Brasil

Considerando uma análise feita a partir dos dados coletados pode-se concluir que a Agroecologia se faz presente em todo território nacional, com presença predominante nas regiões Norte e Nordeste. Mas que em nível Médio, se comparado ao Ensino Técnico em Agropecuária, a formação em Agroecologia ainda precisa se expandir para que as transições nas unidades de ensino se intensifiquem, levando às discussões e aproximações necessárias para a consolidação da Agroecologia nas localidades em que o ensino será ofertado ou estabelecendo relações entre a prática e a teoria, a partir da realidade da comunidade em questão.

3 CAPÍTULO III

O ESTADO DA ARTE DA AGROECOLOGIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)

Em 1992, foi publicado o texto “O Estado d'Arte dos cursos de agroecologia e considerações sobre a criação de um curso de mestrado (Mac) em agroecologia na UFRRJ”, ao qual não foi possível o acesso na íntegra, escrito por Eli Lino de Jesus, mas em função das citações acerca do mesmo em diferentes trabalhos, nos permitiu pontuá-lo como um dos marcos históricos do percurso da Agroecologia na UFRRJ.

No ano 2000, Frade fez uma releitura da história da Agroecologia e alocou o Estado do Conhecimento acerca do tema na universidade. Segundo a autora, de acordo com os depoimentos colhidos, o tema veio a debate no final dos anos 70, embora o movimento contrário à agricultura convencional já acontecesse antes disso.

Considerado o “*Momento do ápice do movimento que vinha acumulando forças há muito tempo.*” Seguindo as referências dos entrevistados, a crítica constante de várias gerações de estudantes, oriundos de vários estados brasileiros, trazendo a problemática das diferentes realidades para o espaço acadêmico (muitos deles eram adeptos de movimentos *hippie*), além dos apelos da mídia e da sociedade civil pelas questões ambientais. (FRADE, 2000, p.55 e 56)

Fica claro nos estudos da autora que a influência dos estudantes foi crucial para o início das discussões sobre Agroecologia, ainda que houvesse resistência de pesquisadores e professores da área agrônômica¹². E que a persistência deles em suas abordagens críticas impulsionaram o debate agroecológico na UFRRJ.

Ao longo do tempo, desde a criação do Grupo de Agricultura Ecológica (GAE), em 1983, as discussões avançam acerca dos temas de agriculturas alternativas.

Em 1984 a universidade é responsável por organizar o II Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa, no qual muitas “portas” se abriram para a discussão agroecológica no país.

Em 1992, ocorre o Simpósio Internacional de Agroecologia, que pressupõe a reflexão e a discussão em função dos desafios a serem enfrentados para que se avance no desenvolvimento da agroecologia, a fim de se desfiliar da agricultura tradicional, definida na apresentação do folder como um “modelo agrícola predatório, ultrapassado, economicamente inviável e socialmente injusto.”

¹² Quando se faz referência ao termo agrônômico, trata-se de Ciências Agrárias em Geral. “Embora vez ou outra usamos o termo agrônomo, queremos nos referir a todos os profissionais das Ciências Agrárias (...), pois a Agroecologia não pode ser privativa dos agrônomos.” (JESUS, 2000, p.7)

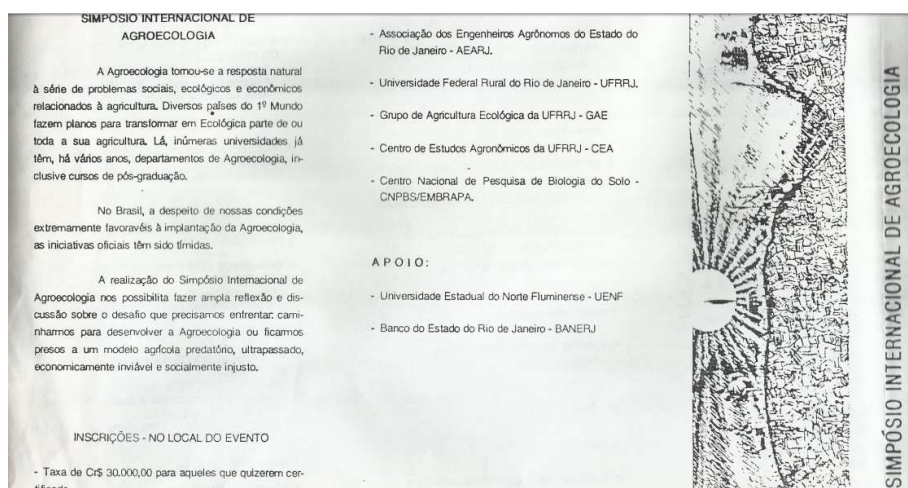


Figura 3. Folder Simpósio Internacional de Agroecologia, 1992.

Também em 1992, surge a proposta de criação do curso de Mestrado em Agroecologia, por iniciativa do professor Eli Lino de Jesus. E em 1993, se institui o Programa de Agroecologia na UFRRJ.

Ainda em 1993, há a retomada das discussões acerca da necessidade da criação do curso de mestrado em Agroecologia na universidade.

a UFRRJ estaria dando um grande passo em direção a modernidade (entendida em sua amplitude), pois deixaria de caminhar “à reboque” do movimento social e alternativo para ser a vanguarda desse movimento fornecendo educação, pesquisa e extensão agrícola especializada em agroecologia. (JESUS, 1992: p.24, apud FRADE, 2000: p. 81)

Devido a uma série de fatores apontados na pesquisa de Frade (2000) como, por exemplo, a falta de consenso sobre as questões da Agroecologia e um quadro deficiente de professores para dedicar-se a área, o curso de Agroecologia não foi aberto. E em 1995, foi criado um curso se enquadrava como sub-área de concentração da área de Fitotecnia no Mestrado em Agronomia.

A partir da criação do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, em 1989, a UFRRJ passou a oferecer, no ano 2000, o curso de Mestrado em Fitotecnia com área de concentração em Agroecologia. Além do Programa de Pós-Graduação em Agricultura Orgânica, que embora não traga em suas especificações o termo Agroecologia, é localizado em uma área destinada à pesquisa voltada para o desenvolvimento de uma agricultura de base agroecológica.

Cabe informar que estes cursos não estão registrados nas fontes oficiais elencadas ao MEC, em nenhuma das menções feitas à Agroecologia, embora a UFRRJ, seja considerada precursora na abertura do debate sobre a criação de cursos de pós-graduação em Agroecologia. Desta forma, a Agroecologia sob condições de área de concentração ou estando presente através dos vieses de outros cursos, se torna “invisível” em buscas generalizadas. Necessitando de realização de buscas específicas e mais aprofundadas para se tornar visível.

No ano 2001, o CTUR - Colégio Técnico da Universidade Rural passou a oferecer o curso Técnico em Agropecuária Orgânica, que a partir de 2010 passou a ser classificado como Técnico em Agroecologia, intensificando ainda mais a relação da universidade com o tema e a prática socioambiental, cultural e de produção, protagonizada pela agricultura familiar local vinculada aos movimentos sociais do campo e também chamados de rururbanos¹³.

Entre 2008 e 2011, foram articulados encontros entre os atores sociais envolvidos na vivência agroecológica, entre ensino, pesquisa e extensão, a fim de estruturar um plano de formação de jovens em bases agroecológicas. Deu-se origem, então, ao Programa de Intervivência Universitária. E foi aprovada a implementação do NIA-Rural - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão Científica e Tecnológica em Agroecologia da UFRRJ, com o núcleo formado por professores, pesquisadores e estudantes. Onde há um debate sobre a lógica da agroecologia e do desenvolvimento sustentável nas aplicações e práticas vinculadas à extensão.

Para dar consequência às ações propostas, será fundamental a integração com técnicos extensionistas, fazendo a ligação entre a realidade vivida no campo e o conhecimento produzido dentro das instituições de ensino e pesquisa.(...) Uma das principais atividades desenvolvidas pelo Núcleo são os seminários temáticos, onde são apresentados e debatidos diversos temas sobre a produção agropecuária orientadas pelos princípios da agroecologia. As atividades de campo serão planejadas de acordo com as demandas levantadas nos diagnósticos, assim como as apresentadas pelas equipes das prestadoras de assistência técnica. Estão previstas atividades como: dias de campo, estruturação de unidades demonstrativas, visitas de intercâmbio, capacitações, entre outras. (NIA-UFRRJ)

Existem, atualmente na UFRRJ, segundo fontes do Decanato de Extensão, seis grupos organizados que fazem menção à Agroecologia em suas correntes filosóficas apresentados como Grupos de Estudos, Pesquisa, Extensão e Produção Vegetal e Agroecológica:

1. Centro de Estudos Hidropônicos
- 1 Grupo de Agricultura Ecológica (GAE)
- 2 Grupo de Difusão da Agroecologia em Áreas Indígenas
- 3 Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Agricultura Natural
- 4 Grupo de Permacultura da Rural
- 5 Grupo de Reciclagem de Papel da UFRRJ

Os grupos formados no campus universitário trazem ao meio acadêmico as questões das demandas populares. Nascem, pois, das discussões, as estratégias de ação e pesquisa que buscam colocar em voga as questões referentes ao Meio Ambiente e os sujeitos que o compõem, como afirmam Lopes e Oliveira (2011, p.31):

¹³ Segundo Oliveira (2015) “Há territorialidades de habitantes urbanos que praticam a agricultura familiar nas periferias de espaços urbanos, metropolitanos de grandes capitais que, por conseguinte, tem uma história de expulsão e/ou expropriação de suas terras e notadamente de identidades rurais. Assim os indivíduos na forma de atores coletivos foram se organizando política e socialmente pela agricultura rururbana, mas, no tocante às condições objetivas e materiais se organizam no processo produtivo de forma precária, devido à situação de desterritorialização.”

A UFRRJ sempre esteve diante do desafio de formação profissional agrônômica e agrária para atender às demandas populares e aos grupos que se formam em prol da defesa do meio ambiente e dos valores de ser humano e da cidadania planetária.

Desta forma, a participação da universidade no processo de promoção da Agroecologia no Brasil está intrínseca ao processo de desenvolvimento e crescimento da Universidade, num aspecto geral.

3.1 Um Breve Histórico da Agroecologia na UFRRJ: O GAE e a Fazendinha Agroecológica, Baseado Na Leitura De Carmen Oliveira Frade¹⁴

3.1.1 GAE – Grupo de Agricultura Ecológica

A criação do GAE – Grupo de Agricultura Ecológica-, em 1983, se deu em menção a estas necessidades do movimento estudantil, que ora se faziam vigentes, e que começaram a ganhar apoio de alguns professores e pesquisadores que perceberam, dentro das perspectivas do alunado, questionamentos que permeavam as mais diferentes práticas da agricultura.

Tendo como lema “Estudar, praticar e difundir a Agroecologia”, há 26 anos o GAE vem promovendo e difundindo a Agroecologia dentro e fora da Universidade de uma forma transdisciplinar através de atividades como cursos, promoção de palestras, oficinas, vivências agroecológicas, visitas técnicas, seminários, estudos coletivos, entre outras. O Grupo de Agricultura Ecológica nasceu em 1983, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a partir da necessidade dos estudantes de se relacionarem com conhecimentos alternativos aos da grade curricular imposta pela Universidade. Formado por estudantes de diversos cursos, desde então o grupo reúne-se semanalmente a fim de estudar e discutir temas ligados à Agroecologia, organizando eventos e ações para o desenvolvimento e divulgação da Agricultura ecológica. Grupo transdisciplinar, aberto à participação de todos os interessados em construir a Agroecologia, aliando teoria e prática, com uma forma horizontal de organização. (UFRRJ- COAGRO e Blog de extensão)

Ainda segundo Frade (2000, p.58), estes questionamentos aconteciam tanto na linha do ensino, quando se tratava da matriz curricular dos cursos oferecidos, quanto na linha da pesquisa quando os alunos se vinculavam à EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Destaca a autora que os anseios e expectativas dos estudantes eram relacionados às suas respectivas realidades, advindas de diversas partes do país, uma vez que o perfil estudantil da universidade sempre foi bastante heterogêneo quanto à naturalidade.

E neste sentido, vale ressaltar, que esta característica associada ao quadro de permanência no campus universitário no contra-turno de aulas¹⁵, também favoreceu aos

¹⁴ A autora baseou sua dissertação, para referenciar os dados coletados, nas entrevistas realizadas com professores, pesquisadores, ex-alunos e agricultores.

encontros, fortalecendo os debates e a união dos alunos em prol de uma agricultura alternativa.

Embora houvesse muita resistência quanto a trabalhar os conceitos e práticas alternativas para uma agricultura voltada para o baixo uso de insumos, que fosse direcionada ao pequeno produtor e que trouxesse as questões ambientais, com o passar do tempo, os questionamentos, antes mencionados, acabaram dando espaço ao pensamento holístico.

Desta forma, descaracteriza-se a “imagem” dos grupos e estudos referentes às agriculturas alternativas, que por muito tempo foi tratado como marginalizados por não possuírem critérios científicos em suas argumentações para estratégias voltadas para uma agricultura não convencional.

Em 1984, por iniciativa dos estudantes e de um professor (Raul de Lucena) acontece o Segundo Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa (II EBAA). Neste encontro foram abordados, através de debates, relatos e palestras, as questões ambientais e foram, ainda salientadas denúncias quanto ao uso abusivo de agrotóxicos e quanto às situações que se apontava a agricultura no país.

O II EBAA reuniu 1800 participantes, e contou com a presença e apoio de órgãos e secretarias de agricultura de todo o país, além da presença de técnicos e agricultores, ambientalistas, intelectuais, estudantes e da imprensa. Desta forma, o evento foi considerado um marco histórico e político, posto que a partir dele, consolidou-se a Agroecologia na UFRRJ.

Através do GAE, os estudantes tinham acesso aos órgãos de fomento a pesquisa acadêmica e publicações sobre as agriculturas alternativas dentro e fora do Brasil. A AS-PTA - Assessoria e Serviços a Projetos da Agricultura Alternativa - foi o órgão que mais marcou a trajetória do GAE, neste sentido. Tanta importância foi atribuída a este grupo, que coube a ele a organização de outros eventos sobre agricultura alternativa no Brasil.

À época, deu-se início a solidificação da relação entre a universidade e a comunidade. Por iniciativa particular de um integrante do GAE, ocorreu a aproximação entre assentados e universitários. Após um pluralismo de ações solidárias e envolvimento com as particularidades dos assentados, a universidade passou a dar apoio ao grupo, consolidando esta relação.

A partir disto, originaram-se projetos de pesquisa e extensão, envolvendo estudantes, professores, pesquisadores e agricultores, nos quais se estabeleceram metas e abordagens metodológicas para o desenvolvimento da agroecologia na região.

Embora o GAE tenha sido precursor no histórico da Agroecologia na UFRRJ, e se conheça sua real importância nessa trajetória, o grupo não é institucionalizado, o que burocraticamente inviabiliza o investimento financeiro, os registros e as documentações de pesquisa, por exemplo.

¹⁵ A universidade oferece o Programa de Residência Estudantil e os alojamentos são localizados dentro do campus universitário.

3.1.2 SIPA – Sistema Integrado De Produção Agroecológica

Segundo FRADE (2000, p.69), “há uma procura cada vez maior por alimentos mais saudáveis, de menor custo, com menores impactos sobre o meio ambiente, somando-se à busca por melhorias que garantam a fixação do homem ao meio rural.”

Aliada a esta procura, configura-se no meio acadêmico a necessidade da prática agrícola que tenha por base a criação de modelos alternativos frente ao modelo convencional de agricultura.

A criação da Fazendinha Agroecológica, pela EMBRAPA, em 1993, visava a implementação de um espaço “estruturado para a busca do aproveitamento racional das potencialidades locais, dentro de uma estratégia que tenciona contribuir para dar sustentabilidade e estabilização à atividade produtiva no meio rural” (p.69)

A implantação ocorreu em 1993, com o plantio de horta orgânica. O Sistema Integrado de Produção Agroecológica (SIPA), conhecido como “Fazendinha Agroecológica Km 47”, ocupa uma área de aproximadamente 70 ha representando um espaço motivador de pesquisas e do exercício da agroecologia em bases científicas, programado para o aproveitamento das potencialidades locais, com base na integração lavoura-pecuária, envolvendo plena diversificação de cultivos e algumas criações, dentro de uma estratégia que busca a sustentabilidade e estabilização da atividade produtiva. Acumula 20 anos de experiência de pesquisa no manejo de um sistema orgânico integrado, e na capacitação profissional em agroecologia e tem atraído e estimulado estudantes e técnicos quanto a avaliação dos componentes inter-relacionados da produção agropecuária. (UFRRJ – PPGA)

Em documento encontrado durante o processo de pesquisa, denominado versão preliminar do PROGRAMA DE AGROECOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, cabem a proposta para o curso de mestrado em agroecologia e do Sistema Integrado de Produção Agroecológica. Nele, destacam-se as principais características que a UIPA (Unidade Integrada de Produção Agroecológica), primeira denominação dada à Fazendinha Agroecológica.

Neste documento integra-se o conhecimento teórico ao prático. Onde se estabelece detalhadamente a necessidade de instalação desta unidade de produção. E nele, estão presentes a problemática, as justificativas e a metodologia a ser aplicada para que se possam exercer os princípios agroecológicos na sua visão holística e ampla, descentralizando a prática agrícola da ciência agrária, e ressaltando sua abordagem transdisciplinar.

Neste documento, ainda na apresentação, percebe-se a importância dada à agroecologia dentro da universidade, no que confere a citação de que em caráter preliminar não consta um programa de disciplinas sobre agroecologia para a graduação em Ciências Agrárias. Também na apresentação, embora o texto não tenha um autor específico e não obedeça às normas para publicação, foram citados os responsáveis pela essência desta criação.

As atividades para elaboração de um currículo para o curso de mestrado tiveram início com a reunião de um grupo de pessoas convidadas pelo reitor da UFRRJ, prof. Manlio Silvestre Fernandes, composto pelo prof. Raul de Lucena D. Ribeiro (UFRRJ); pelos pesquisadores Ronaldo Corrêa Salek (PESAGRO-RIO); Dejair Lopes de Almeida e Altair de Toledo Machado (EMPRAPA); pelo engenheiro agrônomo Eli Lino de Jesus (AS-PTA); e por

estudantes do Grupo de Agricultura Ecológica (GAE) da UFRRJ. (...) Participaram, ainda, os professores Roberto José Moreira (CPDA/UFRRJ), Juan Dias Bordenave (Decanato de Extensão/UFRRJ), Carlos Pimentel (Instituto de Agronomia/UFRRJ) e Vicente Wagner Dias Casali (Dpto. Fitotecnia/UFV); os pesquisadores Dejair Lopes de Almeida, Rodrigo Pinto da Matta Machado (CNPQ/UFRRJ) e Antonio Carlos de Souza Abboud (UENF). Houve, ademais, inúmeras contribuições de outros professores, pesquisadores e profissionais do setor agrícola. (PROGRAMA DE AGROECOLOGIA DA UFRRJ, 1992)

Nesta proposta de criação da UIPA, vislumbrava-se um convênio entre EMBRAPA, PESAGRO e UFRRJ, para sua implantação e condução. E então, a partir do projeto “Manejo em Agricultura Orgânica”, o Sistema Integrado de Produção Agroecológica foi implantado em Seropédica, no Km 47, no campo da EMBRAPA com apoio da UFRRJ e da PESAGRO-Rio - Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro, como o objetivo de aplicar técnicas de manejo que alcançassem o uso racional e melhorado dos recursos naturais.

No trabalho de FRADE (2000, p.72), através de entrevistas a Fazendinha Agroecológica recebe uma caracterização ímpar na formação dos estudantes das Ciências Agrárias.

E ponto comum entre os entrevistados o papel da Fazendinha como espaço para experimentos que desenvolvam as bases científicas da Agroecologia. Ressalta-se ainda a necessidade da área para o perfil das teses defendidas em Agroecologia, e para um espaço integrado de produção que “reproduza” um sistema produtivo. A falta de tal experiência empobreceria a formação dos estudantes, que estariam sujeitos às influências do sistema convencional.

A SIPA estabelece relação com as associações de agricultores agroecológicos do Brasil e demais instituições que fomentem a produção agrícola em função da sustentabilidade e do equilíbrio ambiental. E fornece, ainda, alimentação complementar ao Restaurante Universitário da UFRRJ.

Este espaço, desde a sua criação, até os dias atuais é destinado à pesquisa, ao ensino e à extensão, à medida que propende a explorar técnicas de aperfeiçoamento na agricultura, serve de palco para a realização de aulas práticas do curso técnico em agropecuária do CTUR - Colégio Técnico da Universidade Rural, e é, também, um espaço de orientação de projetos de extensão, de pesquisa acadêmica e onde ocorrem as aulas do Programa de Pós Graduação em Agricultura Orgânica (PPGAO).

Vale ressaltar que os trabalhos desenvolvidos na Fazendinha/SIPA estão englobados em diversas áreas do conhecimento e de concentração, atendendo aos mais diversos caminhos da pesquisa, e não se atendo aos cursos que tratem especificamente da Agroecologia.

3.2 A Produção Acadêmica Em Agroecologia na UFRRJ

3.2.1 Agroecologia e o ensino médio

O Colégio Técnico da Universidade Rural (CTUR) é uma unidade educativa vinculada à UFRRJ que teve início em 1972, oferecendo os cursos: Técnico em

Agropecuária e Técnico em Economia Doméstica. Em 1988, passou também a oferecer o ensino propedêutico em nível médio, desvinculado ao ensino técnico, deu-se origem ao “Curso Regular” de Ensino Médio.

A partir de 2001, novas mudanças nas nomenclaturas dos cursos oferecidos deram origem ao Técnico em Agropecuária Orgânica e ao Técnico em Hotelaria. Em 2010, numa nova reforma foram iniciados os cursos Técnico em Agroecologia e Técnico em Hospedagem. Atualmente, o colégio técnico oferece um total de cinco cursos distintos, entre as modalidades: integrado, concomitante ou subsequente. São eles: Ensino Médio Técnico em Hospedagem, Agrimensura, Agroecologia, Meio Ambiente e Ensino Médio Regular.

O curso Técnico em Agroecologia tem duração de 3 anos, e é oferecido na modalidade presencial integrado ou em concomitância externa. Segundo descrição, em página oficial do CTUR¹⁶, a finalidade do curso é a formação de profissionais para atuar em sistemas de produção em agropecuária e produção extrativista fundamentados em princípios agroecológicos e técnicas de sistemas orgânicos de produção.

A fim de alcançar os objetivos do curso, a unidade trabalha em parceria com a Fazendinha Agroecológica/ SIPA, baseados na afirmativa de que para o desenvolvimento efetivo da agropecuária orgânica, é necessário que este desenvolvimento seja vinculado à pesquisa, à tecnologia e extensão rural.

É ilusão acreditar que este campo de saber não depende de tecnologia, uma vez que os melhores projetos hoje têm alto grau de aplicação tecnológica. (...) O Colégio Técnico da UFRRJ está inserido em um pólo de excelência na pesquisa agroecológica. (...) O CTUR vem realizando, também, aulas práticas, nas dependências da Fazendinha Agroecológica, situada no Centro Nacional de Pesquisa Agrobiológica (EMBRAPA/CNPAB). (...) com a finalidade de inserir os alunos do curso de Técnico em Agroecologia para participarem ativamente nas dependências da Fazendinha Agroecológica. (PLANO DE CURSO DE AGROECOLOGIA – CTUR, 2014, p.5)

A organização curricular do curso de Agroecologia, oferecido no CTUR, oferece uma ampla abordagem no que diz respeito às análises contextuais, filosóficas e práticas da Agroecologia, formando o perfil do Técnico em Agroecologia, segundo o Plano de Curso da Instituição, que seja capaz de:

- Atuar em sistemas de produção agropecuária e extrativista fundamentados em princípios agroecológicos e técnicas de sistemas orgânicos de produção;
- Desenvolver ações integradas, unindo a preservação e conservação de recursos naturais à sustentabilidade social e econômica dos sistemas produtivos;
- Atuar na conservação do solo e da água;
- Auxiliar ações integradas de agricultura familiar, considerando a sustentabilidade da pequena propriedade e os sistemas produtivos;
- Participar de ações de conservação e armazenamento de matéria-prima e de processamento e industrialização de produtos agroecológicos;
- Desenvolver atividades agropecuárias utilizando técnicas e produtos ecologicamente corretos, visando a não desequilibrar o ecossistema e não prejudicar a saúde do consumidor;

¹⁶ <www.ctur.ufrrj.br> último acesso em Agosto/2016

- Gerenciar propriedades e empresas no setor agropecuário;
- Planejar, elaborar, executar e avaliar projetos agropecuários de acordo com a legislação brasileira;
- Prestar assistência técnica em projetos, pesquisas, empresas, entidades e produtores rurais;
- Intervir nos projetos ou técnicas, introduzidas ou utilizadas culturalmente, que coloquem em risco a qualidade dos serviços e a produção de alimentos, o que provoca uma diminuição da mão-de-obra ativa e do mercado consumidor;
- Utilizar técnicas adequadas para produtos e regiões diferenciadas;
- Classificar e fiscalizar produtos agropecuários emitindo laudos segundo suas competências legais;
- Difundir técnicas e produtos que visem ao aumento da produtividade e a melhoria da qualidade de vida no campo;
- Liderar e gerenciar trabalhadores;
- Diagnosticar as culturas, as tradições e as aptidões regionais para não comprometer os projetos de produção;
- Gerenciar o patrimônio, a manutenção e a conservação de instalações;
- Executar projetos de pesquisa;
- Atuar em setores de vendas de máquinas agrícolas, peças e bens de consumo;
- Manejar culturas agrícolas e criações de animais para corte e postura;
- Processar produtos agropecuários de forma a agregar valores, principalmente na agricultura familiar;
- Identificar e monitorar doenças e pragas de plantas e animais, atuando no seu controle;
- Utilizar técnicas adequadas de profilaxia na produção animal e vegetal;
- Ter postura profissional, ética e estética dentro de toda sua área de atuação e;
- Ter facilidade e habilidade no uso de códigos e linguagens, melhorando assim seu desempenho e expressão nas diversas áreas de gerenciamento, elaboração de projetos, relatórios, pareceres e laudos.

3.2.2 Agroecologia e a graduação

No Brasil, existem 27 cursos de Agroecologia sendo oferecidos em nível de graduação. A UFRRJ, ainda não oferece uma modalidade específica de formação neste nível, porém aborda com profundidade sobre conceitos socioambientais e de produção e princípios da agroecologia no curso de Licenciatura em Educação do Campo, inclusive na primeira oferta desta licenciatura havia uma área de concentração em agroecologia. Os cursos de Licenciatura em Ciências Agrícolas têm algumas disciplinas que abordam os conteúdos sobre Agroecologia enfatizando princípios e a parte sobre produção. Quanto os cursos de Geografia e Agronomia possuem disciplinas específicas que também enfatizam a parte de produção.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo faz uma abordagem bastante consistente na área, podendo ser observada tanto no aspecto teórico quanto nas práticas. Estando presente em diferentes abordagens em todos os períodos na matriz curricular do curso.

Já no curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas, a Agroecologia aparece a partir do 5º período, através das disciplinas relacionadas com agroecologia (AA091 NEPE - Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável; AA092 NEPE - Educ Do

Campo: Agroecologia e Seg. Alimentar; AA093 NEPE - Educação Do Campo: Ciências Sociais e Humanidade e AA094 NEPE - Educ Do Campo: Téc. Agroec. No Cont. Educacional). Para Agronomia e Geografia são oferecidas disciplinas relacionadas à abordagem agroecológica, sem que sejam especificamente tratadas pelo uso do termo, além das disciplinas IA554 – Agroecologia, e IA 131 – Agroecologia e Agricultura Orgânica, que se apresentam como disciplinas optativas da matriz curricular dos cursos. Há ainda uma disciplina registrada no departamento de Fitotecnia da universidade, sob código IA 132 – Geografia e Agroecologia, que será oferecida ao curso de Geografia, e tem-se a proposta de estender para as demais graduações.

As informações referentes às matrizes curriculares dos cursos em que a Agroecologia fazem parte, são desconstruídas no site da universidade, e foram conseguidas através das conversas com os professores e sujeitos envolvidos com a produção em Agroecologia, na UFRRJ, bem como nas entrevistas por eles concedidas.

3.2.3 Agroecologia e a pós-graduação

O levantamento bibliográfico revelou que a expansão dos cursos de Agroecologia no Brasil é crescente e sólida. Nesse sentido, considerando a UFRRJ como uma universidade precursora na trajetória da Agroecologia no país, embora não tenha um curso específico de pós-graduação na área em questão, as publicações que permeiam o tema estão presentes em diversas áreas de concentração de pós-graduação.

Segundo informações coletadas no Portal Capes, a UFRRJ possui mais de 5 mil publicações em nível de pós-graduação stricto sensu. De 2013 a 2016¹⁷, foram publicadas 1182 dissertações e 291 teses, somando 1473 publicações em nível de pós-graduação (Figura 3). Neste recorte temporal, foram identificadas 20 publicações em Agroecologia, dentre as quais 2 são teses de doutorado e as demais são dissertações de mestrado.

¹⁷ O Portal Sucupira não permite acessos aos números de publicações anuais anteriores aos anos aqui notificados. Até o mês de Agosto de 2016, foram registradas 94 dissertações e 19 teses defendidas em 2016.

Subtotal: UFRRJ		1.182	0,67%	291	0,52%	1.473	0,63%
→ UFRRJ	ADMINISTRAÇÃO	1	0,08%	0	0,00%	1	0,00%
	AGRICULTURA ORGÂNICA	37	3,13%	0	0,00%	37	0,02%
	AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO)	49	4,15%	35	12,03%	84	0,04%
	BIOLOGIA ANIMAL	40	3,38%	12	4,12%	52	0,02%
	CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS	69	5,84%	28	9,62%	97	0,04%
	CIÊNCIA TECNOLOGIA E INOVAÇÃO EM AGROPECUÁRIA	0	0,00%	25	8,59%	25	0,01%
	CIÊNCIAS AMBIENTAIS E FLORESTAIS	56	4,74%	28	9,62%	84	0,04%
	CIÊNCIAS FISIOLÓGICAS	7	0,59%	0	0,00%	7	0,00%
	CIÊNCIAS SOCIAIS	35	2,96%	0	0,00%	35	0,02%
	CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E ZOOTECNIA	67	5,67%	44	15,12%	111	0,05%
→ UFRRJ	CIÊNCIAS VETERINÁRIAS	51	4,31%	48	16,49%	99	0,04%
	DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS	26	2,20%	0	0,00%	26	0,01%
	EDUCAÇÃO AGRÍCOLA	141	11,93%	0	0,00%	141	0,06%
	EDUCAÇÃO, CONTEXTO CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES	79	6,68%	0	0,00%	79	0,03%
	ENGENHARIA AGRÍCOLA E AMBIENTAL	9	0,76%	0	0,00%	9	0,00%
	ENGENHARIA QUÍMICA	35	2,96%	0	0,00%	35	0,02%
	FITOSSANIDADE E BIOTECNOLOGIA APLICADA	15	1,27%	0	0,00%	15	0,01%
	FITOTECNIA	40	3,38%	32	11,00%	72	0,03%
	GESTÃO E ESTRATÉGIA	40	3,38%	0	0,00%	40	0,02%
	HISTÓRIA	71	6,01%	0	0,00%	71	0,03%
→ UFRRJ	LETRAS	23	1,95%	0	0,00%	23	0,01%
	MATEMÁTICA EM REDE NACIONAL	51	4,31%	0	0,00%	51	0,02%
	MEDICINA VETERINÁRIA (PATOLOGIA E CIÊNCIAS CLÍNICAS)	50	4,23%	10	3,44%	60	0,03%
	MODELAGEM MATEMÁTICA E COMPUTACIONAL	15	1,27%	0	0,00%	15	0,01%
	MULTICÊNTRICO EM CIÊNCIAS FISIOLÓGICAS	7	0,59%	4	1,37%	11	0,00%
	PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	53	4,48%	0	0,00%	53	0,02%
	PSICOLOGIA	31	2,62%	0	0,00%	31	0,01%
	QUÍMICA	35	2,96%	14	4,81%	49	0,02%
	ZOOTECNIA	49	4,15%	11	3,78%	60	0,03%

Figura 3. Teses e dissertações defendidas na UFRRJ entre os anos de 2013 e 2016 (não concluso). Fonte: Adaptado - Portal Capes/agosto-2016.

Na produção em Agroecologia, segundo o Banco de teses e dissertações da CAPES, são apontadas 92 publicações relacionadas ao termo “Agroecologia” produzidas na UFRRJ, sendo 52 publicações nas quais o tema central é a Agroecologia, dentro das suas variações. Estas publicações foram levantadas a partir das buscas pelos termos: “agroecologia”, “agroecológica”, “agroecológico”, “transição agroecológica”, “conceitos agroecológicos” e “agroecossistema”

Este levantamento apontou que de 1994 a 2016, das 52 pesquisas acadêmicas encontradas, apenas 2 delas foram publicadas entre 1994 e 1999, o que enfatiza a consolidação na produção acadêmica a respeito da Agroecologia a partir do ano 2000.

Dos 36 cursos de pós-graduação que a UFRRJ oferece, aparecem 11 deles em publicações nas quais o enfoque da pesquisa é a Agroecologia. São eles:

CPDA – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade/ Mestrado e Doutorado Acadêmico

PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola/ Mestrado Acadêmico

PPGAO - Programa de Pós-Graduação em Agricultura Orgânica/ Mestrado Profissional

PPGF – Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia/ Mestrado e Doutorado Acadêmico

PPGEDUC – Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares/ Mestrado e Doutorado Acadêmico

PPGDT – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas/ Mestrado Acadêmico

PPGCTIA – Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Inovação Agropecuária/ Doutorado Acadêmico

PPGDS – Programa de Pós-Graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável/ Mestrado Profissional

CPGA – Curso de Pós-Graduação em Agronomia/ Mestrado e Doutorado Acadêmico

PPGFBA – Programa de Pós-Graduação em Fitossanidade e Biotecnologia Aplicada/ Mestrado Acadêmico

PPGCAF - Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Florestais/ Mestrado e Doutorado Acadêmico

Resultam das análises feitas sobre os dados coletados, as informações de que 9 publicações são em nível de Doutorado, na modalidade de formação acadêmica e 43 correspondem a defesas em nível de Mestrado, sendo 7 na modalidade de formação profissional e 36 na modalidade de formação acadêmica.

Cabe ressaltar que considerando que a Agricultura Orgânica é a prática ou aplicação dos fundamentos agroecológicos para a produção de alimentos, em paralelo, foi realizada uma pesquisa acerca desta prática. Para fins de análise, foram observados os termos: “produção orgânica” e “sustentabilidade”. Neste levantamento, foram apontadas mais 134 publicações acerca do tema, sendo 96 em nível de mestrado e 38 em nível de doutorado, entre os anos de 1991 a 2015.

Em paralelo, foram integrados ao levantamento de dados as pesquisas que tratassem de agricultura familiar, considerando que este é um dos pontos de distanciamento entre as correlações da Agricultura Orgânica (AO) e da Agroecologia (AE). Segundo, Abreu (2012, p.148) as pesquisas sobre a agricultura familiar estão mais presentes nas produções relacionadas à agroecologia frente às produções que tem foco em Agricultura Orgânica.

De acordo com convergências entre AO e AE, sabendo que uma produção livre de agrotóxicos está presente em qualquer das vertentes que surgiram desde as primeiras discussões sobre agricultura alternativa e sendo esta uma das bases da agricultura familiar, foi realizado outro levantamento no qual a busca pelo termo “agricultura familiar” deu origem ao acesso a mais 47 produções acadêmicas, publicadas de 1992 a 2016, sendo 39 em nível de mestrado e 8 em nível de doutorado.

Não cabe aqui, discutir qual denominação é mais adequada ou a que grupos que reivindicam os conceitos agroecológicos estas pesquisas “pertencem”. Vale ressaltar, que essa disputa conceitual, acaba distorcendo os caminhos da pesquisa sobre Agroecologia, incorrendo em dados inverídicos a respeito desta prática.

Estes números caracterizam a dualidade e os desafios da Agroecologia no que diz respeito às disputas conceituais e aos trâmites legais e burocráticos que envolvem as concepções agrícolas no país.

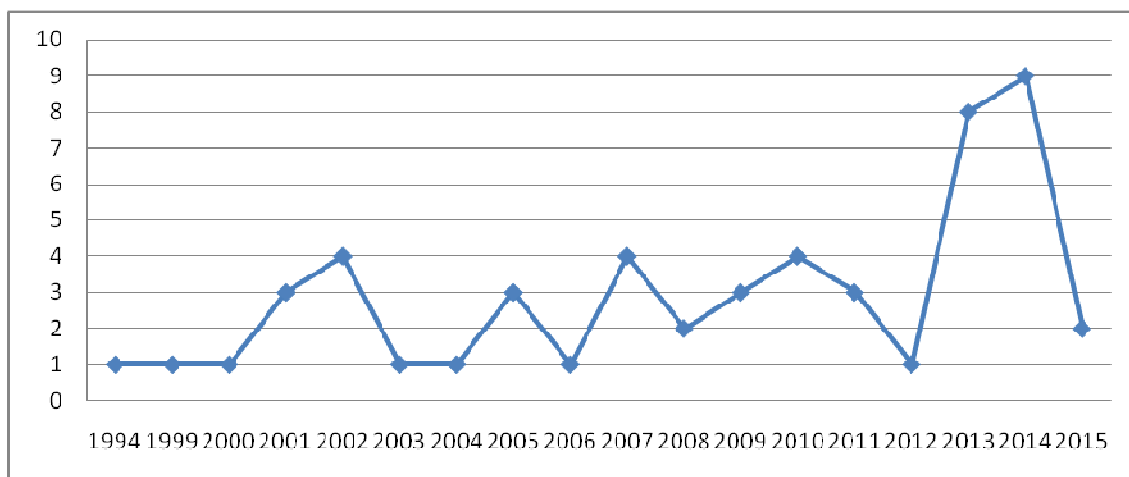


Gráfico 11. Números de publicações em Agroecologia como tema central na UFRRJ

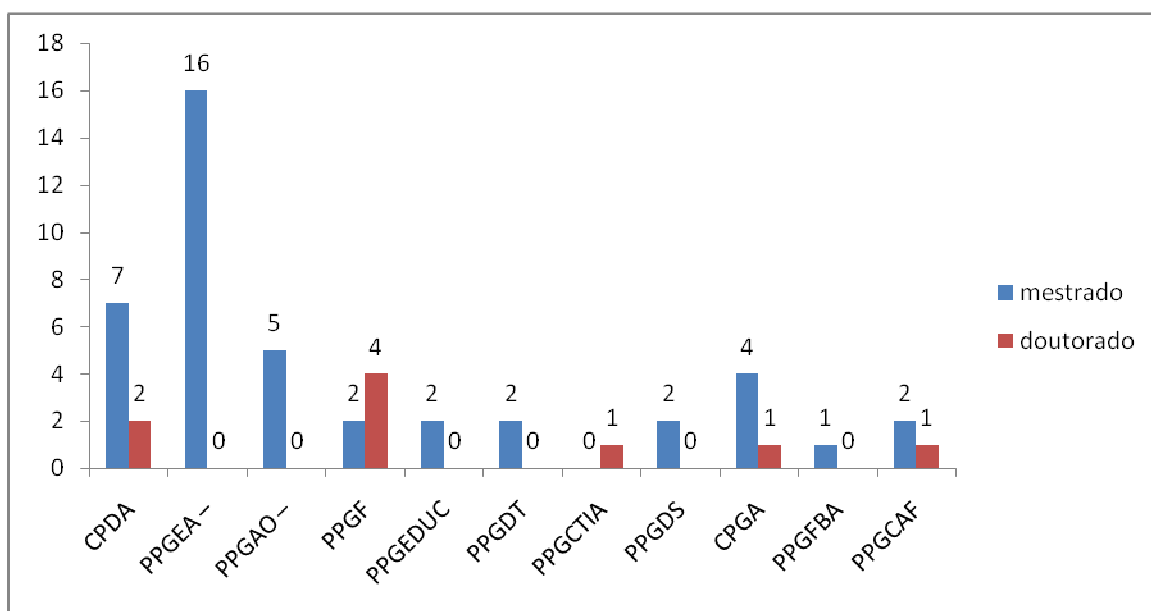


Gráfico 12. Número de publicações tendo como temática a Agroecologia de acordo com os Programas de Pós graduação da UFRRJ

Necessita-se, aqui, fazer uma ressalva para as produções acadêmicas do Programa de Pós Graduação em Agricultura Orgânica. Uma vez que a Agricultura Orgânica é a única área de concentração do programa, subentende-se que embora as expressões utilizadas como base da pesquisa possam não se fazer presentes nos títulos das dissertações, as dissertações defendidas e publicadas neste programa corroboram com a produção agroecológica.

Desta forma, é de extrema relevância considerar as 51 produções acadêmicas publicadas através da Plataforma Sucupira, compreendendo o período entre os anos 2012 e 2015, das quais 18 delas não foram catalogadas dentro dos termos utilizados na pesquisa.

Para tanto, utilizou-se da pesquisa por Programa de Pós Graduação, fazendo um levantamento em paralelo de todas as dissertações publicadas do PPGA.

Por fim, com intuito de comprovar a existência do acervo bibliográfico e das produções acadêmicas, em nível de pós graduação, na UFRRJ, que constituem a produção agroecológica, foram catalogados um total de 258 teses e dissertações, divididas em 3 grupos: Teses e Dissertações com enfoque em Agroecologia e Agricultura Orgânica (193); Teses e Dissertações com enfoque em Agricultura Familiar (47); e Dissertações do curso de Pós Graduação em Agricultura Orgânica não referenciadas diretamente com a Agroecologia no título da produção (18).

4 CAPÍTULO IV

CONSOLIDAÇÃO DA AGROECOLOGIA NA UFRRJ: UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DESSA HISTÓRIA

Sabendo-se que o processo de construção do saber e o Estado do conhecimento de um determinado estudo/tema não deve se restringir à coleta de dados numéricos, aqui, consideramos de caráter imprescindível dar visibilidade aos atores do processo de construção, formação e atuação da Agroecologia na UFRRJ.

Para tanto foram realizados dois tipos de entrevista: um questionário aberto (anexo 1) e entrevista *in loco* (anexo 2), onde os participantes responderam ao que se perguntou e contaram a história como foi ao longo de três décadas.

Na primeira etapa, foram entrevistados, através de questionário aberto, enviado por email, professores da universidade, ativos e inativos, dentre eles, atuantes da agroecologia, dentro e/ou fora da instituição, na docência ou setores correlatos. Esses atores fizeram parte desde a discussão, construção de idéias, organização de grupos de debate até a atuação prática e ideológica da agroecologia, sendo responsáveis pela tomada e perpetuação desta “ciência” na UFRRJ.

Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas *in loco*. Esta foi uma atuação organizada para que os principais aspectos do processo de construção do trabalho de pesquisa estejam em consonância com a realidade cronológica do processo agroecológico universitário.

Para isso fora selecionado um dos precursores do movimento agroecológico, à época, no papel de estudante, e atualmente professor da Universidade. E a professora da disciplina AGROECOLOGIA na graduação, aprovada em concurso no ano 2014, atualmente, atuante em nível de graduação e de pós-graduação em Agroecologia.

Dos entrevistados que atuam diretamente na UFRRJ, apresentam-se os professores Tarcí Gomes Parajara, atuante como professor dos cursos de licenciatura em Ciências Agrícolas e em Educação do Campo; Valdemir Lucio Durigon, professor e coordenador do curso de Agroecologia do Colégio Técnico da Universidade Rural; Ricardo Crivano Albieri, diretor do Colégio Técnico da Universidade Rural; Carmem Oliveira Frade, professora do departamento de Economia Doméstica e Hotelaria e diretora do CAIC Paulo Dacorso Filho; Claudete Martins da Silva Pereira, professora do curso de Agroecologia do Colégio Técnico da Universidade Rural; Clarindo Aldo Lopes, professor dos cursos das Ciências Agrárias, nas áreas de Fitotecnia e Produção Vegetal e membro do grupo gestor da SIPA/Fazendinha Agroecológica; Antonio Carlos Abboud, professor do Instituto de Agronomia, no departamento de Fitotecnia, considerado um precursor da Agroecologia na UFRRJ, atua no ensino e na pesquisa; e Anelise Dias, professora de Agroecologia, pelo departamento de Fitotecnia, Instituto de Agronomia.

Foram, ainda, selecionados dois professores que estiveram presentes no processo de construção da Agroecologia na UFRRJ que hoje não compõem o quadro de atividade da universidade: Eli Lino de Jesus, coordenador do curso de Agroecologia no Instituto Federal de Minas Gerais – Rio Pomba e Edilene Lagedo Teixeira, professora aposentada da área de Ciências Sociais Aplicadas.

Nas entrevistas realizadas através de questionário aberto, foi possível perceber que em diversos aspectos os entrevistados deixam claros seus anseios de que a Agroecologia possa avançar mais, ganhar mais força e visibilidade dentro da universidade, no que diz respeito à transdisciplinaridade e às necessidades específicas da prática agroecológica, como por exemplo, o tempo entre pesquisa, prática e resultados que são consideravelmente maiores nos projetos agroecológicos. Esses processos demandam uma participação ativa de todos os atores envolvidos. E necessariamente precisa-se de recursos físicos e financeiros que atendam a essa demanda.

Assim, nos traz Edilene Lagedo, atualmente aposentada, que por anos atuou como coordenadora dos projetos de extensão, que envolveram as práticas agroecológicas no que diz respeito à sustentabilidade e territorialidade. Segundo ela, “é importante também que se faça entender que uma pesquisa agroecológica deve surgir de uma vivência agroecológica, por isso o seu tempo de execução para buscar respostas transformadoras para problemas de produção, cultivo, consumo, relações sociais etc, deve ser mais do que se define como bolsa de pesquisa ou extensão de 1 ano, mesmo sabendo que se pode renovar com continuidade, mas só esse caminho, é insuficiente para que isso aconteça, pois não existe certeza.”

É também notório que a prática agroecológica está intrínseca na prática cotidiana dos entrevistados, independente do cargo que ocupam, visto que todos afirmam estar relacionados com a agroecologia dentro ou fora da instituição, seja na vida pessoal ou na realização de suas atividades trabalhistas.

O entrevistado Eli Lino de Jesus, esteve presente junto a outros atores no processo de formação do curso de mestrado em agroecologia, frente às discussões e formulações de documentos. E reforça o pioneirismo da universidade e importância de que essa estruturação cunhou no avanço da pesquisa acadêmica, promovendo uma visão mais humanista e holística na ciência agroecológica. Aspecto este citado por outros entrevistados também.

Destacam-se as referências à SIPA/Fazendinha Agroecológica citadas, por exemplo, pelos professores Clarindo Aldo Lopes, Ricardo Crivano Albieri e Anelise Dias. O papel da Fazendinha na perpetuação e protagonismo da UFRRJ frente à agroecologia é de fundamental importância, uma vez que ela representa a Agroecologia através do curso de pós graduação em Agricultura Orgânica; abre espaço para pesquisas acadêmicas; dá suporte ao Restaurante Universitário; estabelece parcerias entre a universidade, Embrapa e Pesagro; fornece condições de prática para o Curso Técnico em Agroecologia do CTUR; entre outras realizações que acontecem neste espaço e que mantêm a Agroecologia viva na Universidade.

Além disso, é neste espaço amplo da pesquisa, que de acordo com Clarindo Aldo Lopes, a Fazendinha e a Universidade estabelecem suas relações no que diz respeito ao incentivo à pesquisa. “No tocante à Fazendinha (SIPA) (...) eu compreendo que a UFRRJ faz a sua parte colocando mão de obra, maquinário, concessão de recursos provenientes de projetos de professores assim como a EMBRAPA e a PESAGRO fazem quando recebem recursos de projetos.”

A dissertação “A Construção de um espaço para pensar e praticar a Agroecologia na UFRRJ e seus arredores” foi publicada no ano 2000, e vê-se que em 2016 ainda há os mesmos anseios pertinentes à atividade precursora da Agroecologia na UFRRJ.

Na entrevista da professora Carmem Frade, é declarado o anseio de enfatizar a agroecologia na universidade. “Com o estudo proposto no mestrado penso que de certo

modo contribui para uma visão com perspectiva integradora das ações em agroecologia. Percebia que, naquele momento havia várias ações que precisavam ser destacadas.”

Os marcos históricos desta caminhada foram brevemente enumerados na entrevista do professor Antonio Carlos Abboud, em que ficaram evidenciados os louros e os dissabores até hoje enfrentados na tentativa de consolidar a Agroecologia como Ciência na Universidade. Esta posição aparece no trecho da entrevista que “na visão do entrevistado, em paralelo a todos os feitos e conquistas da agroecologia, também a partir do ano 2000, o movimento de agricultura alternativa começou a se dividir, caracterizando o sectarismo na formação de novos grupos relativos à Agroecologia na universidade”

Percebe-se, numa análise geral das entrevistas realizadas, que há divergências sobre as idéias das políticas de incentivo e apoio da universidade. No geral, não se nega que há apoio, especialmente no que diz respeito à captação de recursos, porém os aspectos burocráticos acabam por dificultar o desenvolvimento do trabalho. Além disso, fica em evidência a idéia de que para exercer efetivamente a agroecologia é necessário desamarar-se da teoria, especificamente, e colocá-la em prática. O que, neste ponto, embora haja um corpo docente abastado, poucos se tornam verdadeiramente atuantes na área. Realidade esta que vem se repetindo desde o pioneirismo da agroecologia na Universidade.

Embora se fale das possibilidades de captação dos recursos, há uma interface entre os anseios frente do apoio tanto em nível acadêmico, no que se refere à formação, quanto em relação ao apoio e incentivo quanto à infraestrutura.

O que se percebe, enfim, é que os atores desta ciência por muito lutaram pela inserção das comunidades e suas considerações culturais para dentro da UFRRJ e sua academia. Sendo esta uma ação muito mais altruísta do que meramente do exercício da profissão acadêmica.

Considerando os referenciais teóricos que marcaram esta pesquisa estão presentes na História da Agroecologia no Brasil, configurando a consistência das bases agroecológicas que se pautam em estudos aprofundados sobre o tema desde a sua criação até o momento atual.

A dialética da agroecologia aparece como um ícone na discussão, mas em nenhuma das disputas pela consolidação de conceitos, se dissocia a relação intrínseca do homem com a natureza e a real importância de inserir o agricultor como agente ativo e participativo do processo de ação e construção agroecológica.

Um dos maiores desafios, senão o maior deles, da Agroecologia é avançar na pesquisa contra a cultura do Agronegócio e das práticas convencionais da agricultura. Neste sentido, o Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola (PPGEA) e os cursos de Licenciatura em Ciências Agrícolas e Licenciatura em Educação do Campo têm propostas críticas que articulam políticas públicas e atores/sujeitos do campo pelo desenvolvimento sustentável.

Esse avanço é marcado por um histórico de lutas e conquistas sociais contra um modelo capitalista de consumo e de incentivo à produção, que nesta mesma perspectiva esbarra na contaminação mental que o capitalismo institui.

Na UFRRJ iniciou-se a discussão e sistematização de um documento, em 1992, a partir das problematizações de pesquisadores como Eli Lino de Jesus (AS-PTA, pós-graduando da UFRRJ), José Guilherme Marinho (EMBRAPA), Antonio de Souza Abboud (UFRRJ), Ronaldo Salek (PESAGRO) que juntamente com alguns outros professores e pesquisadores da EMBRAPA, UFRRJ e PESAGRO, incentivaram a

criação de um curso de mestrado em Agroecologia e a Fazendinha Agroecológica - SIPA, configurando uma proposta de sistema integrado.

Entretanto, até agosto de 2016, ainda não há um programa de Pós-graduação específico em Agroecologia dentro da Universidade. Embora a Agroecologia apareça como área de concentração ou linha de pesquisa nos cursos de Mestrado e Doutorado em Fitotecnia e exista o Programa de Pós Graduação em Agricultura Orgânica, além das disciplinas obrigatórias nas grades de Licenciatura em Ciências Agrícolas, Licenciatura em Educação do Campo, Geografia e Agronomia.

Esta constatação vai ao encontro do que diz Edilene Lagedo quando coloca que “(...) o caminho para melhoria da qualidade de vida humana, fauna, flora, depende do viver agroecológico. A UFRRJ, sendo uma universidade rural, deveria ter como prioridade esta prática, nos seus cursos e no seu perfil.”

Os números de publicações apontadas nesta pesquisa, colhidas em fontes nacionais, estão aquém da realidade da Agroecologia na prática educacional e na Vivência da UFRRJ.

Cabe então constatar que a retomada da pesquisa de Eli Lino de Jesus em 1992 que, como já mencionado, sugere a criação de um curso de mestrado em Agroecologia e juntamente com outros culmina numa proposta de Sistema Integrado de Produção Agroecológica. E então, acredita-se, que a partir da existência destes, a trajetória da UFRRJ nesta história será consagrada nos registros acadêmicos e fará jus aos números que virão a ser apontados nas pesquisas de ordem nacional, do Ministério da Educação.

Nesta lógica, ainda há muito que se trabalhar no campo científico, a fim de quebrar a vertente da soberania da ciência e vinculá-la ao saber holístico e co-evolucionista, presente nas premissas agroecológicas.

Embora as fontes utilizadas para a coleta de dados tenham sido fontes oficiais, relacionadas ao Ministério da Educação, os dados informados são inconsistentes, à medida em que a abordagem metodológica da Agroecologia se faz tão abrangente, que determinadas produções acabam por cair em caminhos obscuros da pesquisa, e passam a ser informadas somente as publicações que tenham relação direta com o tema.

Quanto aos dados da pesquisa nacional para formulação de informativos sobre os cursos de Agroecologia no Brasil, também foram encontradas divergências. Embora os portais apontem o registro dos cursos, através de ligações telefônicas e emails, foi constatado que alguns destes cursos nunca funcionaram ou tiveram suas atividades encerradas em determinadas unidades educacionais do Brasil, configurando o desacordo das informações.

Bem como foram percebidos desacordos nas análises de dados entre as fontes oficiais do Ministério da Educação e do portal oficial da UFRRJ, desde os portais específicos de cada curso até os números de pesquisas publicadas presentes na Biblioteca Central da UFRRJ. É de caráter essencial para a veracidade da pesquisa acadêmica que o pesquisador tenha acesso a informações precisas e verdadeiras.

Neste ponto, tanto os portais MEC quanto o portal da UFRRJ se apresentaram muito aquém das expectativas geradas quanto à confiabilidade das informações coletadas.

Em contraponto, a busca pelo acervo produzido acerca da Agroecologia e Agricultura Orgânica na UFRRJ, aponta que a proposta de descentralizar a ciência agroecológica atingiu seus objetivos quanto da presença de diversos programas de pós-graduação no levantamento bibliográfico, não se atendo apenas a uma área específica de concentração. E neste mesmo aspecto de análise, o professor Clarindo Aldo Lopes, também acredita que esse objetivo da agroecologia como ciência social vem atingindo

os cursos não específicos das áreas agrárias. Ele considera que “houve expansão interna da agroecologia em outros institutos como o Instituto de Ciências Humanas e Sociais exatamente porque nesses a agroecologia passou a ser estudada na sua importância social, econômica e ecológica bem como educacional.”

Entre outros aspectos, assim como é a agroecologia, uma ciência holística, social, ambiental, cultural e ética, percebemos nesta pesquisa que os dados sobre a produção acadêmica em Agroecologia não tem concentração em área determinada. O que, por sua vez, diminui as características precursoras acerca deste tema na universidade no que se refere aos dados nacionais de pesquisa, como por exemplo, na existência dos cursos específicos em Agroecologia.

Contudo, as premissas da agroecologia, que compreendem a vivência transdisciplinar, a consistência da integração dos movimentos sociais junto à prática agroecológica e a consideração dos atores sociais inferindo nas técnicas e práticas exercidas de acordo com a realidade local, foram alcançadas ao longo deste processo de construção e ideologia, que vai além da agricultura e da produção de alimentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Como muito já foi referenciado neste texto, a prática agroecológica está presente e é inerente ao processo educacional na formação dos profissionais das Ciências Agrárias, embora a abordagem metodológica muitas vezes se contraponha a isto.

A partir das análises dos dados da pesquisa, percebe-se a necessidade de enfatizar mais a presença da Agroecologia como disciplina, como curso e/ou como programa de pós-graduação. O que garantiria um protagonismo maior da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro frente às fontes de pesquisa nacionais.

Em nível médio, a universidade oferece o Curso Técnico em Agroecologia, que talvez a contraponto da hierarquia/importância da formação acadêmica, seja o mais específico e mais completo de todas as matrizes curriculares apreciadas, nesta pesquisa, no que se refere à Agroecologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.¹⁸

Existem duas disciplinas específicas da Agroecologia na graduação, porém, estas disciplinas não são oferecidas para todos os cursos da área agrária, aparecendo, exclusivamente, na matriz curricular como disciplina eletiva/obrigatória dos cursos de Licenciatura em Ciências Agrícolas e Licenciatura em Educação do Campo, Geografia e Agronomia, respectivamente.

Em nível de pós-graduação, a produção em Agroecologia é mais proeminente no Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola. Este fato pode estar associado ao curso ser oferecido em diversos Estados do Brasil, onde a discussão da Agroecologia é difundida de maneira mais acentuada. Destaca-se também o Programa de Pós Graduação em Agricultura Orgânica, que oferece o mestrado profissional, e que já possui um acervo abastado de produções acadêmicas se relacionada ao tempo de início do programa, no ano de 2010. Onde vale ressaltar que para quantificar produções foram levadas as considerações aquelas que possuem Agroecologia e Agricultura Orgânica como enfoque principal. Além do pioneiro curso de mestrado em Fitotecnia, que tem como uma das áreas de concentração a Agroecologia, com as linhas de pesquisa *Ciclagem de Nutrientes em Agroecossistemas e Princípios Agroecológicos*.

Neste sentido, vale ressaltar que as contradições encontradas durante a pesquisa vêm inferiorizar a real situação da UFRRJ em relação à abordagem e à produção agroecológica. É importante também advertir que a análise de dados desta pesquisa engloba os dados diretos/específicos da agroecologia.

Considerando que os aspectos que permeiam a vertente agroecológica são vastos e que há uma amplitude relacionado ao estudo dirigido à Agroecologia, podemos afirmar que há, sim, uma abordagem metodológica perpassando os cursos da área agrária. Porém, carregam consigo nomenclaturas, que se não houver um olhar diferenciado, minucioso e advertido para a imensidão da agroecologia, por muitas vezes, poderá acarretar numa identificação incorreta em relação às referências agroecológicas.

Estas constatações reforçam a idéia de que a existência de um curso específico de Agroecologia, em nível de Graduação e/ou Pós-Graduação, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, se faz vigente e imprescindível. Uma vez, que da existência do

¹⁸ Link de acesso à grade curricular do curso de Agroecologia no CTUR: http://www.ctur.ufrrj.br/Agroecologia/PLANO%20DE%20CURSO%20DE%20AGROECOLOGIA_2014.pdf

curso, os registros acadêmicos e o desenvolvimento da identidade agroecológica deixará de existir de maneira “indireta”.

Na UFRRJ, devido às disputas conceituais e dialéticas, a Agroecologia ainda não se encontra consolidada como um curso específico, embora esteja presente nos desdobramentos dos cursos de pós graduação.

Em suma, em nível de levantamento histórico e bibliográfico, esta pesquisa atingiu seus objetivos, trazendo um resgate da história da Agroecologia e seu pioneirismo no Brasil, dentro da Universidade Rural do Rio de Janeiro, e os avanços que já foram estabelecidos a partir do sistema universitário, através da criação de disciplinas específicas para os cursos de graduação, e a presença do Programa de Pós Graduação em Agricultura Orgânica. Além das diversas produções acadêmicas encontradas no Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola.

Desta forma, a proposição de avançar nos campos da ciência como prática e pesquisa, a Agroecologia se faz presente desde a década de 1970, e ganha ainda mais notoriedade, especialmente após o ano 2000. E, muito embora, para dados numéricos e registros em nível nacional do sistema do Ministério da Educação, a UFRRJ, não apareça com tamanha precisão e clareza, é possível perceber sua grandeza no que se refere ao pensamento, produção e prática agroecológica.

Contudo, considerando que a universidade é pioneira nesta área, trato indiscutível, mediante o histórico da UFRRJ, questiona-se, então, por que até os dias atuais, ainda não há a inserção específica, um Programa de Agroecologia, tanto em nível de graduação quanto em nível de pós-graduação?

A partir da pesquisa e dos dados referenciados neste estudo, compreendo que o processo de construção da Agroecologia não compreende uma construção isolada e que constitua um fim específico. A agroecologia na UFRRJ se constitui num processo contínuo e gradual, estabelecendo-se numa constata entre as pesquisas, o ensino, a extensão e prática pedagógica, metodológica e de campo.

Desta forma, para os atores que contribuem com essa construção esta claro que ela está presente e permeia nas mais diversas áreas de conhecimento, porém não se consolidou através da formação de um curso específico, que possa garantir a visibilidade nacional e mundial da universidade como precursora dessa corrente científica e filosófica que constitui a Agroecologia.

6 REFERÊNCIAS

ABREU, Lucimar Santiago. Et. Al. **Relações entre agricultura orgânica e agroecologia: desafios atuais em torno dos princípios da agroecologia.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 26, p. 143-160, jul./dez. 2012. Editora UFPR.

ALBIERI, Ricardo Crivano. **Contribuições didáticas para o curso de agropecuária orgânica do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: Floricultura Orgânica em Agroecossistemas.** Seropédica. UFRRJ. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, 2005. Disponível em: < <http://cursos.ufrrj.br/posgraduacao/ppgea/files/2015/05/Ricardo-Crivano-Albieri.pdf> > Acesso em 06/08/2016.

ALFATIN, Iara. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar.** Disponível em: < portal.mda.gov.br/o/163568 > Acesso em: 12/08/2016

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável.** – 5. ed. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120p. Disponível em: < <https://www.socla.co/wp-content/uploads/2014/Agroecologia-Altieri-Portugues.pdf> > Acesso em: 06/08/2016

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa.** 2. edição. Rio de Janeiro: PTA- FASE, 1989.

AMBIENTE BRASIL. **Histórico da Agroecologia.** Disponível em: < http://ambientes.ambientebrasil.com.br/agropecuario/agroecologia/historico_da_agroecologia.html > Acesso em: 06/08/2016.

AQUINO, Adriana Maria de. e ASSIS, Renato Linhares de. **Agroecologia. Princípios e Técnicas para uma agricultura orgânica Sustentável.** Brasília, DF : Embrapa Informação Tecnológica, 2005. 517p.: II. Disponível em: < <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/AgrobCap1ID-Sim092KU5R.pdf> > Acesso em 06/08/2016.

BALLA, João Vitor Quintas; MASSUKADO, Luciana Miyoko; PIMENTEL, Vania Costa. **Panorama dos cursos de Agroecologia no Brasil.** Revista Brasileira de Agroecologia Rev. Bras. de Agroecologia. 9(2): 3-14 (2014) ISSN: 1980-9735. Disponível em: < <http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/rbagroecologia/article/view/15589/10185> > Acesso em: 02/08/2016

BIANCHINI, V; MEDAETS, J. **Da Revolução Verde à Agroecologia: Plano Brasil Agroecológico.** 2013. Disponível em : <http://www.mda.gov.br/portalmda/sites/default/files/user_arquivos_195/Brasil%20Agroecol%C3%B3gico%2027-11-13%20Artigo%20Bianchini%20e%20Jean%20Pierre.pdf > Acesso em: 02/08/2016.

BRASIL, CAPES/Ministério da Educação. Banco de Teses e Dissertações. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>> Acesso em: 20/01/2017.

BRASIL, CAPES/Ministério da Educação. Portal de Periódicos. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>> Acesso em: 20/01/2017.

BRASIL, Ministério da Educação. Pós Stricto Sensu. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pos-graduacao/pos-graduacao>> Acesso em: 20/01/2017.

BRASIL Ministério do Desenvolvimento Agrário. Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. Brasília, DF: SAF/Dater, 2004. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/Pnater.pdf> Acesso em: 08/07/2016

CANUTO, João Carlos (Coord.). **Definição do Marco Referencial da Agroecologia. Capítulo 1. Bases Conceituais da Agroecologia. Grupo de Trabalho de Agroecologia.** EMBRAPA. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2010/10/EMBRAPA-Marco-Referencial-Agroecologia.pdf>> Acesso em: 02/08/2016.

CAPORAL, F. R.. **Em defesa de uma Extensão Rural Agroecológica.** *s.d.* Disponível em: <<http://frcaporal.blogspot.com.br/p/livros.html>> Acesso em: 07/08/2016.

CAPORAL, F. R.. **Em defesa de um Plano Nacional de Transição Agroecológica: compromisso com as atuais e nosso legado para as futuras gerações.** In: SAUER, S.; BALESTRO, M. V. (Org.). *Agroecologia e os desafios da transição agroecológica.* São Paulo: Expressão popular, 2013.

CAPORAL, Francisco Roberto e COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios.** 24 p. Brasília : MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CAPORAL, Francisco Roberto e COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia e Extensão Rural. Contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável.** Porto Alegre (RS), 2004. 177p. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/agroecologia%20e%20extensao%20rural%20contribuicoes%20para%20a%20promocao%20de%20desenvolvimento%20rural%20sustentavel.pdf> Acesso em: 06/08/2016.

CAPORAL, F.R. (Org.); COSTABEBER, José Antônio (Org.); PAULUS, Gervásio (Org.). **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade.** 1.ed. Brasília: MDA/SAF, 2009. v.1. 111 p. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Agroecologiaumacienciadocampoda-complexidade.pdf> Acesso em: 06/08/2016

DIEGUES, Antonio Carlos Santana **O mito moderno da natureza intocada.** 3. a ed. — São Paulo : Hucitec Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2000.

FRADE, C. O. **A Construção de um Espaço para Pensar e Praticar a Agroecologia na UFRRJ e seus Arredores.** Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), 2000. 170p. (Dissertação de Mestrado).

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável.** Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2000. 653 p.

GUHUR, Dominique Michèle Perioto & TONÁ, Nilciney **Agroecologia.** In: Dicionário da Educação do Campo. / Organizado por Roseli Salette Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. 788 p., p. 59 – 67.

GOMES, J.C.C. **Bases epistemológicas da Agroecologia.** In: AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de. (Org.). Agroecologia: Princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Brasília- -DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2005, p. 71-99.

GUIMARÃES, Leonardo Durval Duarte. **Agroecologia e Educação Agrícola: alternativa sustentável para agricultura familiar no município de Seropédica.** 2011. 63f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2011. Disponível em: <<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/dissertacao/Leonardo%20Durval%20Duarte%20Guimaraes.pdf>> Acesso em: 06/08/2016.

JESUS, Eli Lino de. **Diferentes Abordagens de Agricultura Não Convencional: História e Filosofia.** IN: Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável / editores técnicos, Adriana Maria de Aquino, Renato Linhares de Assis. – Brasília, DF : Embrapa Informação Tecnológica, 2005.

JESUS, E.L. **História e Filosofia da Agricultura Alternativa.** Nº 27, Rio de Janeiro: ASPTA, Nov.1985.

KHUN, Thomas. **Estrutura das Revoluções Científicas.** 9ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva. 1998

LEFF, Enrique. **Agroecologia e saber Ambiental.** Agroecol.e Desenv.Rur.Sustent.,Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002. Disponível em: <http://www.pvnocampo.com.br/agroecologia/agroecologia_e_saber_ambiental.pdf> Acesso em: 31/01/2017.

LOPES, Clarindo Aldo e OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de. **Alternância e agroecologia: estratégias de formação do campo com jovens dos movimentos sociais.** IN: Cadernos de discussão: juventude, educação do campo e agroecologia/ Andreia Cristina... [et.al]: Lia Maria Teixeira de Oliveira (organizadora). Rio de Janeiro: Outras letras, 2011.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Educação ambiental crítica: contribuições e desafios.** In: MELLO, Soraia Silva de e TRAJBER, Rachel (coord). Vamos cuidar do Brasil : conceitos e práticas em educação ambiental na escola– Brasília: Ministério da

Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental : UNESCO, 2007. 248 p. Vários colaboradores. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf> > Acesso em: 06/08/2016

LOUREIRO, Carlos Frederico B., et al. **Conteúdos, Gestão e Percepção da Educação Ambiental nas Escolas**. In: TRAJBER, Rachel e MENDONÇA, Patrícia Ramos (Org). Educação na diversidade: o que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007. (Coleção Educação para Todos, Série Avaliação; n.6, v.23) 262p. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao5.pdf> > Acesso em: 06/08/2016.

MANCE, Euclides Andre. **Desenvolvimento Local Sustentável: Conceitos e Estratégias**. 2008. 37p. Disponível em: < [http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/Desenvolvimento Local Sustentavel-Conceitos e Estrategias.pdf](http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/Desenvolvimento_Local_Sustentavel-Conceitos_e_Estrategias.pdf)> Acesso em: 03/03/2017.

MEC/UFRRJ. **Programa de Agroecologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**. Versão preliminar, sem data.

MELLO, Soraia Silva de e TRAJBER, Rachel (coord). **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**– Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental : UNESCO, 2007. 248 p. Vários colaboradores. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf> > Acesso em: 06/08/2016

MMA/MEC/DEC. **Consumo Sustentável: Manual de educação**. Brasília: Consumers International/ MMA/ MEC/IDEC, 2005. 160 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao8.pdf>> . Acesso em: 06/08/2016.

MORAIS, Leandro Pereira e COSTA, Adriano Borges Ferreira. **Por novos paradigmas de produção e consumo**. In: Novos paradigmas de produção e consumo: experiências inovadoras /organizadores Leandro Moraes e Adriano Borges – São Paulo : Instituto Pólis, 2010. 468p. p. 14 – 20.

MUTUANDO, INSTITUTO GIRAMUNDO. **A Cartilha Agroecológica** / Instituto Giramundo Mutuando Botucatu, SP: Editora Criação Ltda, 2005.92p

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de. Educação do Campo e as lutas dos movimentos sociais pelos direitos às políticas públicas. In: Revista Retta . volume VII, Nº 11. 2015.

PETERSEN, P.; ROMANO, J. O. (Org.) **Abordagens Participativas para o desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: AS-PTA/ Actionaid- Brasil, 1999.

PINTO, Diogo de Souza. **Identidades e trajetórias de educadores na agroecologia** / Diogo de Souza Pinto – 2014. Orientador: Lilian Maria Paes de Carvalho Ramos. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Disponível em: <
http://cursos.ufrj.br/posgraduacao/ppgeduc/files/2015/03/Dissertacao_Diogo_S_Pinto_2014.pdf> Acesso em: 07/08/2016

_____ PLANO DE CURSO DE AGROECOLOGIA DO COLÉGIO TÉCNICO DA UNIVERSIDADE RURAL (CTUR), 2014. Disponível em: <
file:///C:/Users/Beatriz/Desktop/mestrado%20-%20agroeco/PLANO%20DE%20CURSO%20DE%20AGROECOLOGIA_2014.pdf> Acesso em: 06/08/2016.

_____ PLANO NACIONAL DE AGROECOLOGIA E AGRICULTURA ORGÂNICA. Disponível em: <
http://www.mda.gov.br/portalmda/sites/default/files/ceazinepdf/cartilha-it_PLANO_NACIONAL_DE_AGR-379811.pdf> acesso em: 06/08/2016

RITTER, Alexander; CASTELAN, Simone E.; GRIGOLETTO, Cassiana (col). **Agroecologia, Desenvolvimento Sustentável e Educação Ambiental**. Sub-projeto: Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável, IFRS. 2013. Disponível em: <
http://www.sertao.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/2013311105741464artigo_agroecologia_desenvolvimento_sustentavel_e_educacao_ambiental.pdf> Acesso em: 06/08/2016.

SCHMITT, C. J. **Transição agroecológica e desenvolvimento rural: um olhar a partir da experiência brasileira**. In: SAUER, Sérgio; BALESTRO, Moisés, V. (Org.) *Agroecologia e os desafios da transição agroecológica*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SILVA et. al., **Segurança alimentar e agroecologia: uma perspectiva do desenvolvimento sustentável**. I Encontro de Pesquisas e Práticas em Educação do Campo da Paraíba, Centro de Educação/ UFPB. João Pessoa, PB, 2011. Disponível em: <
<http://ieppecpb2011.xpg.uol.com.br/conteudo/GTs/GT%20-%2004/05.pdf>>. Acesso em: 06/08/2016.

SILVA, Thiago Belote. **Panorama da Agroecologia no Estado do Rio de Janeiro**. 2005. Disponível em: <
http://w3.ufsm.br/gpet/engrup/iengrup/Pdf/artigo_thiago.pdf> Acesso em: 06/08/2016

SOFFIATI, Arthur. **Fundamentos filosóficos e históricos para o exercício da ecocidadania e da ecoeducação**. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philipe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de(Orgs.). *Repensando o espaço da cidadania*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SORRENTINO, Marcos. **Densenvolvimento Sustentável e Participação: algumas reflexões em voz alta**. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philipe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de(Orgs.). *Repensando o espaço da cidadania*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 15-21.

SOUZA, Júlia Z Coelho de. **Inter-relações entre Economia Solidária e Agroecologia**. Resumos do V CBA - Desenvolvimento Rural. Rev. Bras. de Agroecologia. Vol.2 No.2,

2007. Disponível em: <<http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/viewFile/2373/2167>> Acesso em: 06/08/2016.

TRAJBER, Rachel e MENDONÇA, Patrícia Ramos (Org). **Educação na diversidade: o que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007. (Coleção Educação para Todos, Série Avaliação; n.6, v.23) 262p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao5.pdf>> . Acesso em: 06/08/2016.

TREVISOL, Joviles Vítório. **A educação em uma sociedade de risco: tarefas e desafios na construção da sustentabilidade**. Joaçaba: UNOESC, 2003. 166p.

UFRRJ. **Simpósio Internacional de Agroecologia**. Folder, 1992.

UFRRJ, Lista de Cursos Pós Graduação. Disponível em: <http://cursos.ufrj.br/posgraduacao/?page_id=248> Acesso em: 20/01/2017.

7 ANEXOS

Anexo A. Entrevistas

Entrevistado 1.

ENTREVISTADO: Tarci Gomes Parajara

GRAU ACADÊMICO: Mestrado

ÁREA DE ATUAÇÃO: Professor UFRRJ – DTPE – Cursos Licenciatura em Ciências Agrícolas e Licenciatura em Educação do Campo

1) HÁ MUITO SE VEM ESTUDANDO/DISCUINDO A AGROECOLOGIA NA UFRRJ. QUAL O SEU PAPEL NESTE PROCESSO DE CONSTRUÇÃO?

Estou há mais de 20 anos na UFRRJ e acompanhei boa parte da trajetória desse assunto na universidade. Pessoalmente sempre fui um entusiasta, mas não trabalhava até a pouco diretamente com esta temática, mas sempre me mantive atualizado com leituras e outras fontes.

Nos últimos anos tive uma oportunidade de mudar de área de atuação trocando de departamento e passei a atuar diretamente neste campo ministrando disciplinas teóricas e práticas de Agroecologia, mas tendo por base minha formação agrária.

Também sou co-responsável por uma área de experimentação que denominamos de SAF da LEC (Sistema agroflorestal da Licenciatura em Educação do Campo) e por isso, meu papel tem sido de atuação direta em campo com aulas práticas visando a implantação de culturas e manejo na área.

2) DE ACORDO COM A SUA ÁREA DE FORMAÇÃO E DE ATUAÇÃO, COMO VOCÊ SE SITUA ATUALMENTE NO EIXO DE PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

Visualizo que em termos de pesquisa em agroecologia, por minha formação e atuação, seria no campo da interface educação agroecológica.

3) SUA ATUAÇÃO NA ÁREA DE AGROECOLOGIA, DENTRO OU FORA DA UFRRJ, TEM RELAÇÃO COM A INSTITUIÇÃO?

Sim, por reger disciplinas e laboratórios e por atuar dentro do campus.

4) COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A PESQUISA?

Não vejo impedimentos ou entraves ao campo da agroecologia dentro da instituição. Mas apontaria que ainda precisamos de investimentos e estrutura, para isso as pessoas que atuam na área, tem se unido e buscado projetos e financiamentos em conjunto.

5) COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A EXTENSÃO RURAL, AGRICULTORES OU MOVIMENTOS SOCIAIS?

Novamente, não tenho encontrado entraves, mas a agroecologia na LEC tem como principal intuito esse conhecer e repasse de informações, noções e técnicas visando atingir os pequenos agricultores, as comunidades tradicionais (indígenas, caiçaras e quilombolas) e também as periféricas das cidades (há um bom movimento em agricultura urbana no Brasil e em especial no Rio de Janeiro).

6) QUE CONSIDERAÇÕES VOCÊ CARACTERIZA COMO PRIMORDIAIS PARA A ANÁLISE, APLICAÇÃO E PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

Que agroecologia não se limite a técnicas agrícolas, pois se esta não for incorporada como proposta de vida por produtores, consumidores e instituições, continuaremos a entender a natureza dicotomicamente. Pois a dimensão humana da agroecologia pressupõe o conhecimento não como posse. Isto é, uma atitude agroecológica é solidariedade e intercâmbio.

CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS (AQUI CABE PONTUAR QUESTÕES CONSIDERADAS IMPORTANTES E QUE NÃO FORAM MENCIONADAS NA ENTREVISTA): *****

Entrevistado 2.

ENTREVISTADO: Ricardo Crivano Albieri

GRAU ACADÊMICO: Mestrado

ÁREA DE ATUAÇÃO: Professor/Diretor do CTUR

1. HÁ MUITO SE VEM ESTUDANDO/DISCUINDO A AGROECOLOGIA NA UFRRJ. QUAL O SEU PAPEL NESTE PROCESSO DE CONSTRUÇÃO?

Sou professor do curso e também ajudei na implantação do curso de Agropecuária Orgânica do Ctur que posteriormente em meu mandato se transformou em Técnico em Agroecologia. Atualmente depois de muitos esforços registramos o curso no CREA.

2. DE ACORDO COM A SUA ÁREA DE FORMAÇÃO E DE ATUAÇÃO, COMO VOCÊ SE SITUA ATUALMENTE NO EIXO DE PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

Como Diretor, atualmente sou apenas um incentivador dos projetos de pesquisa, do CTUR e da Fazendinha.

3. SUA ATUAÇÃO NA ÁREA DE AGROECOLOGIA, DENTRO OU FORA DA UFRRJ, TEM RELAÇÃO COM A INSTITUIÇÃO?

Sim, também sou produtor orgânico filiado a ABIO.

4. COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A PESQUISA?

São poucas as iniciativas de apoio, participação e incentivo.

5. COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A EXTENSÃO RURAL, AGRICULTORES OU MOVIMENTOS SOCIAIS?

Também pouco.

6. QUE CONSIDERAÇÕES VOCÊ CARACTERIZA COMO PRIMORDIAIS PARA A ANÁLISE, APLICAÇÃO E PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

Há muita falta de informação sobre o assunto.

CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS (AQUI CABE PONTUAR QUESTÕES CONSIDERADAS IMPORTANTES E QUE NÃO FORAM MENCIONADAS NA ENTREVISTA): *****

Entrevistado 3.

ENTREVISTADO: VALDEMIR LÚCIO DURIGON

GRAU ACADÊMICO: Doutor

ÁREA DE ATUAÇÃO: Agroecologia, Sensoriamento Remoto, Conservação do solo e da água/ Coordenador do curso de Agroecologia - CTUR

1. HÁ MUITO SE VEM ESTUDANDO/DISCUINDO A AGROECOLOGIA NA UFRRJ. QUAL O SEU PAPEL NESTE PROCESSO DE CONSTRUÇÃO?

Eu estudei na UFMT nos anos de 1985 a 1990, neste período o Centro Acadêmico de Agronomia era muito atuante e com muita força no movimento estudantil da Universidade e também junto a FAEAB. Ajudei a organizar o III Congresso Brasileiro de Agricultura Alternativa que foi realizado na UFMT no ano 1987. Sempre participei do movimento estudantil e depois de formado trabalhei de 1992 a 1997 na Comissão Pastoral de Terra em Rondônia, onde tive uma experiência muito rica. Como não formei aqui na Rural somente passei participar das atividades de Agroecologia aqui na Rural quando fiz meu mestrado que foi no PPGEA nos anos de 2003 a 2005. No mestrado eu trabalhei com o PRONERA, mas considero que meu papel até o ano de 2013 era somente de espectador, a partir deste ano me tornei mais atuante, já que passei a ser coordenador do curso de Agroecologia do CTUR.

2. DE ACORDO COM A SUA ÁREA DE FORMAÇÃO E DE ATUAÇÃO, COMO VOCÊ SE SITUA ATUALMENTE NO EIXO DE PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

Tento fazer alguma coisa, mas devido ao ativismo acabo apagando incêndio, em tudo que lido no curso, isto faz com que não de tempo para fazer mais coisas. Eu acho que faço pouco, poderia fazer mais.

3. SUA ATUAÇÃO NA ÁREA DE AGROECOLOGIA, DENTRO OU FORA DA UFRRJ, TEM RELAÇÃO COM A INSTITUIÇÃO?

Não, sempre fui atuante nesta área, mesmo sem saber que era Agroecologia, sempre utilizei mais o nome de alternativas de produção e organização dos movimentos sociais.

4. COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A PESQUISA?

Eu sempre achei UFRRJ como vanguarda nos movimentos dos anos 80 e 90 e acho que ainda tem um papel de vanguarda no cenário nacional, embora temos outros atores no cenário nacional, outras universidades também. Há apoio sim.

5. COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A EXTENSÃO RURAL, AGRICULTORES OU MOVIMENTOS SOCIAIS?

Como já falei, acho a UFRRJ vanguarda na Agroecologia, talvez eu tenha esta visão porque estudei em uma Universidade que foi muito atuante nesta área e hoje praticamente não tem mais nada de Agroecologia, mas a UFRRJ é atuante, poderia ser mais, já que temos muito campo para isto. Eu acho que há apoio, o que falta são pessoas (professores) querendo fazer, já que os alunos geralmente estão dispostos. Trabalhar com Agroecologia necessita sair das quatro paredes, do ar condicionado, pode ser que necessite de horas a mais de trabalho, talvez no sábado e domingo, mas fiz muito isto e acho que vale a pena, é muito gratificante.

6. QUE CONSIDERAÇÕES VOCÊ CARACTERIZA COMO PRIMORDIAIS PARA A ANÁLISE, APLICAÇÃO E PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

Nós temos um entorno a UFRRJ muito carente e pobre, uma vasta área para fazer trabalhos de extensão e pesquisa, as pessoas querem e necessitam, acham que a UFRRJ é somente para os outros, a população mais pobre tem um profundo complexo de inferioridade. Para esta população parece que a UFRRJ está muito distante e está mesmo, já que um pequeno número de pessoas da região consegue fazer cursos aqui na UFRRJ, mesmo no CTUR. O primordial é as pessoas (professores e a administração do UFRRJ) querer fazer trabalhos nesta área.

CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS (AQUI CABE PONTUAR QUESTÕES CONSIDERADAS IMPORTANTES E QUE NÃO FORAM MENCIONADAS NA ENTREVISTA): *****

Entrevistado 4.

Entrevistado: Edilene Lagedo Teixeira

Grau acadêmico: Mestre em Ciência da Motricidade Humana

Área de atuação: Ciências Sociais Aplicadas /Professora Aposentada UFRRJ

1. HÁ MUITO SE VEM ESTUDANDO/DISCUINDO A AGROECOLOGIA NA UFRRJ. QUAL O SEU PAPEL NESTE PROCESSO DE CONSTRUÇÃO?

Atuando em atividades de extensão universitária pude contribuir com a articulação entre o ensino, a pesquisa acadêmica e a extensão com as comunidades rurais e urbana, respeitando o conhecimento de cada uma. Nas atividades desenvolvidas a prioridade teve enfoque na consumo consciente e práticas ecológicas, além dos conhecimentos fundamentais para o desenvolvimento de cada ação. Procurei propiciar e facilitar as trocas culturais, tecnológicas, sociais entre o acadêmico e os atores locais, estive presente a cada ação, a cada tomada de decisão, in loco. Acreditando fielmente que só se aprende fazendo, buscava articular ações integradas entre alunos de diferentes cursos e deles com a realidade a ser transformada, respeitando as diferenças e os conhecimentos locais. Como resultado, discentes estagiários apoiando os indivíduos da comunidade na conquista do ingresso ao meio acadêmico, por exemplo, ou comunidade fazendo subprojetos de forma autônoma com proposta de preservação ambiental, outro exemplo, alunos de escolas participantes dos projetos denunciando desmatamento e impedindo a continuidade de construções irregulares. Estes exemplos são alguns de diferentes outros que tive a possibilidade de contribuir. Mas nada é comparado com a internalização dessa consciência pelos estagiários levando-os a se tornarem projetores.

2. DE ACORDO COM A SUA ÁREA DE FORMAÇÃO E DE ATUAÇÃO, COMO VOCÊ SE SITUA ATUALMENTE NO EIXO DE PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

Como minha formação está voltada para agricultura familiar, políticas públicas e meio ambiente, espaço habitacional, família e sociedade desenvolvimento urbano e rural, os projetos que desenvolvi sempre tiveram a orientação da produção, do consumo consciente, com a oportunidade de haver a articulação dos conhecimentos acadêmicos, da pesquisa e do conhecimento dos agricultores familiar ou desenvolvidos em local urbano. Em todas as atividades de extensão, possibilitei o enriquecer o conhecimento e o respeito mútuo entre a academia, a cultura e o conhecimento local, enfim toda a população local. Exemplo aula de horta orgânica suspensa, foi sugerida a montagem de minis jardineiras com plantas condimentares e medicinais usadas no local pela população com o objetivo de apresentar aos seus consumidores os hábitos culturais nesse tipo de consumo. Muitos são os exemplos.

3. SUA ATUAÇÃO NA ÁREA DE AGROECOLOGIA, DENTRO OU FORA DA UFRRJ, TEM RELAÇÃO COM A INSTITUIÇÃO?

Sempre teve, pois foram projetos vinculados ao Decanato de Extensão como Comunidade Solidária, PROEX, Convênios entre Prefeituras, etc., Associações, Sindicatos, Escolas, Marinha do Brasil etc.

4. COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A PESQUISA?

UFRRJ /AGROECOLOGIA – muito longe do ideal

Reconhece-se que as instituições de ensino para desenvolver com maestria o ensino, a pesquisa e a extensão precisa de infra-estrutura física e econômica que está distante das necessidades reais e ideais, laboratórios, materiais, recursos humanos, entre outros. No entanto, precisam receber incentivos para o ensino acadêmico também.

APOIO - Até 2010, período de minha aposentadoria, não tenho respostas positivas quanto a isso. As bolsas eram bem limitadas e parece que não houve muitas mudanças quanto a isso.

É importante também que se faça entender que uma pesquisa agroecológica deve surgir de uma vivência agroecológica, por isso o seu tempo de execução para buscar respostas transformadoras para problemas de produção, cultivo, consumo, relações sociais etc, deve ser mais do que se define como bolsa de pesquisa ou extensão de 1 ano, mesmo sabendo que se pode renovar com continuidade, mas só esse caminho, é insuficiente para que isso aconteça, pois não existe certeza.

5. COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A EXTENSÃO RURAL, AGRICULTORES OU MOVIMENTOS SOCIAIS?

Para afirmar isso é muito difícil. Acho que o caminho para melhoria da qualidade de vida humana, fauna, flora, depende do viver agroecológico. A UFRRJ sendo uma universidade rural, deveria ter como prioridade esta prática, nos seus cursos e no seu perfil.

Apoio, participação ou incentivo não depende só dos financiamentos mas da busca por eles. Mas não vejo participação, como deveria, nem na apresentação de projetos e nem no comportamento docentes e discentes, porque são poucos os professores que estão realmente no campo com os alunos, com a comunidade, a visita é feita, mas o desenvolvimento do projeto fica somente com os alunos.

Pena, pena mesmo, pois é neste momento que nossas teorias científicas se abraçam com o conhecimento empírico, e, todos podem sentir as falhas, as mudanças, as dificuldades, os sucessos, vivências indecifráveis para a construção e transformação que se deseja. Mas parece que não tem importância.

6. QUE CONSIDERAÇÕES VOCÊ CARACTERIZA COMO PRIMORDIAIS PARA A ANÁLISE, APLICAÇÃO E PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

- vivência agroecológica-

Vejam as aulas de Direito são mais ricas para os alunos, por aquele que exerce sua profissão fora, vivencia e traz a vida profissional para a sala de aula. O professor de gastronomia leva ao seu aluno “dicas, pulo do gato”, descoberta de

quando ele exerce sua atuação em um restaurante. Enfim, o que seria de um professor médico cirurgião se não exercesse a sua prática na cirurgia? Assim é o ensino agroecológico, tem que ser vivenciado, para possibilitar identificar os problemas, através da observação, através do ouvir e da busca de soluções, e juntos, de um lado lançando mãos dos conhecimentos científicos testados, verificados e apresentados em diferentes estudos, e do outro lado lançando mão das experiências e conhecimentos locais, unir aos fazeres os hábitos culturais, sociais, tecnológicos etc .

Mas se buscar solucionar problemas via somente aluno e não equipe professor/aluno/comunidade/ambiente, como o professor poderá mostrar ao acadêmico, detalhes a serem observados, conhecer realmente problemas sociais e ambientais com mais propriedade e experiência que o acadêmico ainda não amadurecidas?

CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS (AQUI CABE PONTUAR QUESTÕES CONSIDERADAS IMPORTANTES E QUE NÃO FORAM MENCIONADAS NA ENTREVISTA): *****

Entrevistado 5.

ENTREVISTADO: Carmen Oliveira Frade

GRAU ACADÊMICO: Mestre em Sociedade e Agricultura – CPDA/UFRRJ

ÁREA DE ATUAÇÃO: Professora do Departamento de Economia Doméstica e Hotelaria. Leciono as disciplinas da área Higiene e Saúde Pública. Desde 2009 estou na direção do CAIC Paulo Dacorso Filho.

1. HÁ MUITO SE VEM ESTUDANDO/DISCUINDO A AGROECOLOGIA NA UFRRJ. QUAL O SEU PAPEL NESTE PROCESSO DE CONSTRUÇÃO?

Fui estudante de economia doméstica (ingresso em 1992) e, no decorrer de minha formação participei do Grupo de Agricultura Agroecológica, além disto, sempre busquei a participação em projetos de extensão que, na sua maioria eram realizados com comunidades rurais (agricultura familiar).

Recebi muitas contribuições para minha formação, de um modo interdisciplinar, passando por questões de organização e planejamento, avaliação de políticas públicas, metodologias participativas, as técnicas de produção agroecológicas e acesso à mercado específico.

Com o estudo proposto no mestrado penso que de certo modo contribui para uma visão com perspectiva integradora das ações em agroecologia. Percebia que, naquele momento havia várias ações que precisavam ser destacadas.

2. DE ACORDO COM A SUA ÁREA DE FORMAÇÃO E DE ATUAÇÃO, COMO VOCÊ SE SITUA ATUALMENTE NO EIXO DE PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

Em 2006 fui aprovada em concurso público para o DEDH e não retomei uma aproximação com a agroecologia na universidade. A criação do curso de Licenciatura do Campo me trouxe esta reaproximação.

Hoje eu não conseguiria ter esta visão mais ampla por falta de comunicação e proximidade com todos estes atores e setores.

3. SUA ATUAÇÃO NA ÁREA DE AGROECOLOGIA, DENTRO OU FORA DA UFRRJ, TEM RELAÇÃO COM A INSTITUIÇÃO?

Tudo o que fiz (passado) tem uma ligação com o que me foi despertado na universidade, na EMBRAPA e no GAE (visitas aos agricultores; formações; estágios de vivências).

4. COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A PESQUISA?

Penso que isto demandaria uma análise ao longo do tempo (histórica).

Hoje – não me arriscaria. Acho que o ritmo diminuiu, não só para agroecologia mas, a extensão como um todo! A aposentadoria de alguns professores (Raul Lucena) e do Dejair pode ter impactado as práticas embora vejamos vários novos nomes surgindo e os “antigos” continuando.

Não me sinto capaz de avaliar.

5. COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A EXTENSÃO RURAL, AGRICULTORES OU MOVIMENTOS SOCIAIS?

Aí precisamos pensar seriamente a extensão universitária, com poucos ou nenhum recurso.

Também sinto falta de fórum de participação dos agricultores.

A universidade Rural sempre teve uma presença significativa dos movimentos sociais.

6. QUE CONSIDERAÇÕES VOCÊ CARACTERIZA COMO PRIMORDIAIS PARA A ANÁLISE, APLICAÇÃO E PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

O caráter participativo, o envolvimento dos sujeitos. A digestão dos conhecimentos ali envolvidos com a comunidade e todos os envolvidos.

O uso dos recursos disponíveis. A diversificação e integração das culturas (agrícolas e sociais).

A sustentabilidade, a capacidade de se repetir e reproduzir.

CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS (AQUI CABE PONTUAR QUESTÕES CONSIDERADAS IMPORTANTES E QUE NÃO FORAM MENCIONADAS NA ENTREVISTA):

Vivemos no final dos anos 1980 em diante um período ímpar de vanguarda na universidade rural. Um grupo que se dedicou e conseguiu avanços significativos no campo da agroecologia, impactando a graduação, pesquisa e a extensão. Além disto, as instituições dialogavam e se articulavam no objetivo do fortalecimento da agroecologia. A universidade abriu portas para os agricultores familiares.

Esta ainda é uma questão para a universidade, com a reformulação proposta pelo REUNI outros cursos passam a compor o cenário acadêmico e, podem colaborar com esta perspectiva de formação holística e interdisciplinar. Além das reformulações nos cursos do CTUR que passaram a ter enfoque agroecológico. Tenho estado um pouco distante deste fórum, por isso posso estar equivocada.

Entrevistado 6.

ENTREVISTADO: Eli Lino de Jesus

GRAU ACADÊMICO: DSc Agronomia - Ciência do Solo

ÁREA DE ATUAÇÃO: Docência e pesquisa em Agroecologia, Solos, Fertilidade do Solo, Sociologia Rural e Desenvolvimento Rural/ Coordenador do curso de Graduação em Agroecologia – IFMG/Rio Pomba

1. HÁ MUITO SE VEM ESTUDANDO/DISCUINDO A AGROECOLOGIA NA UFRRJ. QUAL O SEU PAPEL NESTE PROCESSO DE CONSTRUÇÃO?

Em 1992, participei da Comissão que elaborou a proposta do programa de Agroecologia, para a UFRRJ, que incluía a Pós-Graduação e a Fazendinha Agroecológica. Na época eu fui secretário dessa comissão, que foi presidida pelo Prof. Dr. Raul Lucena. Eu participei representando a AS-PTA, ONG em que trabalhava.

2 . DE ACORDO COM A SUA ÁREA DE FORMAÇÃO E DE ATUAÇÃO, COMO VOCÊ SE SITUA ATUALMENTE NO EIXO DE PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

Minhas pesquisas estão na área da compostagem (doméstica e agrícola), e do bokashi. Também na área da adubação verde de inverno e de verão e na área do resgate, manutenção e distribuição de sementes crioulas e espécies inovadoras. Também tenho estudado métodos de avaliação da sustentabilidade rural e da Educação em Agroecologia.

3. SUA ATUAÇÃO NA ÁREA DE AGROECOLOGIA, DENTRO OU FORA DA UFRRJ, TEM RELAÇÃO COM A INSTITUIÇÃO?

Sim, na URRJ fiz MSc e depois o DSc, participei da comissão acima referida em 1993 e depois atuei no PPGEA de 2002 a 2004. Então há um grande vínculo da minha atuação com a UFRRJ, seja através de conhecimentos científicos adquiridos, ou contatos e colaboração com docentes e ou pesquisadores e colaboração em bancas de MSc e DSc ou mesmo bancas de concurso de docente.

4. COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A PESQUISA?

Sim, creio que a UFRRJ é um dos mais importantes polos de Agroecologia no Brasil. As teses e dissertações realizadas pela UFRRJ na Fazendinha e outras áreas e locais, a colaboração estreita entre EMBRAPA- AGROBIOLOGIA, PESAGRO-RIO e UFRRJ, constitui um centro de excelência em Agroecologia, entre os mais importantes em todo o mundo, tendo causado admiração e respeito de cientistas como Miguel Altieri.

5. COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A EXTENSÃO RURAL, AGRICULTORES OU MOVIMENTOS SOCIAIS?

Creio que há apoio ao movimento social e as organizações como cooperativas e associações. Essas instituições visitam a UFRRJ, participam de eventos e visitam a Fazendinha, recebendo instruções técnicas e formação. Diversos estudos tem procurado fortalecer essa parceria, e buscado dar visibilidade ao movimento social. Há também o curso de pós-graduação em Educação do Campo do ICHS, que aproxima o movimento social das iniciativas de Agroecologia da UFRRJ.

6. QUE CONSIDERAÇÕES VOCÊ CARACTERIZA COMO PRIMORDIAIS PARA A ANÁLISE, APLICAÇÃO E PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

A Agroecologia é uma ciência emergente, que tem uma abordagem científica (Biologia, Ecologia, Química, Matemática, etc.) tem uma base epistemológica, tem uma base metodológica e atua através de um movimento social ativo. Assim, deve haver uma permanente interação da pesquisa agroecológica, com a comunicação rural (extensão rural na acepção de Paulo Freire). Os métodos participativos e a pesquisa participativa são ferramentas essenciais. Os agricultores devem ser atores, sujeitos importantes e não apenas objeto da ação. Os conhecimentos científicos, desenvolvidos nas academias em comunicação

com os movimentos sociais dos agricultores e com a EMATER alimentam as ações dos agricultores e retro-alimentam as pesquisas nas academias (UFRRJ, PESAGRO, EMBRAPA). Esse deve ser o movimento da análise, aplicação e pesquisa na Agroecologia.

CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS (AQUI CABE PONTUAR QUESTÕES CONSIDERADAS IMPORTANTES E QUE NÃO FORAM MENCIONADAS NA ENTREVISTA): Creio que os aspectos importantes foram considerados.

Entrevista 7.

ENTREVISTADO: Claudete Martins da Silva Pereira

GRAU ACADÊMICO: Doutoranda em Ciência, Tecnologia e Inovação Agropecuária.

ÁREA DE ATUAÇÃO: Agroecologia e Meio Ambiente/ Professora do CTUR

1. HÁ MUITO SE VEM ESTUDANDO/DISCUINDO A AGROECOLOGIA NA UFRRJ. QUAL O SEU PAPEL NESTE PROCESSO DE CONSTRUÇÃO?

Sou professora de Agroecologia no CTUR e trabalho na construção de conhecimentos e Educação Ambiental

2. DE ACORDO COM A SUA ÁREA DE FORMAÇÃO E DE ATUAÇÃO, COMO VOCÊ SE SITUA ATUALMENTE NO EIXO DE PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

Fauna do solo/ Fertilidade do solo

3. SUA ATUAÇÃO NA ÁREA DE AGROECOLOGIA, DENTRO OU FORA DA UFRRJ, TEM RELAÇÃO COM A INSTITUIÇÃO?

Sim. Quando atuo fora, represento a Instituição

4. COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A PESQUISA?

Atualmente tem avançado bastante, mas ainda há muita dificuldade.

5. COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A EXTENSÃO RURAL, AGRICULTORES OU MOVIMENTOS SOCIAIS?

Está em processo de avanço. Ainda não é o ideal. Acho que faltam mais profissionais educadores com a visão Agroecológica.

6. QUE CONSIDERAÇÕES VOCÊ CARACTERIZA COMO PRIMORDIAIS PARA A ANÁLISE, APLICAÇÃO E PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

Visão Agroecológica (pesquisador), público alvo ou local específico, infraestrutura e recursos para realização da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS (AQUI CABE PONTUAR QUESTÕES CONSIDERADAS IMPORTANTES E QUE NÃO FORAM MENCIONADAS NA ENTREVISTA):

Durante a minha formação de graduação não houve conhecimento agroecológico, orgânico ou alternativo. Avancei por conta própria. Acho fundamental que conste disciplinas afins na grade curricular.

Entrevista 8.

ENTREVISTADO: CLARINDO ALDO LOPES

GRAU ACADÊMICO: DOUTOR EM CIÊNCIAS – PÓS GRADUAÇÃO EM FITOTECNIA

ÁREA DE ATUAÇÃO: PROFESSOR E PESQUISADOR EM FITOTECNIA, PRODUÇÃO VEGETAL CANA DE AÇÚCAR E MANDIOCA.

1. HÁ MUITO SE VEM ESTUDANDO/DISCUINDO SOBRE A AGROECOLOGIA NA UFRRJ. QUAL O SEU PAPEL NESTE PROCESSO DE CONSTRUÇÃO? Exerço há 40 anos a docência em produção vegetal, mas desde 1984 como coordenador do curso de agronomia participei das atividades de discussão e de propostas de estruturação da agricultura alternativa, primeira iniciativa da agroecologia, na UFRRJ. Neste sentido foi ganhando força a agroecologia nos anos 1990 com a criação do GAE sob a liderança dos alunos da agronomia, quando fui diretor do Instituto de Agronomia. O debate nacional e local era associado à agricultura sustentável e a reforma agrária. Poucos professores abriram espaços em suas disciplinas e laboratórios para esta ciência emergente que inicialmente somente os alunos acreditavam e os ambientalistas dentro das ciências agrárias. Então acredito que meu papel foi de formador desses alunos e que hoje são profissionais e não desistiram da agricultura ecológica. Como docente, coordenador de curso, diretor do IA e de 12 anos para cá na Assessoria da Reitoria sempre respaldei as iniciativas dos grupos de extensão de alunos e docentes em estágios de vivências e outras atividades organizadas por eles e entidades da agroecologia e agricultura familiar. Há 4 anos venho coordenando a produção vegetal orgânica onde o resultado tem sido favorável para ampliar conhecimentos e práticas agrícolas sustentáveis, espaço este que integra com ensino e extensão, haja vista as diversas atividades de projetos e da Licenciatura em Educação do Campo que na área de produção visitaram ou tiveram formação.

2. DE ACORDO COM A SUA ÁREA DE FORMAÇÃO E DE ATUAÇÃO, COMO VOCÊ SE SITUA ATUALMENTE NO EIXO DE PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

Participando do Grupo Gestor da Fazendinha representando a UFRRJ nas semanas científicas, nas bancas de trabalhos científicos. Na condição de docente da UFRRJ sempre participei de pesquisas na Fitotecnia e a partir da minha tese de doutorado venho produzindo material sobre produção vegetal orgânica.

3. SUA ATUAÇÃO NA ÁREA DE AGROECOLOGIA, DENTRO OU FORA DA UFRRJ, TEM RELAÇÃO COM A INSTITUIÇÃO?

Sim, conforme expliquei anteriormente.

4. COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A PESQUISA?

Sim. Vejo ainda como uma ciência que está se consolidando nas áreas de pesquisa da UFRRJ. Mas cabe ressaltar que há muito tempo a pesquisa na sua maioria nas universidades são subsidiadas pelos órgãos de fomento e não mais por recursos originários de repasses do governo via universidade. Um ou outro programa aberto por edital de secretarias do MEC contribui. Para a agroecologia e agricultura familiar normalmente nos últimos anos foram financiados pelo CNPq/MCT, MDA ou até mesmo MMA.

Dentro da UFRRJ a agroecologia tem sido também financiada por projetos aprovados pelos editais do PROEXT/SESU/MEC.

No tocante à Fazendinha (SIPA) acompanhando o Grupo Gestor composto por representantes da UFRRJ, indicados pela Reitoria, e outros da EMBRAPA e PESAGRO eu compreendo que a UFRRJ faz a sua parte colocando mão de obra, maquinário, concessão de recursos provenientes de projetos de professores assim como a EMBRAPA e a PESAGRO fazem quando recebem recursos de projetos.

5. COMO VOCÊ VÊ A UFRRJ FRENTE À AGROECOLOGIA? HÁ APOIO, PARTICIPAÇÃO OU INCENTIVO PARA A EXTENSÃO RURAL, AGRICULTORES OU MOVIMENTOS SOCIAIS?

Como disse a UFRRJ esteve no protagonismo da agroecologia desde sempre. A UFRRJ somos todos professores, estudantes e servidores com seus trabalhos e orientações de projetos financiados ou não e ainda os Grupos de Extensão que se formam para socializar os conhecimentos produzidos. Hoje temos Programas que produziram publicações que demonstram o quanto está integrada pesquisa e extensão em agroecologia na UFRRJ com os movimentos sociais, principalmente após o Governo do PT com os programas voltados para a agricultura familiar e a educação do campo. Sei que no PPGEA e no PPGA, ambos do Instituto de Agronomia, tem tido diversos trabalhos de pesquisa em meio ambiente, agroecologia e agricultura familiar.

6. QUE CONSIDERAÇÕES VOCÊ CARACTERIZA COMO PRIMORDIAIS PARA A ANÁLISE, APLICAÇÃO E PESQUISA DA AGROECOLOGIA?

Que haja na UFRRJ políticas acadêmicas voltadas para fomentar e criar espaços de produção de conhecimento, tanto de construção como de aplicação, da agroecologia. Que continue tendo abertura para a expansão do conhecimento da agroecologia com os principais atores da agricultura, da Reforma Agrária juntamente com professores e estudantes de ensino técnico, graduação e pós graduação. Para tanto necessita-se de compreender que a agroecologia precisa de pesquisa de campo, que custa caro devido aos deslocamentos e insistência para

manter os espaços de produção, já que a agricultura depende de muitos fatores naturais.

CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS (AQUI CABE PONTUAR QUESTÕES CONSIDERADAS IMPORTANTES E QUE NÃO FORAM MENCIONADAS NA ENTREVISTA):

Já disse tudo, mas penso que a UFRRJ teve iniciativa em criar com os outros pesquisadores da PESAGRO e EMBRAPA cursos de pós-graduação que valorizam o conhecimento agroecológico assim como por meio desses vários experimentos tem contribuído com diversos agricultores e comunidades. É certo que esses se dão por meio de projetos de pesquisa da pós graduação ou editais de órgãos de fomento.

Considero que houve expansão interna da agroecologia em outros institutos como o Instituto de Ciências Humanas e Sociais exatamente porque nesses a agroecologia passou a ser estudada na sua importância social, econômica e ecológica bem como educacional.

Relatório da entrevista In loco

Entrevistado: – Professor Antonio Carlos Abboud

Para iniciar a entrevista, colocam-se os seguintes questionamentos:

Qual é o seu papel na Agroecologia na Universidade? Onde você se situa? Qual a sua contribuição para esse crescimento?

Qual é o apoio da Universidade, em relação ao incentivo, à infraestrutura e aos aspectos burocráticos, tanto na produção acadêmica quanto na extensão rural?

O que deve ser considerado numa produção acadêmica sobre a Agroecologia na UFRRJ para que o trabalho se torne verdadeiro e rico?

Baseados nestas perguntas iniciais, professor Abboud é apontado como referência para contar a história e responder as perguntas de fomenta da entrevista, considerando que ele além de aluno da universidade e egresso do GAE, foi um dos articuladores na liderança do II Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa. Esse congresso se caracterizou como um marco histórico, por exemplo, por ter desencadeado a Fundação da ABIO e pela formulação do documento "Carta de Petrópolis". Além de ter conseguido reunir os secretários da Agricultura e Meio Ambiente, por exemplo e os ícones da Agroecologia da época e levar ao grupo o compromisso com o movimento agroecológico.

Nessa época era preciso captar recursos para dar continuidade aos trabalhos, e então a partir da idéia inicial de fazer um seminário, envolveu-se a associação e a federação dos agrônomos e culminou neste Encontro.

Aponta-se, então, uma situação adversa que foi a perda desse envolvimento da associação e da federação com essa vertente, enveredando-se para o Agronegócio.

Para o Professor Abboud, o diferencial do grupo que se aprofundava nessa vertente, era a relação com o estudo. Diferente dos demais grupos, que buscavam questionar e contestar, os participantes da Rural resistiam ao convencional, objetivando alcançar posições de destaque na universidade para poder dar voz aos movimentos. Embora houvesse, nesta época, uma estimulação à rebeldia, vinda de indivíduos mais velhos, que tentavam desestimular os mais jovens do grupo, influenciando-os a parar de estudar. Além das questões políticas e ideológicas que permeavam esse período em que se fala aqui.

Vale ressaltar que nesta época (anos 80), não havia apoio da universidade, e os atores que faziam parte deste grupo ideológico, encontravam “brechas” para dar continuidade aos estudos relacionados à agroecologia. E então, através destas brechas, houve uma abertura dentro da universidade para que, através do movimento estudantil aliado a alguns poucos professores, a universidade se tornasse precursora da Agroecologia no Brasil.

A universidade, provavelmente, abriu espaço para essa construção agroecológica devido às divergências políticas e a resistência da associação das universidades federais com a “Aliança para o progresso – USAID”. Onde a idéia (objetivo) de coligar-se às universidades era de catequizar os indivíduos para a Revolução Verde.

Embora não apoiasse o movimento agroecológico, a universidade foi permissiva ao desenvolvimento dos estudos e pesquisas arredor do tema. E os participantes do movimento da agricultura alternativa, contestavam suas origens e passaram a se vincular à produção.

A partir daí formou-se o associativismo e os vários grupos no Brasil para que se pudesse aprofundar nos assuntos, culminando em diversos atores se formando e se especializando, embora o acesso à literatura fosse escasso, e a criação dos grupos como por exemplo a ABIO, que foi um dos primeiros grupos formados a partir do II Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa, onde, uma vez que as reuniões paralelas que ocorrem nesses encontros dão origem as novas idéias.

Então, o congresso se caracterizou como um marco histórico, por exemplo, por ter desencadeado a fundação da ABIO.

A partir daí, na UFRRJ, montou-se um grupo em que se discutia a agroecologia e a formação de um curso relacionado a isso. Concretizando as discussões com a abertura de um concurso, em 1994, para uma vaga, da qual o professor Abboud assumiu. Esse concurso era então uma ação decorrente de uma série de discussões que se iniciaram antes dos anos 90.

Essa área cresceu de 1992 até 2000, em que se alcançou o maior número de produções acadêmicas. Onde se abriu no departamento de Solos, por exemplo, abriu uma linha de pesquisa em agricultura orgânica.

Nota-se que se fosse feita uma pesquisa atual da área de atuação dos egressos dessa época, acerca das dissertações e teses defendidas, muitos deles ocupam posições estratégicas no desenvolvimento da Agroecologia no Brasil, como pesquisadores e professores, dando continuidade ao propósito no qual iniciaram.

Havia uma cobrança da criação da disciplina de Agroecologia na graduação, e embora tivesse sido tentado por inúmeras vezes, não foi possível devido aos entraves técnicos -burocráticos existentes nos departamentos da universidade. E devido às muitas atribuições do professor Abboud, esta foi uma dívida, que perdurou durante anos, só conseguindo realizar a abertura de uma vaga para a disciplina específica, em 2014.

Voltando a cronologia, nos anos 2000 começou-se a discutir a criação de um mestrado acadêmico multidisciplinar. Mas depois de uma série de tentativas frustradas, a CAPES abriu os mestrados profissionais e houve então a criação do mestrado profissional em Agricultura Orgânica, em 2010. A prerrogativa do mestrado profissional foi interessante porque não havia contingente para um novo curso acadêmico.

Negativamente, na visão do entrevistado, em paralelo a todos os feitos e conquistas da agroecologia, também a partir do ano 2000, o movimento de agricultura alternativa começou a se dividir, caracterizando o sectarismo na formação de novos grupos relativos à Agroecologia na universidade.

Para o professor em questão, este movimento de segregação é muito negativo, porque o Brasil é o único lugar do mundo em que a Agroecologia é um movimento social, em que não há agricultura, efetivamente. Ainda há os que permanecem com a ideia de que a uma coligação com o meio ambiente, com a produção de alimentos mais

saudáveis etc. Mas para um grande grupo a Agroecologia é caracterizada assim, como movimento de luta de classes.

Fora a questão de o termo ter se tornado absolutamente desapropriado. Em que a Agroecologia se encontra em uma situação preocupante, visto que a vertente do movimento social ganhou muita força e começou a desqualificar a produção agrícola que não apresente viés político como agroecológica.

Para este grupo, produzir para o mercado não é agroecológico. E essa desassociação acaba por prejudicar o crescimento da AGROECOLOGIA.

Questionado sobre a questão da visibilidade da Agroecologia na UFRRJ, como exemplo, aparecendo no portal sucupira apenas através do PPGA, tendo as pesquisas desmembradas e escusas, professor Abboud acredita que este não seja um “problema”, mas que não há interesse em lutar por visibilidade através desse núcleo de publicações e revistas.

Neste momento então, é reforçada a questão de que na história contada da agroecologia a UFRRJ não aparece, bem como as ações relacionadas à Universidade.

E infelizmente, ele aponta que são poucos os professores que levantam a bandeira da agroecologia, frente a um corpo docente de mais de 1000 professores. Em dado momento da entrevista, o entrevistado cita ainda que durante seus 25 anos de trajetória, ele sempre captou recursos, através do Capes, CNPQ, Faperj, por exemplo, para desenvolver os projetos, promover viagens de estudos tanto para professores quanto para alunos, dentro da área. Para ele, há sim como ter apoio da universidade, mas é necessário que dedicação e esforço pessoal.

"A Rural deu abertura, agora cabe a nós correr atrás."

Relatório da entrevista In loco

Professora Anelise Dias

Buscando uma perspectiva atual da agroecologia na universidade, foi entrevistada a professora Anelise Dias, que ocupa a primeira vaga aberta em concurso

para a disciplina “Agroecologia” na graduação. Atualmente a professora atua na graduação e na pós graduação.

Durante a entrevista, questionada sobre a visibilidade da Agroecologia na universidade, fala-se, por exemplo, sobre a alimentação fornecida para o restaurante universitário, vinda da Fazendinha Agroecológica em que se consome produto orgânico disponibilizado dentro da universidade, como um dos pontos que pode ganhar maior visibilidade, considerando que são os estudantes da universidade que movimentam a produção. Neste caso, esse é um dos pontos da realidade da produção da agroecologia na rural que destaca seu protagonismo, ressaltando a parceria da universidade com a Embrapa, e fornecendo esse alimento que é “limpo” do ponto de vista da segurança alimentar, considerando a quantidade e a qualidade da produção.

Neste protagonismo, vale ressaltar que existe um programa de residência agrônômica que disponibiliza a área de agroecologia, como área de atuação, em que há organizações interessadas em financiar um residente para prepará-lo para o mercado de venda direta. E esse é um desdobramento importante, uma vez que a orientação interna certamente virá da Rural. E a residência permite ao profissional formado um treinamento técnico para atuar na agricultura orgânica a partir da capacitação em Agroecologia. Fazendo assim a consonância entre a teoria e a prática, os princípios agroecológicos e da agricultura orgânica, respectivamente.

Há, ainda, intenções de suprir a demanda de treinamento profissional em pós - graduação dos agrônomos do INCRA, além da possibilidade do Pronatec em Agricultura Orgânica junto com a prefeitura de Japeri. Ressaltando que essas são idéias vinculadas à UFRRJ.

No que diz respeito à Agroecologia como disciplina na Universidade, Agroecologia e Agricultura Orgânica (IA131) e Agroecologia (IA554) são disciplinas optativas (não fazem parte da grade obrigatória dos cursos). A entrevistada aponta que os estudantes que se matriculam são estudantes mais "maduros". E que embora a disciplina seja oferecida para o curso de Geografia, como optativa, devido à baixa procura, a disciplina IA554 entra como "livre escolha" (curso de 30h) para os demais cursos. Neste caso, há uma demanda e uma negociação para que a disciplina passe a ser optativa para os demais cursos, uma vez que como de livre escolha ele não é contabilizado na contagem de créditos necessário na grade curricular.

Atualmente foi feito, um aprimoramento da proposta de criação de uma nova disciplina para o curso de Geografia, através do departamento de Fitotecnia, que possivelmente será oferecida no próximo período, uma vez que já está registrada sob o código IA132 – Geografia e Agroecologia, e se espera que seja oferecida para as duas modalidades do curso de Geografia e para os demais cursos de graduação da universidade.

Ao questionar a relação da Agroecologia como disciplina eletiva/obrigatória dos cursos afins, é explicado que isto levaria a uma reformulação da grade curricular dos cursos, com recontagem de créditos, o que demandaria uma série de outras mudanças.

E por fim, ressalta-se que, conforme a agroecologia vai ganhando espaço no mercado, também ganhará visibilidade acadêmica. Porque quando mexe com o mercado econômico, deixa de estar no plano utópico, no imaginário coletivo ou no senso comum, e passa a ser realidade, mas que precisa deixar de caracterizar a Agricultura Orgânica como uma prática cheia de dificuldades, que não pode fazer parte do mercado competitivo e que obriga o produtor a onerar seu produto muito além das margens do mercado convencional.

“Eu entendo a Agroecologia como uma ciência, uma disciplina científica, um conjunto de princípios que vai orientar a prática. E quem é a prática? O modo de fazer? O conjunto de técnicas? É a Agricultura Orgânica”

Anexo B. Produções acadêmicas relacionadas à Agroecologia da UFFRJ

Teses e Dissertações com enfoque em Agroecologia e Agricultura Orgânica

1. ALBIERI, RICARDO CRIVANO. CONTRIBUIÇÕES DIDÁTICAS PARA O CURSO DE AGROPECUÁRIA ORGÂNICA DO COLÉGIO TÉCNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO: FLORICULTURA ORGÂNICA EM AGROECOSSISTEMAS.' 01/09/2005 130 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRURALRJ
2. ALMAGRO, WEVERSON SCARPINI. AQUICULTURA SUSTENTÁVEL: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DO MÓDULO DE LIMNOLOGIA DO CURSO TÉCNICO DE AQUICULTURA DA ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE ALEGRE/ES.' 01/07/2005 90 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRURALRJ
3. ALMEIDA, DEJAIR LOPES DE. CONTRIBUICAO DA ADUBACAO ORGANICA PARA A FERTILIDADE DO SOLO.' 01/12/1991 197 F. DOUTORADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED
4. ALMEIDA, FÁBIO SOUTO DE. ECOLOGIA DE SOLENOPSIS INVICTA BUREN (HYMENOPTERA:FORMICIDAE) EM UM AGROECOSSISTEMA DIVERSIFICADO SOB MANEJO ORGÂNICO.' 01/05/2007 70 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS E FLORESTAIS INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
5. ALMEIDA, LUCIA HELENA MARIA DE. QUINTAL AGROECOLÓGICO: UMA ABORDAGEM PARA A DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS AGRÍCOLAS AMIGÁVEIS EM UNIDADES FAMILIARES NA REGIÃO SERRANA FLUMINENSE' 30/01/2014 35 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
6. ALMEIDA, MAXWELL MERÇON TEZOLIN BARROS. FERTILIZANTES DE LEGUMINOSAS: AUTOSSUFICIÊNCIA DE NITROGÊNIO EM SISTEMAS ORGÂNICOS DE PRODUÇÃO.' 01/03/2012 164 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
7. ALMEIDA, MAXWELL MERÇON TEZOLIN BARROS. FERTILIZANTES DE LEGUMINOSAS: TECNOLOGIA INOVADORA DE ADUBAÇÃO VERDE PARA PROVISÃO DE NITROGÊNIO EM SISTEMAS ORGÂNICOS DE PRODUÇÃO' 01/03/2007 83 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL

RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

8. ALVES, JAIME CAVALCANTE. AGROECOLOGIA E CURRÍCULO NA FORMAÇÃO DO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA NA EAF MANAUS.' 01/06/2009 101 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ

9. AMÂNCIO, ROBSON. O USO DE INDICADORES LOCAIS DE DESENVOLVIMENTO E A SUSTENTABILIDADE DA REFORMA AGRÁRIA NO CERRADO DO NORTE E NORDESTE DE MG.' 01/12/1999 350 F. DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA E UFRRJ

10. AMARAL, JOAQUIM GONZAGA DO. A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS AGROECOLÓGICOS: PRODUÇÃO DE ALFACE EM AMBIENTE PROTEGIDO INFLUENCIADO PELA COBERTURA DO SOLO E ADUBAÇÃO ORGÂNICA.' 01/12/2005 72 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRURALRJ

11. ANDRADE, ANTONIO RICARDO PEREIRA DE. CULTURA E SUSTENTABILIDADE: A SOCIEDADE POTIGUARA E UM NOVO MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO' 01/11/2008 210 F. DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

12. ANJOS, MAYLTA BRANDRÃO DOS. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: DILEMAS E PARADOXOS NA DINÂMICA DOS ASSENTAMENTOS RURAIS.' 01/09/2003 222 F. DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA/UFRRJ

13. ARAÚJO, MARCELO CASTAÑEDA DE. AMBIENTALIZAÇÃO E POLITIZAÇÃO DO CONSUMO E DA VIDA COTIDIANA: UMA ETNOGRAFIA DAS PRÁTICAS DE COMPRA DE ALIMENTOS ORGÂNICOS EM NOVA FRIBURGO/RJ' 01/03/2010 166 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

14. ARAUJO, RODRIGO NEVES. RISCOS E VULNERABILIDADES RELACIONADOS AO USO DE AGROTÓXICOS POR AGRICULTORES NO PERÍMETRO IRRIGADO FORMOSO – BOM JESUS DA LAPA/BA' 23/11/2015 96 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED

15. ARRUDA, JULIANA. AGRICULTURA URBANA NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO: SUSTENTABILIDADE E REPERCUSSÕES NA REPRODUÇÃO DAS FAMÍLIAS' 01/10/2011 246 F. DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO
16. AZEVEDO, OTÁVIO RAIMUNDO FONSECA DE. ESTUDO AGROECOLÓGICO DE SELENASPIDUS ARTICULATUS (MORGAN, 1889) (HOMOPTERA: DIASPIDIDAE) EM PLANTAS CÍTRICAS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.' 01/03/2002 139 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL UFRRJ
17. BARANEK, EDEMAR JOSE. ANÁLISE DO EFEITO DE BORDA DE SISTEMAS DE CULTIVO ORGÂNICO E CONVENCIONAL EM FRAGMENTOS FLORESTAIS DO CENTRO-OESTE PARANAENSE' 24/10/2014 61 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
18. BARCELLOS, SÉRGIO BOTTON. A FORMAÇÃO DO DISCURSO DA AGROECOLOGIA NO MST' 01/03/2010 138 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO
19. BASSO, DAVID. ESTRATÉGIAS AGROINDUSTRIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL' 01/08/2004 194 F. DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA
20. BOHN, LEONARDO. SUSCEPTIBILIDADE À DESERTIFICAÇÃO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO BASEADA EM ÍNDICES CLIMÁTICOS DE ARIDEZ: PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS COMO ALTERNATIVA DE MITIGAÇÃO E PREVENÇÃO' 20/08/2014 74 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD)
21. BORGES, FRANCISCO LINHARES. GESTÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL AGRÍCOLA: PESQUISA DO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL (APL) DA BANANA ORGÂNICA PARA IMPLANTAÇÃO NO MUNICÍPIO DE ITAGUAÍ-RJ.' 01/04/2007 64 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ

22. BRANCHER, ADEMAR. EFEITO DAS ADUBACOES ORGANICAS E MINERAL, E CALAGEM NA CULTURA DO ARROZ IRRIGADO E EM CARACTERISTICAS QUIMICAS DE UM SOLO DE VARZEA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.' 01/09/1991 119 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED
23. BRITO, RENATA. USO DE CONGELAMENTO E EXTRATOS VEGETAIS NO TRATAMENTO DE SEMENTES ORGÂNICAS DE FEIJÃO-VAGEM' 01/08/2012 61 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRR
24. CALDEIRA, DANY ROBERTA MARQUES. O DESENVOLVIMENTO AGROPECUÁRIO SUSTENTÁVEL COMO PRÁTICA EDUCACIONAL NO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA - CAMPUS COLORADO DO OESTE.' 01/08/2012 176 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
25. CAMPOS, ARNALDO GONCALVES DE. ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE ALUNOS DO CURSO AGRONOMIA DO IFMT- CAMPUS CAMPO NOVO DO PARECIS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A INTERFACE COM A AGROECOLOGIA.' 22/05/2013 55 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ
26. CANAVESI, FLAVIANE DE CARVALHO. CONCEPÇÕES DA SUSTENTABILIDADE EM ASSENTAMENTOS RURAIS DO PONTAL DE PARANAPANEMA' 01/11/2002 136 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO CPDA
27. CARDOZO, SIRGIANE VIANNA. CARACTERIZAÇÃO DE PROPRIEDADES EDÁFICAS EM ÁREAS SOB MANEJO ORGÂNICO E NATURAL NA REGIÃO SERRANA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO' 01/01/2003 55 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ
28. CARNEIRO, CAMILA BATISTA MARINS. COMPRAS COLETIVAS DE PRODUTOS ORGÂNICOS E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: UM ESTUDO DE CASO DA REDE ECOLÓGICA (RJ)' 01/05/2012 215 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

29. CARVALHO, RAFAEL SANTOS NUNES DE. POSSIBILIDADES DE CONCILIAÇÃO ENTRE AGRICULTURA SUSTENTÁVEL E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE NO PQRUQUE ESTADUAL DA PEDRA BRANCA – RIO DE JANEIRO- RJ - BRASIL' 26/08/2014 51 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD)
30. CASTRO, CRISTINA MARIA DE. PLANTIO DIRETO E APORTE DE NITROGÊNIO NA PRODUÇÃO ORGÂNICA DE BERINJELA (SOLANUM MELONGENA L.).' 01/02/2004 123 F. DOUTORADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ
31. CEDDIA, MARCOS BACIS. ZONEAMENTO AGROAMBIENTAL E INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE COMO SUBSÍDIO AO PLANEJAMENTO AGRÍCOLA DO MUNICÍPIO DE PATY DO ALFERES-RJ.' 01/08/2000 318 F. DOUTORADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ
32. CESAR, LUIS FELIPE CRUZ LENZ. ECOSSISTEMAS DE MONTANHA: POLÍTICAS DE PROTEÇÃO NO BRASIL E NO PERU ' 24/11/2015 128 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED
33. CESAR, MARCIUS NEI ZANIN. EFEITOS DO CONSÓRCIO COM CROTALARIA JUNCEA E DA DESBROTA NO DESEMPENHO PRODUTIVO DE DUAS CULTIVARES DE PIMENTÃO (CAPSICUM ANNUUM) SUBMETIDAS A MANEJO ORGÂNICO' 01/03/2004 57 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
34. COGOLLO, EDGAR ALBARRACIN. O MERCADO DE CRÉDITOS DE CARBONO E AS POSSIBILIDADES DA PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL DE BIODIESEL DE DENDÊ EM TERRAS DEGRADADAS.' 01/04/2010 85 F. PROFISSIONALIZANTE EM GESTÃO E ESTRATÉGIA EM NEGÓCIOS INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
35. COLOMBO, JOÃO NACIR. EMPREGO DA “PEDAGOGIA DE PROJETOS” COM BASE NA AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DE CULTIVARES DE PIMENTÃO E BERINJELA SOB MANEJO CONVENCIONAL E ORGÂNICO.' 01/10/2006 74 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ

36. COMUNELLO, FELIPE JOSÉ. “TRABALHAR COM AGROECOLOGIA”: MOVIMENTOS SOCIAIS E MERCADOS NO CIRCUITO DE MAÇÃ AGROECOLÓGICA EM SÃO JOAQUIM/SC' 01/03/2010 128 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO
37. CONCEICAO, BRUNO CESAR LELLIS. MANEJO DA IRRIGAÇÃO COM DÉFICIT HÍDRICO CONTROLADO NO CULTIVO ORGÂNICO DA CENOURA (DAUCUS CAROTA)' 29/07/2015 66 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
38. CORDEIRO, FABIANA FROES. PANORAMA DA PRODUÇÃO ORGÂNICA E USO DE SEMENTES NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO' 26/06/2014 86 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
39. COSTA, EVANDRO SILVA PEREIRA. TOMATE DO GRUPO CEREJA PARA O CULTIVO ORGÂNICO E RESISTENTE A REQUEIMA, CAUSADA POR PHYTOPHTHORA INFESTANS (MONT.) DE BARY' 18/12/2013 100 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
40. COSTA, RAIMUNDO JORGE ZUMAETA. SISTEMAS DE INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE PARA GESTÃO E PLANEJAMENTO DE RECURSOS HÍDRICOS: O CASO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO ALMADA - BA.' 18/06/2013 404 F. DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN DE OTERO RIBEIRO
41. DEVIDE, ANTONIO CARLOS PRIES. SISTEMA ORGÂNICO DE PRODUÇÃO DE MANDIOCA CONSORCIADA COM MILHO E CAUPI.' 01/04/2006 85 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
42. DEVIDE, ANTONIO CARLOS PRIES. SISTEMAS AGROFLORESTAIS COM GUANANDI (CALOPHYLLUM BRASILIENSE)' 15/07/2015 180 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

43. DIAS, JOSÉ EDUARDO. MONITORAMENTO DO USO DA TERRA E DOS NÍVEIS DE NUTRIENTES DO SOLO NO SISTEMA INTEGRADO DE PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA UTILIZANDO GEOPROCESSAMENTO' 01/05/2007 89 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
44. DINIZ, ELEONIR. EDUCAÇÃO E SUSTENTABILIDADE: O ENSINO DE BIOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL' 09/04/2015 UNDEFINED F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED
45. FAUSTINO, SANDRA REGINA DE OLIVEIRA. A CRIAÇÃO DO CURSO DE AGROPECUÁRIA ORGÂNICA DO COLÉGIO TÉCNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO/RJ – CTUR.' 01/07/2012 104 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
46. FEITOSA, RUBENVAL FRANCISCO DE JESUS. UTILIZAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA PRODUÇÃO ANIMAL: PERCEPÇÃO AGROECOLÓGICA' 01/09/2011 88 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ
47. FELICONIO, ANA ELISA GALANTE. CERTIFICAÇÃO DE PRODUTOS NÃO-COMERCIONAIS: DA AGRICULTURA ORGÂNICA À AGROECOLOGIA' 01/08/2002 163 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO CPDA
48. FERNANDES, RODOLFO CONDÉ. AVALIAÇÃO DE CULTIVARES DE FEIJOEIRO EM SISTEMA ORGÂNICO DE PRODUÇÃO NA BAIXADA FLUMINENSE' 01/07/2012 52 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
49. FERREIRA, ANA MARTA CHACON. A AGROECOLOGIA PARA A ALDEIA SAPUKAÍ EM ANGRA DOS REIS –RJ ATRAVÉS DA ESCOLA KARÁI KUERY RENDA' 19/12/2014 80 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
50. FERREIRA, FABIOLA VIEIRA. CALDAS ALTERNATIVAS NO CONTROLE DE MANCHA-DE-ESTENFILIO (*STEMPHYLIUM SOLANI*) EM TOMATEIRO, SOB MANEJO ORGÂNICO NA BAIXADA

FLUMINENSE, RJ' 10/12/2014 40 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

51. FERREIRA, ISIS LEITE. REDES ALTERNATIVAS DE PRODUÇÃO E CONSUMO DE ALIMENTOS: ESTUDO DE CASO DO MOVIMENTO DE INTEGRAÇÃO CAMPO-CIDADE (MICC/SP) ' 02/10/2015 UNDEFINED F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN DE OTERO RIBEIRO

52. FERREIRA, JANICE WALLAU. ESTUDO DE CASO DOS ALUNOS DO CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA DO INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA – CAMPUS ALEGRETE ENVOLVIDOS EM PROJETOS ORIENTADOS À LUZ DA TEORIA DE AUSUBEL.' 13/03/2013 34 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ

53. FIGUEIRA, ADRIANA FRANÇA. DINÂMICA DA POPULAÇÃO DE NEMATÓIDES EM QUATRO ECOSSISTEMAS DE UMA UNIDADE DE PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA.' 01/02/2002 62 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ

54. FILHO, FABIO SAMPAIO VIANNA RAMOS. IGUALDADE NA CADEIA DA CARNE BOVINA: O CASO DA CARNE ORGÂNICA' 01/08/2006 167 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

55. FILHO, FLORÊNCIO ALMEIDA VAZ. INDICADORES DA SUSTENTABILIDADE DE COMUNIDADES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA ORIENTA.' 01/10/1997 245 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN O. RIBEIRO

56. FIÚZA, ANA LOUISE DE CARVALHO. O PAPEL DA MULHER RURAL NAS POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL' 01/03/2001 366 F. DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UFRRJ

57. FLORES, JOSÉ CLAUDIO DE OLIVEIRA. ESTADO DA ARTE DA AGRICULTURA ORGÂNICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.' 01/12/2006 200 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO,

SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

58. FONSECA, JOVELINA OLGA GOMES DA. DESEMPENHO AGRONÔMICO DE ALFACE E RÚCULA EM FUNÇÃO DE DOSES DE COMPOSTO FERMENTADO EM CONDIÇÕES DE CULTIVO PROTEGIDO SOB MANEJO ORGÂNICO' 17/12/2013 37 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

59. FONSECA, MARIA FERNANDA DE ALBUQUERQUE COSTA. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO MERCADO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS' 01/03/2000 250 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA, UFRRJ

60. FONSECA, MARIA FERNANDA DE ALBUQUERQUE COSTA. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS MERCADOS DE ORGÂNICOS NO MUNDO E NO BRASIL: UMA INTERPRETAÇÃO' 01/02/2005 505 F. DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA

61. FONSECA, MARILIA MASSARD DA. RESGATE DA HISTÓRIA DE IMPLANTAÇÃO DO CAIC PAULO DACORSO FILHO NA UFRRJ E A PERSPECTIVA DE SUA TRANSFORMAÇÃO EM UM CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADO À EDUCAÇÃO AGROECOLÓGICA.' 01/03/2010 173 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ

62. FONSECA, MONICA CRISTINA CARDOSO DA. DIVERSIDADE DE PSEUDOMONAS SSP. FLUORESCENTES NO SISTEMA INTEGRADO DE PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA (SIPA), SEROPÉDICA-RJ.' 01/04/2003 98 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

63. FONTE, RENATA NÁPOLIS. PRODUÇÃO E QUALIDADE DE SEMENTES DE FEIJÃO-VAGEM SOB CULTIVO ORGÂNICO, NA REGIÃO MÉDIO SERRANA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.' 01/02/2012 45 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

64. FRADE, CARMEN OLIVEIRA. A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO PARA PENSAR E PRATICAR EA AGROECOLOGIA NA UFRRJ E SEUS ARREDORES' 01/05/2000 173 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA, UFRRJ

65. FRANCISCHETTI, ZÉLIA APARECIDA PEREIRA. A AGROECOLOGIA COMO TEMA TRANSVERSAL NA FORMAÇÃO DO

TÉCNICO AGRÍCOLA.' 01/12/2005 76 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRURALRJ

66. FRANCO, HEIDER ALVES. TECNOLOGIAS PARA A PRODUÇÃO ORGÂNICA E ARMAZENAMENTO DE SEMENTES DE FEIJÃO-DE-VAGEM CV. 'ALESSA' NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.' 10/07/2013 79 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

67. FROSSARD, ANTONIO CARLOS. PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E ARTICULAÇÃO DOS AGENTES FORMATIVOS DE TÉCNICOS EM AGROPECUÁRIA: INTERAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO DO CAMPO E DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL EM NOVA FRIBURGO (BRASIL) E LOBOS (ARGENTINA)' 25/02/2014 176 F. DOUTORADO EM CIÊNCIA TECNOLOGIA E INOVAÇÃO EM AGROPECUÁRIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

68. GELUDA, LEONARDO. SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO AMAZÔNICAS: CENÁRIO ATUAL E PERSPECTIVAS DAS FONTES DE FINANCIAMENTO.' 01/04/2010 182 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

69. GRAÇA, CRISTHIANE OLIVEIRA DA. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AGROECOLOGIA: O CASO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA EMBRAPA AGROBIOLOGIA' 01/03/2001 132 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UFRRJ

70. GRANHA, JOSÉ RODOLFO DANTAS DE OLIVEIRA. COMPORTAMENTO TERMODINÂMICO DOS AGROECOSSISTEMAS E A UTILIZAÇÃO DE SEUS COMPONENTES ESTRUTURAIS COMO FATORES INDICATIVOS DE SUA ESTABILIDADE.' 01/03/1999 125 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ.

71. GUEDES, REJANE ESCRIVANI. BASES PARA O CULTIVO ORGÂNICO DE FEIJÃO-CAUPI [VIGNA UNGUICULATA L. (WALP.)] NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO' 01/03/2008 75 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

72. GUIMARÃES, LEONARDO DURVAL DUARTE. AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO AGRÍCOLA: ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL PARA AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE SEROPÉDICA' 01/08/2011 63 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ
73. HENRIQUE, SEBASTIAO LOURENCO. DESEMPENHO AGRONÔMICO DO CONSÓRCIO DE MILHO E FEIJÃO-CAUPI, INOCULADO COM RIZÓBIO, CONDUZIDO SOB MANEJO ORGÂNICO NO MUNICÍPIO DE JANUÁRIA-MG' 09/05/2014 43 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
74. ISABEL, ROSA MARIA ROLDAN SANTA. ACRE: DAS LUTAS SOCIOAMBIENTAIS E O DESAFIO DE UM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.' 01/03/2001 141 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UFRRJ
75. JESUS, ELI LINO DE. AVALIAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE AGRÍCOLA: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL E METODOLÓGICA' 01/02/2003 204 F. DOUTORADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ
76. JORGE, MARCOS FILGUEIRAS. FERTIRRIGAÇÃO DO TOMATEIRO (SOLANUM LYCOPERSICUM) SOB MANEJO ORGÂNICO, UTILIZANDO ÁGUA RESIDUÁRIA DE BOVINOCULTURA DE LEITE' 19/07/2013 83 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
77. JÚNIONETO, DIONÍZIO HONÓRIO DE OLIVEIRA. NECESSIDADE HÍDRICA, FUNÇÃO DE RESPOSTA E QUALIDADE DA BETERRABA (BETA VULGARIS L.), SOB DIFERENTES LÂMINAS DE IRRIGAÇÃO E COBERTURAS DO SOLO EM SISTEMA ORGÂNICO DE CULTIVO' 01/02/2009 107 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
78. JUNIOR, ANTÔNIO DE ALMEIDA NOBRE. SUSTENTABILIDADE DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE OLERÍCOLAS SOB MANEJO ORGÂNICO EM UNIDADES FAMILIARES, NA REGIÃO SERRANA FLUMINENSE' 01/12/2009 197 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

79. JUNIOR, EDSON DE OLIVEIRA LIMA. UTILIZAÇÃO DE COMPOSTO ORGÂNICO NA FORMULAÇÃO DE SUBSTRATOS PARA PRODUÇÃO DE MUDAS DE ESPÉCIE FLORESTAL ' 18/12/2013 51 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
80. LANNASCIMENTO, KAMILA DE OLIVEIRA DO. OBTENÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE FARINHAS DE RIZOMAS E TUBÉRCULOS DE SISTEMA ORGÂNICO DE PRODUÇÃO E SUAS POTENCIALIDADES NO DESENVOLVIMENTO DE ALIMENTOS PARA CELÍACOS' 20/08/2015 162 F. DOUTORADO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
81. LAURIANO, LUCAS AMARAL. O ESTADO DA SUSTENTABILIDADE DO SETOR DA CONSTRUÇÃO BRASILEIRO' 17/04/2013 71 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES – BDTD
82. LEITÃO, ANA LETÍCIA ESPOLADOR. POLÍTICA PÚBLICA PARA A AGRICULTURA FAMILIAR: O PROGRAMA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS TERRITÓRIOS RURAIS (PROINF) NO TERRITÓRIO CAPARAÓ-ES' 01/11/2009 202 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO
83. LEITE, MARILENE DE OLIVEIRA. CARACTERIZAÇÃO DA QUALIDADE NUTRICIONAL, MICROBIOLÓGICA, FÍSICA E DE VIDA ÚTIL PÓS-COLHEITA DE ALFACE (LACTUCA SATIVA L.) IN NATURA, CULTIVADAS POR AGRICULTURA NATURAL, HIDROPONIA E MÉTODO CONVENCIONAL, HIGIENIZADAS E ACONDICIONADAS EM ATMOSFERA NATURAL' 01/09/2007 97 F. DOUTORADO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRAL
84. LIMA, JONAS TORRES. OBTENÇÃO DE FERTILIZANTES E SUBSTRATOS ORGÂNICOS A PARTIR DA COMPOSTAGEM DE BAGAÇO DE CANA MAIS TORTA DE MAMONA E SEU USO NA PRODUÇÃO DE ALGUMAS HORTALIÇAS' 15/05/2014 60 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
85. LIMA, MÁRCIO EMANOEL DE. CULTIVO DA BERINJELA (SOLANUM MELONGENA L.) EM MANEJO ORGÂNICO SOB

DIFERENTES SISTEMAS DE CULTIVO E LÂMINAS DE IRRIGAÇÃO NO MUNICÍPIO DE SEROPÉDICA-RJ' 01/12/2009 90 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

86. LIMA, MARIA DE FÁTIMA FURTADO. AS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO, MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO TÉCNICO EM AGROINDÚSTRIA DO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE RIO POMBA - MG.' 01/10/2006 110 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ

87. LINHARES, RENATO DE ASSIS. PROCESSO DE ADOCAO E POTENCIAL DE DIFUSAO DA AGRICULTURA ORGANICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.' 01/08/1993 100 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED

88. LIXA, ALICE TEODORIO. BIOECOLOGIA DE JOANINHAS PREDADORAS EM SISTEMA ORGÂNICO DIVERSIFICADO E EFEITOS DE DEFENSIVOS ALTERNATIVOS SOBRE COLEOMEGLILLA MACULATA (COLEOPTERA: COCCINELLIDAE) EM LABORATÓRIO' 22/02/2013 96 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

89. LIXA, ALICE TEODORIO. COCCINELLIDAE (COLEÓPTERA) USANDO PLANTAS AROMÁTICAS COMO SÍTIO DE SOBREVIVÊNCIA E REPRODUÇÃO EM SISTEMA AGROECOLÓGICO, E ASPECTOS BIOLÓGICOS EM CONDIÇÕES DE LABORATÓRIO' 01/06/2008 77 F. MESTRADO EM FITOSSANIDADE E BIOTECNOLOGIA APLICADA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

90. LOSS, ARCANGELO. FRAÇÕES ORGÂNICAS E AGREGAÇÃO DO SOLO EM DIFERENTES SISTEMAS DE PRODUÇÃO ORGÂNICO.' 01/02/2008 52 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ

91. LUZZI, NILSA. O DEBATE AGROECOLÓGICO NO BRASIL: UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DE DIFERENTES ATORES SOCIAIS' 01/12/2007 245 F. DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO

92. LUZZI, NILZA. A ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES ECOLÓGICOS DAS ENCOSTAS DA SERRA GERAL: ANÁLISE DE UMA

EXPERIÊNCIA AGROECOLÓGICA' 01/10/2001 137 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UFRRJ

93. MAFRA, FLAVIA LUCIANA NAVES. PRÁTICA, PODER E PERSPECTIVA EM RECONSTRUÇÃO: UM OLHAR SOBRE A TRAJETÓRIA DA EXPERIÊNCIA AGROECOLÓGICA DE ARAPONGA, MINAS GERAIS' 01/03/2006 153 F. DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

94. MARCHIORI, ANTONIO CARLOS CAETANO. SUSTENTABILIDADE DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE GENGIBRE (ZINGIBER OFFICINALE R.) CONSORCIADO COM LEGUMINOSAS NO BIOMA MATA ATLÂNTICA EM UBATUBA.' 01/05/2008 150 F. DOUTORADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ

95. MARQUES, MARDEN MANUEL RODRIGUES. AVALIAÇÃO FITOTÉCNICA DE GENÓTIPOS DE BANANEIRA (MUSA SP) EM SISTEMAS ORGÂNICOS DE PRODUÇÃO.' 22/02/2013 103 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

96. MARTELLETO, LUIZ AURÉLIO PERES. DESENVOLVIMENTO DO CICLO E DESEMPENHO AGRONÔMICO DO MAMOEIRO SOB CULTIVO ORGÂNICO EM AMBIENTE PROTEGIDO' 01/01/2007 192 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

97. MATA, MARIA GABRIELA FERREIRA DA. QUALIDADE DO SOLO E AVALIAÇÃO MICROECONÔMICA DE UM MÓDULO EXPERIMENTAL DE PRODUÇÃO ORGÂNICA INTENSIVA DE HORTALIÇAS' 01/07/2012 81 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

98. MAYA, TADZIA DE OLIVA. A ESCOLA DA MATA ATLÂNTICA: AGROECOLOGIA E CULTURA LIVRE NA CASA DAS SEMENTES LIVRES, ALDEIA VELHA, SILVA JARDIM, RJ' 02/12/2013 191 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES - BDTD

99. MEDEIROS, JENIFER CRISTINE. "O PROGRAMA BANCO COMUNITÁRIO DE SEMENTES DE ADUBOS VERDES NO ESTADO DO

RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO DE CASO DA ASSOCIAÇÃO AGROECOLÓGICA DE TERESÓPOLIS (AAT)'" 11/04/2014 109 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL

100. MELLO, FELIPE MARTINS CORDEIRO DE. CORREDORES ECOLÓGICOS NO BRASIL E NO MUNDO: UMA SÍNTESE DAS EXPERIÊNCIAS' 21/08/2013 90 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES - BDTD

101. MELLO, GABRIEL ALVES BOTELHO DE. CULTIVO ORGÂNICO DA CEBOLA, SUBMETIDO À ADUBAÇÃO ORGÂNICA E LÂMINAS DE IRRIGAÇÃO APLICADAS AUTOMATICAMENTE' 29/09/2015 67 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

102. MENDES, RENATO RIBEIRO. ATRIBUTOS ECOLÓGICOS, EDÁFICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS EM SISTEMAS AGROFLORESTAIS COM LEGUMINOSAS EM VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE, MT.' 01/02/2012 112 F. DOUTORADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS E FLORESTAIS INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

103. MENEZES, FRANCISCO ANTONIO FONSECA. "SEGURANÇA ALIMENTAR E SUSTENTABILIDADE, COMPLEMENTARIEDADES E CONFLITOS".' 01/07/1996 200 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN O. RIBEIRO - CPDA/UFRRJ

104. MENEZES, NATÁLIA SANTIAGO DE. AS CONSEQUÊNCIAS EDUCATIVAS DA IMPLANTAÇÃO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS NO ASSENTAMENTO NOVA AURORA-GO E DA RELAÇÃO ESCOLA (IF GOIANO - CAMPUS CERES) - COMUNIDADE' 01/11/2010 79 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ

105. MIGUEL, DIVINO LEVI. QUALIDADE DO SOLO SOB SISTEMAS AGROFLORESTAIS EM ÁREAS DE CAATINGA' 01/02/2012 80 F. DOUTORADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

106. MIRANDA, JOSÉ CARLOS DE. O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO RURAL SUSTENTÁVEL: ANÁLISE COMPARATIVA EM PALMAS – TO (BRASIL) E RIO CUARTO – COR (ARGENTINA)' 01/12/2012 123 F.

DOUTORADO EM CIÊNCIA TECNOLOGIA E INOVAÇÃO EM AGROPECUÁRIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UFRRJ

107. MORAES, ALEXANDER COPELLO. PERSPECTIVA DA EXPERIÊNCIA: O USO PÚBLICO COMO VETOR DE SUSTENTABILIDADE DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO – ESTUDO DE CASO DO PARQUE ESTADUAL DOS TRÊS PICOS - RJ' 04/12/2013 71 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES - BDTD

108. MOURA, JADIEL GUERRA DE. ESTUDO DE CASO DAS INICIATIVAS SOCIOAMBIENTAIS PARA A GESTÃO SUSTENTÁVEL EMPRESARIAL' 29/10/2013 108 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES - BDTD

109. NETO, DIONÍZIO HONÓRIO DE OLIVEIRA. OTIMIZAÇÃO DO USO DA ÁGUA E PRODUTIVIDADE DA CENOURA (DAUCUS CAROTA) SOB COBERTURAS MORTAS NO SOLO, EM SISTEMA AGROECOLÓGICO DE PRODUÇÃO' 16/10/2013 76 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

110. NETO, FERNANDO CÉSAR VEIGA. A CONSTRUÇÃO DOS MERCADOS DE SERVIÇOS AMBIENTAIS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL' 01/02/2008 380 F. DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

111. NETO, LUDGERO REGO BARROS. PROJETO EDUCANDO COM A HORTA ESCOLAR: CONTRIBUIÇÃO PARA O FORTALECIMENTO DAS PRÁTICAS EM AGRICULTURA ORGÂNICA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE CARINHANHA-BA.' 12/05/2014 93 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

112. NETTO, AMAZILE LOPEZ. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL EM AMBIENTES DE MONTANHA NO BRASIL E NA ARGENTINA' 27/09/2013 183 F. DOUTORADO EM CIÊNCIA TECNOLOGIA E INOVAÇÃO EM AGROPECUÁRIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE

FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

113. NOGUEIRA, RAFAEL MARQUES. USO DE PSEUDOCAULE DE BANANEIRA COMO COBERTURA MORTA EM SOLO CULTIVADO COM LARANJEIRA LIMA (CITRUS SINENSIS OSBECK) E MAMOEIRO "BAIXINHO DE SANTA AMÁLIA" (CARICA PAPAYA L.), SOB MANEJO ORGÂNICO DE PRODUÇÃO.' 01/03/2006 66 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

114. OITAVEN, SANDRO ROBERTO ARAUJO. DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL E EDUCAÇÃO DO CAMPO: INFLUÊNCIA DOS PROJETOS DE CONCLUSÃO DO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA POR ALTERNÂNCIA NAS COMUNIDADES RURAIS DE NOVA FRIBURGO (BRASIL) E LOBOS (ARGENTINA)' 28/04/2014 174 F. DOUTORADO EM CIÊNCIA TECNOLOGIA E INOVAÇÃO EM AGROPECUÁRIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

115. OLIVEIRA, ARLENE MARIA GOMES DE. EVOLUCAO DA MATERIA ORGANICA, MODIFICACOES NO PH E ALUMINIO TROCAVEL A PARTIR DA ADICAO DE SUBSTRATOS ORGANICOS E CALCARIO EM UM LATOSSOLO.' 01/09/1990 120 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED

116. OLIVEIRA, EVA ADRIANA GONÇALVES DE. DESENVOLVIMENTO DE SUBSTRATOS ORGÂNICOS, COM BASE NA VERMICOMPOSTAGEM, PARA PRODUÇÃO DE MUDAS DE HORTALIÇAS EM CULTIVO PROTEGIDO' 01/02/2011 65 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

117. OLIVEIRA, EVA ADRIANA GONCALVES DE. FORMULAÇÕES TIPO "BOKASHI" COMO FERTILIZANTES ORGÂNICOS NO CULTIVO DE HORTALIÇAS.' 31/03/2015 113 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

118. OLIVEIRA, FABIO LUIZ DE. BASES PARA O MANEJO ORGÂNICO DA CULTURA DO REPOLHO (BRASSICA OLERACEA VAR. CAPITATA, CV. ASTURS) NA BAIXADA METROPOLITANA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.' 01/02/2001 87 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

119. OLIVEIRA, FELIPE LATINI DE. CULTIVO DO QUIABEIRO SOB MANEJO ORGÂNICO NO PERÍODO DE OUTONO-INVERNO NAS CONDIÇÕES DA BAIXADA FLUMINENSE' 25/03/2013 61 F. MESTRADO

PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

120. OLIVEIRA, ISABEL CORREA FONTES CHAGAS DE. SISTEMATIZAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA AGROECOLÓGICA NO CERRADO BRASILEIRO: SUBSÍDIOS PARA O PLANEJAMENTO DE UNIDADES PRODUTIVAS DE BASES ECOLÓGICAS' 27/02/2013 120 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

121. OLIVEIRA, JOSÉ RIBAMAR DE. ENSINO TÉCNICO E SUSTENTABILIDADE: O PAPEL DO EGRESSO DA ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE COLORADO DO OESTE - RO.' 01/12/2009 78 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ

122. PARAGUASSU, LIDICE ALMEIDA ARLEGO. AVALIAÇÃO DE PRÁTICAS AGRÍCOLAS E O PARADIGMA DA SUSTENTABILIDADE: O CASO DE AGRICULTORES DE UNA, LITORAL SUL DA BAHIA' 01/06/2003 110 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA/UFRRJ

123. PEREIRA, EDILENE DE MENEZES. FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM VIGILÂNCIA EM SAÚDE: CONTRIBUIÇÕES PARA A EFETIVAÇÃO DE PRÁTICAS DA SAÚDE VOLTADA À PROMOÇÃO DA SAÚDE E SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL' 23/10/2013 78 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES - BDTD

124. PEREIRA, LUIZ CLAUDIO. CULTIVO ORGÂNICO DO FEJJOEIRO PELO SISTEMA DE PLANTIO DIRETO UTILIZANDO MILHETO E CROTALÁRIA COMO COBERTURA MORTA' 25/09/2014 50 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

125. PEREIRA, MARCELO DA SILVA. AVALIAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE DE SISTEMA DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE BASE ECOLÓGICA NO MUNICÍPIO DE NOVA FRIBURGO-RJ' 30/01/2013 36 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

126. PERRUSO, JULIO CESAR. INTERACOES BIOECOLOGICAS DE SELENASPIDUS ARTICULATUS (MORGAN, 1889) (HEMIPTERA, DIASPIDIDAE) NO AGROECOSSISTEMA CITRICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.' 01/09/1994 118 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED
127. PIAN, LIVIA BISCHOF. MATÉRIA ORGÂNICA E FUNGOS MICORRÍZICOS ARBUSCULARES EM UM MÓDULO EXPERIMENTAL DE PRODUÇÃO ORGÂNICA INTENSIVA DE HORTALIÇAS ' 23/02/2015 63 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
128. PIANA, AIRTON. AGRICULTURA ORGÂNICA: SUBJACENTE CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES SOCIAIS E SABERES.' 01/09/1999 90 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA E UFRRJ
129. PIMENTEL, GABRIELLE MACHADO. A ATUAÇÃO DO GRANDE VAREJO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA DEMANDA DE PRODUTOS ORGÂNICOS: O CASO DO PÃO DE AÇUCAR NA CADEIA DE FRUTAS, LEGUMES E VERDURAS ORGÂNICOS NA CIDADE DE SÃO PAULO' 01/08/2005 194 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA'
130. PIMENTEL, SAMARA DOS SANTOS. SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA: ANALISANDO NOVOS CAMINHOS EM BUSCA DA AMBIENTALIZAÇÃO DOS CURSOS.' 01/09/2009 89 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ
131. PINTO, DIOGO DE SOUZA. IDENTIDADES E TRAJETÓRIAS DE EDUCADORES NA AGROECOLOGIA' 21/02/2014 211 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED
132. PIVOTO, HERTON CHIMELO. CULTIVO ORGÂNICO DO MORANGUEIRO E CUSTO DE PRODUÇÃO EM DIFERENTES SISTEMAS SEMI-HIDROPÔNICOS' 11/12/2015 57 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
133. PRADO, BRUNO AZEVEDO. A CONSTRUÇÃO DE MODOS DE VIDA SUSTENTÁVEIS EM TORNO DA AGRICULTURA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: AGRICULTORES DO MACIÇO DA PEDRA BRANCA'

01/11/2012 1 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

134. QUEIROZ, MARCOS AURELIO CAMPOS DE. A DIFUSÃO DA AGRICULTURA ORGÂNICA DE BASE AGROECOLÓGICA: UMA DISCUSSÃO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE RÍO CUARTO (ARGENTINA) E SEROPÉDICA (BRASIL)' 24/04/2014 142 F. DOUTORADO EM CIÊNCIA TECNOLOGIA E INOVAÇÃO EM AGROPECUÁRIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

135. RANAURO, MARCIO LIMA. UMA AGENDA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DAS CIDADES BRASILEIRAS: EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21 LOCAIS FOMENTADAS PELO MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE NO PERÍODO 2003 A 2008' 08/04/2014 159 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

136. REIS, ERNANI JARDIM. EDUCAÇÃO AGRÍCOLA EM BASES AGROECOLÓGICAS: UMA PROPOSTA DE PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO PARA EXTENSIONISTAS RURAIS.' 01/06/2008 107 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ

137. REIS, LUCIANO LOPES. USO DE INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE EM SISTEMA DE AGRICULTURA MIGRATÓRIA NA REGIÃO SERRANA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.' 01/03/2002 155 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ

138. REIS, MARISE BATISTA DOS. "ARENGAS E PSICAS": AS REAÇÕES POPULARES À CRIAÇÃO DA RDS MAMIRAUÁ E AO MANEJO SUSTENTÁVEL E PARTICIPATIVO DOS RECURSOS NATURAIS' 01/05/2003 86 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA/UFRRJ

139. RENTE, ANDREA SIMONE GOMES. ÁREAS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL COMO INSPIRAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL COM LIBERDADE: O CASO DA CRIAÇÃO DA APA ALTER DO CHÃO' 01/03/2006 170 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO,

SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

140. RIBEIRO, EDUARDO CASTRO. PRODUTIVIDADE DE CEBOLA (ALLIUM CEPA L.) EM CULTIVO AGROECOLÓGICOSOB LÂMINAS DE IRRIGAÇÃO E COBERTURA DO SOLO' 27/02/2014 55 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

141. RIBEIRO, JOSE ROBERTO DE ASSIS. DIVERSIDADE E ECOFISIOLOGIA DE LEVEDURAS EM PLANTIO ORGÂNICO DE CANA-DE-AÇÚCAR.' 01/02/2009 159 F. DOUTORADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UFRRJ

142. RISSO, ILZO ARTUR MOREIRA. MANEJO ORGÂNICO DE BATATA-DOCE (IPOMOEA BATATAS L.) EM SUCESSÃO AO MILHO (ZEA MAYZ L.) CONSORCIADO COM LEGUMINOSAS PARA ADUBAÇÃO VERDE.' 01/08/2007 51 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

143. RITA, BEATRIZ DE SOUZA SANTA. EDUCAÇÃO, CULTURA ORGANIZACIONAL E SUSTENTABILIDADE: IDENTIFICAÇÃO DE PRÁTICAS CORPORATIVAS' 30/08/2013 76 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES - BDTD

144. RIZO, FABIO MELO. USO DE COBERTURA MORTA DE FLEMINGIA MACROPHYLLA NA PRODUÇÃO ORGÂNICA DE TOMATE TIPO ITALIANO' 20/02/2013 62 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

145. RODRIGUES, MARINETE BEZERRA. VARIAÇÃO MORFOLÓGICA E AGRONÔMICA E TOLERÂNCIA A ESTRESSES BIÓTICOS E ABIÓTICOS EM GENÓTIPOS DE TOMATE CEREJA SOB CULTIVO ORGÂNICO' 01/09/2012 67 F. PROFISSIONALIZANTE EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

146. ROSA, RICARDO DE CASTRO DA. MANEJO DA ADUBAÇÃO VERDE E ORGÂNICA PARA O CULTIVO DE MILHO VERDE EM SISTEMA ORGÂNICO DE PRODUÇÃO NO MUNICÍPIO DE CHAPADA DOS GUIMARÃES-MT' 28/04/2014 37 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

147. SALGADO, JOSE APARICIO DE AQUINO. CONTROLE DAS BROCAS DOS FRUTOS NO CULTIVO ORGÂNICO DO TOMATEIRO POR MEIO DE COBERTURA COM MANTA DE AGROTÊXTIL.' 31/10/2013 42 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
148. SALLES, RICARDO EDSON. COMPORTAMENTO PRODUTIVO E EFEITO DA ADUBAÇÃO ORGÂNICA NO CULTIVO DA AMOREIRA-PRETA (RUBUS SPP.), NA REGIÃO SERRANA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO' 07/03/2014 67 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
149. SALMI, ALEXANDRE PORTO. UTILIZAÇÃO DE FLEMINGIA MACROPHYLLA COMO ADUBO VERDE NA PRODUÇÃO ORGÂNICA DE HORTALIÇAS EM SISTEMA DE ALÉIAS' 01/08/2012 86 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
150. SANTOS, FABIANA SOARES DOS. CONTAMINAÇÃO DE UM AGROECOSSISTEMA POR METAIS PESADOS EM FUNÇÃO DO USO DE AGROQUÍMICOS EM DIFERENTES MANEJOS AGRÍCOLAS' 01/02/2001 108 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ
151. SANTOS, FABRICIO EDUARDO AMADOR DOS. RELAÇÕES PEDAGÓGICAS ENTRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AGROECOLOGIA' 15/12/2014 UNDEFINED F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED
152. SANTOS, LUIZA APARECIDA DOS SANTOS. PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS FRENTE A AGRICULTURA ORGÂNICA NA ESCOLA ESTADUAL MUNICIPALIZADA PROFESSORA CREUZA DE PAULA BASTOS EM SEROPÉDICA-RJ' 19/12/2014 56 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
153. SANTOS, SILVIO DA SILVA. EMISSÕES DE NH₃ E N₂O DE COMPOSTO ORGÂNICO E OUTRAS FONTES DE N APLICADAS EM SISTEMA DE PRODUÇÃO DE BETERRABA E ALFACE' 30/04/2013 78 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

154. SCOFANO, JULIANA ESPINDOLA. AVALIAÇÃO DA CONFORMIDADE ORGÂNICA: CENÁRIO, ENTRAVES E PERSPECTIVAS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO' 29/08/2014 163 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
155. SEYDI, LANSANA. AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL E NO SENEGAL: UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS PROJETOS DE TRABALHO DA AS - PTA NA PARAÍBA E DA ENDA TIERS - MONDE EM DAKAN -SENEGAL' 01/04/2002 76 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO,AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO CPDA
156. SILVA, CARMELINDA DA. TURISMO AGROECOLÓGICO OU DE AGROECOLOGIA: UM ESTUDO DE CASO' 31/03/2015 UNDEFINED F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED
157. SILVA, DIONE GALVÃO DA. NECESSIDADE HÍDRICA E PRODUTIVIDADE DA BATATA (SOLANUM TUBEROSUM L.) SOB DIFERENTES LÂMINAS DE IRRIGAÇÃO EM CULTIVO AGROECOLÓGICO' 01/02/2011 82 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
158. SILVA, EDMILSON EVANGELISTA DA. CULTIVO ORGÂNICO DE TARO E IMPACTO DO MANEJO FITOTÉCNICO NA QUALIDADE DO SOLO NA REGIÃO DE PATY DO ALFERES' 01/03/2010 121 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRR
159. SILVA, EDMILSON EVANGELISTA DA. MANEJO ORGÂNICO DA CULTURA DA COUVE EM ROTAÇÃO COM O MILHO, CONSORCIADOS COM LEGUMINOSAS PARA ADUBAÇÃO VERDE INTERCALAR EM PLANTIO DIRETO.' 01/03/2006 57 F. MESTRADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
160. SILVA, IRANILDE DE OLIVEIRA. JUVENTUDE E AGROECOLOGIA: CAMINHOS QUE SE CRUZARAM NA ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE CASTANHAL DO PARÁ' 24/01/2014 88 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ
161. SILVA, KATIA ALESSANDRA MENDES DA. APLICAÇÃO DA ANÁLISE DE RISCOS COMO FERRAMENTA PARA A GARANTIA DO ALIMENTO SEGURO E DA SUSTENTABILIDADE: ESTUDO DE CASO

NA TILAPICULTURA' 01/10/2012 115 F. MESTRADO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

162. SILVA, MARILIA RODRIGUES DA. A FORMAÇÃO DO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA DO COLÉGIO AGRÍCOLA NILO PEÇANHA CANP/RJ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A INTERFACE COM A AGROECOLOGIA.' 01/12/2009 114 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ

163. SILVA, MAURO CÉSAR ROCHA DA. RAZÕES DA SUSTENTABILIDADE DO GOVERNO DA FLORESTA: UMA RELEITURA DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO ACRE' 01/03/2011 469 F. DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

164. SILVA, SÉRGIO MOREIRA DA. UM PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL' 01/09/1996 167 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN O. RIBEIRO - CPDA/UFRRJ

165. SILVA, VLADIR FERNANDES DA. VERMICOMPOSTAGEM UTILIZANDO ESTERCO E PALHA ENRIQUECIDA COM N E P: PROCESSO DE PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO PARA A CULTURA DA CENOURA (DAUCUS CAROTA L.).' 01/03/1992 125 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED

166. SILVERIO, THIAGO CUNHA. EFEITO DA ADIÇÃO DO LEITE DE VACA À CALDA BORDALESA NO CONTROLE DA VARÍOLA DO MAMOEIRO EM DIFERENTES DENSIDADES DE CULTIVO EM SISTEMA ORGÂNICO' 04/12/2015 41 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

167. SIMAN, FREDERICO MAGALHAES. NAS MATAS DE PEÇANHA: CAMPESINATO E FOMENTO FLORESTAL NO PROCESSO DE MUDANÇA AGROAMBIENTAL' 24/08/2015 170 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN DE OTERO RIBEIRO

168. SOARES, SUZIANE HERMES DE MENDONCA. OS LAÇOS DA EDUCAÇÃO POPULAR E DA AGROECOLOGIA NA PRÁXIS DA ESCOLINHA DE AGROECOLOGIA DE NOVA IGUAÇU/RJ' 21/12/2015 135 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL
169. SOUSA, KÁTIA PAULINO DE. AVALIAÇÃO DE UM MÉTODO EXPERIMENTAL EM AGROECOLOGIA APLICADO AOS ALUNOS DO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA DO INSTITUTO FEDERAL DE TOCANTINS - CAMPUS ARAGUATINS' 01/06/2010 71 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ
170. SOUZA, ANDERSON BARBOSA DE. AGRICULTURA FAMILIAR EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DO PARQUE ECOLÓGICO DO MENDANHA' 01/05/2001 193 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UFRRJ
171. SOUZA, DANIEL GOMES DE. UTILIZAÇÃO DE UM SISTEMA ALTERNATIVO DE IRRIGAÇÃO NO CULTIVO ORGÂNICO DE PIMENTA CAMBUCI (CAPSICUM BACCATUM L. VAR. PENDULUM) NO MUNICÍPIO DE SEROPÉDICA, RJ' 01/03/2012 80 F. PROFISSIONALIZANTE EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
172. SOUZA, JOSÉ PAULO DE. ESTUDO DAS INTERAÇÕES INTERESPECÍFICAS EM CONSÓRCIOS DE OLERÍCOLAS, SOB SISTEMA ORGÂNICO.' 01/08/2003 137 F. DOUTORADO EM FITOTECNIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ
173. SOUZA, LUCIANA LOPES VIANNA. PERCEPÇÃO DO CONSUMIDOR EM RELAÇÃO ÀS HORTALIÇAS ORGÂNICAS' 01/09/2005 93 F. MESTRADO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
174. SOUZA, LUIZ CARLOS ALVES DE. PRINCÍPIOS AGROECOLÓGICOS NA FORMAÇÃO DO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA: ESTUDO DE CASO DA ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE.' 01/12/2009 66 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ

175. SPINELLI, BERNARDO MILWARD DE AZEVEDO. SISTEMA AGROFLORESTAL NA RECOMPOSIÇÃO DE ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE EM SEROPÉDICA- RJ ' 19/12/2013 41 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

176. TAVARES, PATRICIA DIAS. QUALIDADE DO SOLO EM SISTEMAS AGROFLORESTAIS NA MATA ATLÂNTICA' 26/02/2014 130 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

177. TIBA, MARGARETE SATSUMI. DESAFIOS DA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA E ASPECTOS AGRONÔMICOS DO TOMATEIRO EM NOVA FRIBURGO-RJ ' 30/07/2013 55 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRAL DA UFRRJ

178. UELE, DIONISIO INOCENCIO. IMPACTOS DOS MODOS DE VARIABILIDADE CLIMÁTICA NO CULTIVO DE MILHO EM REGIME DE SEQUEIRO: UMA ABORDAGEM DE APLICAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE AGRÍCOLA NA REGIÃO SUL DE MOÇAMBIQUE' 01/08/2013 159 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES - BDTD

179. VALE, ITALO GUIMARAES DO. RECUPERAÇÃO DO CENTRO ANALÍTICO EM REGIÕES CONVEXAS PERTUBADAS E A RESOLUÇÃO DO PROBLEMA DE VIABILIDADE AGRÍCOLA SUSTENTÁVEL' 14/04/2014 51 F. MESTRADO EM MODELAGEM MATEMÁTICA E COMPUTACIONAL INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

180. VIEIRA, IVANA DE ALMEIDA. AVALIAÇÃO DO EFEITO COMBINADO DA APLICAÇÃO DO BOKASHI E DE COBERTURAS MORTAS VEGETAIS NO DESEMPENHO AGRONÔMICO DE CULTIVOS ORGÂNICOS DE ALFACE E RÚCULA EM SUCESSÃO' 01/11/2012 44 F. PROFISSIONALIZANTE EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

181. VIEIRA, IZABELLE FERNANDA SILVEIRA. SUSTENTABILIDADE NAS PRÁTICAS DE CONSUMO DA “NOVA CLASSE MÉDIA” CARIOCA' 04/06/2014 191 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO,

SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

182. VIEIRA, MARIO SERGIO COSTA. APLICAÇÃO DO MÉTODO IDEA COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA AVALIAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE DE PROPRIEDADES AGRÍCOLAS NO MUNICÍPIO DE RIO POMBA-MG.' 01/12/2005 75 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRURALRJ

183. VILELLA, ANDRÉ LUIS OLIVEIRA. VARIABILIDADE ESPACIAL DA QUALIDADE FÍSICO-HÍDRICA DO SOLO DE UM SISTEMA EM PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA.' 01/07/2007 64 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ

184. VILLATORO, MARIA ANTONIETA ALFARO. MATÉRIA ORGÂNICA E INDICADORES BIOLÓGICOS DA QUALIDADE DO SOLO NA CULTURA DO CAFÉ SOB MANEJO AGROFLORESTAL E ORGÂNICO.' 01/11/2004 178 F. DOUTORADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ

185. VINHA, VALÉRIA GONÇALVES DA. A CONVENÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E AS EMPRESAS ECO-COMPROMETIDAS.' 01/03/2000 346 F. DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA, UFRRJ

186. ZANDONA, SILVER RODRIGUES. EFEITOS DA COBERTURA MORTA COM FLEMINGEA NO CULTIVO DO MORANGUEIRO MANEJADO ORGANICAMENTE SOB AMBIENTE PROTEGIDO' 07/05/2014 70 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

187. ARAUJO, EDIANA SILVA. INFLUÊNCIA DA DISPONIBILIDADE DE HIDROGÊNIO (H₂) NO DESENVOLVIMENTO VEGETATIVO DO MILHO SOB CONDIÇÕES CONTROLADAS. DOUTORADO EM FITOTECNIA. DEFESA 17/07/2013

188. CORDEIRO, ANA AMELIA DOS SANTOS. MANEJO DE ESPÉCIES DE COBERTURA DO SOLO ANTECEDENDO O CULTIVO ORGÂNICO DE REPOLHO. MESTRADO EM FITOTECNIA. DEFESA: 27/08/2012

189. CORREA, ANDRE LUIZ ADUBAÇÃO VERDE COM CROTALÁRIA CONSORCIADA AO MINIMILHO ANTECEDENDO A COUVE-FOLHA SOB MANEJO ORGÂNICO. MESTRADO EM FITOTECNIA. DEFESA: 28/07/2011

190. GONCALVES, FABIOLA VIEIRA. MANEJO DA IRRIGAÇÃO COM IRRIGÁIS®, TANQUE CLASSE A E UM SISTEMA AUTOMÁTICO DE BAIXO CUSTO NO CULTIVO ORGÂNICO DE ALFACE. MESTRADO EM FITOTECNIA. DEFESA 19/02/2013
191. JUNIOR, MURILO GONCALVES AVALIAÇÃO AGRONÔMICA DE LEGUMINOSAS ARBUSTIVAS UTILIZADAS PARA ADUBAÇÃO VERDE NAS CONDIÇÕES DA BAIXADA FLUMINENSE. MESTRADO EM FITOTECNIA. DEFESA 24/07/2013
192. ROCHA, MARIELLA CAMARGO VARIABILIDADE FENOTÍPICA DE ACESSOS DE TOMATE CEREJA SOB MANEJO ORGÂNICO: CARACTERÍSTICAS AGRONÔMICAS, FÍSICOQUÍMICAS E SENSORIAIS. DOUTORADO EM FITOTECNIA. DEFESA 29/02/2008
193. SANTOS, CARLOS ANTONIO BARRETO DOS. DESEMPENHO DA MANDIOCA (MANIHOT ESCULENTA CRANTZ) EM CONSÓRCIO COM ESPÉCIES DE COBERTURA DO SOLO UTILIZADAS PARA ADUBAÇÃO VERDE. DOUTORADO EM FITOTECNIA. DEFESA 28/06/2013

Teses e Dissertações com enfoque em Agricultura Familiar

1. ANDRADE, ROSELI BUENO DE. A CAPACITAÇÃO E O EMPRESARIAMENTO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DO NORDESTE: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO BN/PNUD' 01/11/1999 163 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA E UFRRJ
2. ARAÚJO, EDNALDO DA SILVA. VALIDAÇÃO DO MODELO NUTMON PARA O DIAGNÓSTICO DO MANEJO AGRÍCOLA: ESTUDO EM DUAS PROPRIEDADES FAMILIARES DO RIO DE JANEIRO.' 01/02/2008 105 F. DOUTORADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ
3. AZEVEDO, RAIMUNDA MARIA MARQUES DE. AGRICULTURA FAMILIAR E TURISMO: PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO NO MUNICÍPIO DE APODI – RN SEROPÉDICA-RJ 2014' 25/02/2014 121 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL

4. BARBOSA, RÔMULO SOARES. UNIVERSALIZAÇÃO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL RURAL: EFEITOS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR E O SINDICALISMO' 01/07/2002 143 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO CPDA
5. BELÉM, RÉGIS DA CUNHA. SEGURO AGRÍCOLA SUBSIDIADO NO RIO GRANDE DO SUL: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA EM POLÍTICA PÚBLICA PARA A AGRICULTURA FAMILIAR' 01/08/2004 192 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA
6. CECCONELLO, DARLEI. ESTUDO SOBRE A QUALIDADE DO LEITE PRODUZIDO PELOS AGRICULTORES FAMILIARES NO MUNICÍPIO DE SERTÃO/RS: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DOS TÉCNICOS EM AGROPECUÁRIA DO CAMPUS SERTÃO DO IFRS.' 01/10/2012 98 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
7. CHAME, SERGIO FARGUENBAUM. MODOS DE INTEGRACION ENTRE AGRICULTURA E AGROINDUSTRIAS. EL CASO DE LA AGRICULTURA DE CONTACTO EN PEQUEÑOS PRODUCTORES EN CHILE.' 01/04/1992 155 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED
8. CIPRANDI, OLIVIO. "MODERNIZACAO DA AGRICULTURA E SEUS IMPACTOS SOBRE A REESTRUTURACAO DA PRODUCAO FAMILIAR: O CASO DO PARANA E DO RIO GRANDE DO SUL" 01/08/1993 180 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED
9. DENARDI, RENI ANTONIO. POLITICAS PUBLICAS, PRODUCAO DE LEITE E AGRICULTURA FAMILIAR NO SUL DO BRASIL.' 01/09/1994 201 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED

10. ESPINDOLA, CLAUDIA DOS SANTOS. COMUNIDADE DE CACHOEIRA GRANDE: DE OPERÁRIOS FABRIS A AGRICULTORES FAMILIARES ASSENTADOS' 01/07/2004 142 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA
11. FERREIRA, JAQUELINE DA LUZ. EDUCAÇÃO DO CAMPO E POLÍTICAS PÚBLICAS: A SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA DAS CASAS FAMILIARES RURAIS NO ESTADO DO PARÁ' 01/09/2015 178 F. DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN DE OTERO RIBEIRO
12. GRISA, CATIA. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL: PRODUÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS IDEIAS' 01/06/2012 281 F. DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO
13. JÚNIOR, ADEMAR ESPÍNDULA. ASPECTOS NUTRICIONAIS E APTIDÃO AGRÍCOLA DAS TERRAS PARA O GENGIBRE (ZINGIBER OFFICINALE ROSCOE) EM AGRICULTURA FAMILIAR NA REGIÃO SERRANA DO ESPÍRITO SANTO.' 01/02/2008 72 F. MESTRADO EM AGRONOMIA (CIÊNCIAS DO SOLO) INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: DA UFRRJ
14. JUNIOR, GERALDO ALVES DE CARVALHO. MOVIMENTO CORPORAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA FAMILIAR DO VALE DO BANANAL NO MUNICÍPIO DE SALINAS-MG.' 01/11/2008 129 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ
15. JÚNIOR, VALDEMAR JOÃO WESZ. AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE AGROINDUSTRIALIZAÇÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR: ANÁLISE E AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA BRASILEIRA' 01/08/2009 282 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

16. LANCA, VIVIANE SOARES. DESAFIOS PARA POLÍTICAS DE APOIO À AGRICULTURA FAMILIAR EM ÁREA PERIURBANA: O CASO DA COOPERATIVA UNIVERDE - NOVA IGUAÇU/RJ' 15/08/2013 158 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

17. LOPES, HELENA RODRIGUES. AGROTÓXICOS NO COTIDIANO DOS AGRICULTORES FAMILIARES PRODUTORES DE OLERÍCOLAS NA REGIÃO DE BARBACENA/MG: PRÁTICAS, LEGITIMAÇÃO E INCERTEZAS' 31/08/2015 187 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN DE OTERO RIBEIRO

18. LUNARDI, VERA LUCIA. AS ORGANIZAÇÕES DOS TRABALHADORES RURAIS (SINDICATO, ASSOCIAÇÃO, COOPERATIVA) E A AGRICULTURA FAMILIAR - UMA REFLEXÃO SOBRE GOIÁS.' 01/04/1999 270 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA

19. MACHADO, CARINA TEIXEIRA DA COSTA. AGRICULTURA FAMILIAR, INSTRUMENTOS DE AÇÃO PÚBLICA E O JOGO DE INTERESSES: UMA ANÁLISE DO SELO COMBUSTÍVEL SOCIAL' 27/02/2015 145 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN DE OTERO RIBEIRO

20. MASELLI, MORGANA MARA VAZ DA SILVA. A COMPRA DE ALIMENTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR NO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR: UM BALANÇO DA (NÃO) IMPLEMENTAÇÃO DA POLÍTICA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO' 19/01/2016 118 F. MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED

21. MELO, JAIR MARTINS MARIA CAVALCANTE DE. DIAGNÓSTICO DE BOAS PRÁTICAS DE PRODUÇÃO, QUALIDADE HIGIÊNICO-SANITÁRIA E CARACTERIZAÇÃO QUÍMICA DE OVOS CAIPIRAS PRODUZIDOS POR AGRICULTORES FAMILIARES DE SEROPÉDICA-RJ.' 14/03/2013 56 F. MESTRADO EM CIÊNCIA E

TECNOLOGIA DE ALIMENTOS INSTITUIÇÃO DE ENSINO:
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA
BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO
RIO DE JANEIRO

22. MENASCHE, RENATA. "PERCEPÇÕES E PROJETOS:
AGRICULTURA FAMILIAR EM MUDANÇA - O CASO DA REGIÃO DE
SANTA ROSA, NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL". 01/11/1996 217 F.
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE
INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO
DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO IVAN O. RIBEIRO - CPDA/UFRRJ

23. MINUSSI, RUBEN CARLOS BENVEGNI. PRÁTICA DE
EXTENSÃO E AGRICULTURA FAMILIAR: A EXPERIÊNCIA DA
SEMANA DA FAMÍLIA RURAL DO INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TRIÂNGULO MINEIRO –
CAMPUS UBERLÂNDIA. 28/03/2013 127 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA
DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ

24. MONTEIRO, RODRIGO PARANHOS. DE FRONTEIRA A
TERRITÓRIO ? AGRICULTURA FAMILIAR NA AMAZÔNIA
OCIDENTAL; O CASO DA FORMAÇÃO DA BACIA LEITEIRA EM OURO
PRETO DO OESTE, RONDÔNIA. 01/03/2004 243 F. MESTRADO EM
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE
ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO,
SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA

25. MOREIRA, VILSON ALVES. DIAGNÓSTICO DA INSERÇÃO
PEDAGÓGICA PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DA ESCOLA
AGROTÉCNICA FEDERAL DE SALINAS – MG JUNTO AOS PEQUENOS
PRODUTORES DE AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE
SALINAS – MG. 01/09/2005 75 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA
DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRURALRJ

26. MOURA, JOANA TEREZA VAZ DE. CONSELHO MUNICIPAL DE
DESENVOLVIMENTO RURAL: ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DE
INTERESSES DA AGRICULTURA FAMILIAR? UM ESTUDO EM
CACHOEIRA DE MACACU, RJ. 01/08/2004 141 F. MESTRADO EM
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE
ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO,
SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA

27. OLIVEIRA, IVONE ADELINA DE. COMUNIDADE TRADICIONAL
E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL: UMA INTERPRETAÇÃO DAS

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE AGRICULTORES FAMILIARES DO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DO RIO DOCE (PERD), MG' 01/04/2000 205 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA, UFRRJ

28. PALM, JULIANO LUIS. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA AGRICULTURA FAMILIAR INTEGRADA NO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA: EXPERIENCIANDO AS TRANSFORMAÇÕES NO RURAL DE TEUTÔNIA-RS (1970-2010).' 01/10/2012 238 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

29. PASSOS, ASÉLIO VIEIRA. ESTUDO DAS ÉPOCAS DE COLHEITA E DESENVOLVIMENTO DE VAGENS DE FEIJÃO GUANDU (CAJANUS CAJAN L. MILL SP.) PARA OBTENÇÃO DE GRÃOS E SEMENTES NÃO COMERCIAIS EM PEQUENAS UNIDADES DE PRODUÇÃO FAMILIAR' 01/08/2012 46 F. PROFISSIONALIZANTE EM AGRICULTURA ORGÂNICA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRRJ

30. PICOLOTTO, EVERTON LAZARETTI. AS MÃOS QUE ALIMENTAM A NAÇÃO: AGRICULTURA FAMILIAR, SINDICALISMO E POLÍTICA' 01/06/2011 289 F. DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

31. PINHO, TEREZINHA FILGUEIRAS DE. ENSINO AGRÍCOLA E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A AGRICULTURA FAMILIAR.' 19/04/2013 107 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ

32. POMA, RICARDO MANUEL CHUQUIM. PERSPECTIVAS DE LA AGRICULTURA FAMILIAR PARCELARIA EN LA COSTA CENTRAL DEL PERU: VALLE DE CHINCHA.' 01/10/1997 205 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN O. RIBEIRO

33. POUBEL, MARILDA BUELONI PENNA. A TERRITORIALIDADE DA OCUPAÇÃO E UTILIZAÇÃO DA TERRA E OS ESPAÇOS DA AGRICULTURA FAMILIAR NO ESTADO DO PARANÁ' 01/12/2005 256 F. DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA
34. RAUPP, ANDRÉ KUHN. POLÍTICAS PÚBLICAS E AGROINDÚSTRIAS DE PEQUENO PORTE DA AGRICULTURA FAMILIAR EM CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE EXPERIÊNCIA NO RIO GRANDE DO SUL' 01/04/2005 241 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA
35. RAVERA, CÉLIA BEATRIZ. PRONAF, AGRICULTURA FAMILIAR EM MUDANÇA: DESAFIO DE UM NOVO PARADIGMA?' 01/12/1998 195 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN O. RIBEIRO
36. SANTANA, ALESSANDRO FERNANDES DE. ANÁLISE DO PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS – PAA COMO UM VETOR DE FOMENTO PARA A AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE ILHÉUS-BA: O CASO DA COOFASULBA' 30/08/2013 278 F. DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN DE OTERO RIBEIRO
37. SANTOS, AELCIO VANDER DOS. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NA PERSPECTIVA DA AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE CONFRESA - MATO GROSSO' 23/09/2013 72 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ
38. SANTOS, AELCIO VANDER DOS. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NA PERSPECTIVA DA AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE CONFRESA - MATO GROSSO' 23/09/2013 72 F. MESTRADO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: BIBLIOTECA DA UFRRJ
39. SILVA, BIANCA MOREIRA MARIQUITO NAIME. A INSERÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES NOS CIRCUITOS DE COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS: UMA ANÁLISE SOBRE O CASO

DE PARÁ DE MINAS' 11/05/2015 151 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN DE OTERO RIBEIRO

40. SILVA, MARIA HELENA ALVES DA. PARTICIPAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL: O CASO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE BERILO-VALE DO JEQUITINHONHA, MINAS GERAIS' 01/02/2005 112 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CPDA

41. SILVA, THADIA TURON COSTA DA. QUALIDADE DE HORTALIÇAS ORGÂNICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR NO CONTEXTO DA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE PETRÓPOLIS-RJ.' 11/12/2013 116 F. DOUTORADO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

42. SILVESTRO, MILTON LUIZ. ESTRATEGIAS DE REPRODUCAO DA AGRICULTURA FAMILIAR: O CASO DO OESTE CATARINENSE' 01/02/1995 245 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UNDEFINED

43. SOARES, ZARÉ AUGUSTO BRUM. AGRICULTURA FAMILIAR, MOVIMENTOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO RURAL NA REGIÃO DO BECO DE PAPAGAIO TOCANTINS: UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE SOCIEDADE CIVIL E DESENVOLVIMENTO' 01/05/2009 206 F. MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

44. SOUZA, DORACI CABANILHA DE. PROCESSOS SOCIAIS, AGRICULTURA FAMILIAR E A IMPLEMENTAÇÃO DO PRONAF INFRAESTRUTURA E SERVIÇOS: A EXPERIÊNCIA DO MUNICÍPIO DE ARACI' 01/08/2000 208 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: UFRRJ

45. TEIXEIRA, VANESSA LOPES. PLURIATIVIDADE E AGRICULTURA FAMILIAR NA REGIÃO SERRANA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.' 01/09/1998 184 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN O. RIBEIRO

46. TIBÚRCIO, BRENO ARAGÃO. ATORES SOCIAIS, AGRICULTURA FAMILIAR E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA NACIONAL DE PRODUÇÃO E USO DE BIODIESEL' 01/08/2011 195 F. DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVAN OTERO RIBEIRO

47. VASCONCELOS, HELENIRA ELLERY MARINHO. PRODUÇÃO FAMILIAR NO NORDESTE: DEFINIÇÕES E REDEFINIÇÕES NAS PROPOSTAS DO SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - SNPA.' 01/05/1997 100 F. MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO IVA O. RIBEIRO

Dissertações do curso de Pós Graduação em Agricultura Orgânica (não referenciadas diretamente com a Agroecologia no título da produção)

1. CARVALHO, FREDERICO SIMOES DE. ADUBAÇÃO VERDE PARA PRODUÇÃO DE AVEIA (AVENA STRIGOSA SCHREB) COMO FORRAGEIRA DE INVERNO EM SUCESSÃO NA ZONA DA MATA MINEIRA. DEFESA: 23/10/2012

2. ALCANTARA, IVAN. ASSOCIAÇÃO DE SEMENTES PRÉ-GERMINADAS DE ALFACE (LACTUCA SATIVA L.) COM TRICHODERMA SPP. DEFESA: 28/02/2014

3. LIMA, VIVIANE CRISTINA SILVA. AVALIAÇÃO DE PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA DE AUTOMAÇÃO DE BAIXO CUSTO PARA IRRIGAÇÃO: ESTUDO DE CASO NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE JACARÉ – ITINGA (MG). DEFESA: 26/11/2012

4. VIEIRA, IVANA DE ALMEIDA. AVALIAÇÃO DO EFEITO COMBINADO DA APLICAÇÃO DO BOKASHI E DE COBERTURAS MORTAS VEGETAIS NO DESEMPENHO AGRONÔMICO DE CULTIVOS ORGÂNICOS DE ALFACE E RÚCULA EM SUCESSÃO. DEFESA: 30/11/2012
5. CONCEICAO, RENATA BRIATA DA. CARACTERIZAÇÃO DO PROCESSO FERMENTATIVO E DA MICROBIOTA ENVOLVIDA NA PRODUÇÃO DO KEFIR DE ÁGUA. DEFESA: 21/09/2012
6. PEREIRA, THAIS ESTEFANI. CONSERVAÇÃO PÓS-COLHEITA DE ANTÚRIOS (ANTHURIUM ANDRAEANUM LINDL.) E ROSAS (ROSA SP.) E EM DIFERENTES SOLUÇÕES PRESERVATIVAS. DEFESA: 29/04/2014
7. PEREIRA, LUIZ CLAUDIO. CULTIVO ORGÂNICO DO FEIJOEIRO PELO SISTEMA DE PLANTIO DIRETO UTILIZANDO MILHETO E CROTALÁRIA COMO COBERTURA MORTA. DEFESA: 25/09/2014
8. ROCHA, BRAULY MARTINS. DESEMPENHO DE UM INOCULANTE A BASE DE EXTRATO DE NÓDULOS PARA SEMENTES DE FEIJOEIRO COMUM. DEFESA: 21/11/2013
9. MENDES, MARCIO MORAES. DISPOSITIVO DE BAIXO CUSTO PARA AUTOMAÇÃO DE SISTEMA DE IRRIGAÇÃO E SUA AVALIAÇÃO NA PRODUÇÃO DE MILHO VERDE ORGÂNICO. DEFESA: 30/07/2013
10. BITTAR, ANA CRISTINA. EFEITO DE NÍVEIS DE SOMBREAMENTO SOBRE A POPULAÇÃO E DANOS DE CORNOPS FRENATUM FRENATUM (MARSCHALL) (ORTHOPTERA: ACRIDIDAE) EM HELICÔNIAS E PARÂMETROS PRODUTIVOS DESSAS PLANTAS EM SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA, RJ. DEFESA: 29/08/2013
11. JUNIOR, HERCIDES MARQUES DE FRANCA. ESTABELECIMENTO DE ESPÉCIES FLORESTAIS NATIVAS DA MATA ATLÂNTICA PLANTADAS EM ÁREAS DEGRADADAS NO ENTORNO DA RESERVA BIOLÓGICA DO TINGUÁ, NOVA IGUAÇU, RJ. DEFESA: 28/02/2013
12. OLIVEIRA, SABRINA DA COSTA DE. ESTUDO DE CASO - CADEIA LEITEIRA COOPERATIVISTA FLUMINENSE E A ADOÇÃO DOS SISTEMAS SILVIPASTORIS. DEFESA: 22/12/2014
13. PASSOS, ASELIO VIEIRA. ESTUDO DE ÉPOCAS DE COLHEITA E DESENVOLVIMENTO DE VAGENS DE FEIJÃO GUANDU [CAJANUS CAJAN (L.) MILLSP.], PARA OBTENÇÃO DE GRÃOS E SEMENTES NÃO COMERCIAIS EM PEQUENAS UNIDADES DE PRODUÇÃO FAMILIAR. DEFESA: 17/08/2012

14. MARACAJA, DJAIR BRANDAO. MELIPONICULTURA EM QUINTAIS PRODUTIVOS: ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL E CONSERVAÇÃO DO BIOMA CAATINGA NO TERRITÓRIO DA CIDADANIA DO SISAL, BAHIA. DEFESA: 13/09/2012
15. PALERMO, LUIZ FELICIO. PANORAMA DA BANANICULTURA E MONITORAMENTO FITOSSANITÁRIO DE CULTIVARES DE BANANEIRA (MUSA SPP. L.), SOB DOIS SISTEMAS DE CULTIVO, IMPLANTADOS EM CONDIÇÕES DE ALTITUDE E DE BAIXADA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. DEFESA: 28/08/2012
16. SILVA, MARLON SARUBI DA. PLANEJAMENTO DE USO DO SOLO DA MICROBACIA DO CÓRREGO NILO PEÇANHA EM PINHEIRAL, RJ. DEFESA: 27/03/2013
17. BENTO, VANIA MARCIA VELUDO. PRODUÇÃO DE MUDAS DE CHICÓRIA EM CULTIVO PROTEGIDO A PARTIR DE DIFERENTES SUBSTRATOS ENRIQUECIDOS E DA INOCULAÇÃO COM PSEUDOMONAS FLUORESCENTE. DEFESA: 30/06/2014
18. YAMAMOTO, SONIA MASUMI. TRICHODERMA SPP. NO CONTROLE DE HÉRNIA DAS CRUCÍFERAS E NA PROMOÇÃO DE CRESCIMENTO DE RÚCULA. DEFESA: 25/10/2012